

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

ULISSES ABRUZIO

**A Ação Pastoral de Padre Cícero a partir
dos Sertanejos:
Fé e Vida**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

ULISSES ABRUZIO

**A Ação Pastoral de Padre Cícero a partir
dos Sertanejos:
Fé e Vida**

Dissertação apresentada à Banca examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito.

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2008

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

À CAPES que sem o seu auxílio não seria possível a realização deste trabalho.

Em especial, agradeço ao meu orientador Dr. José ~~É~~cio da Costa Brito, além de um profissional de competência, soube entender minhas dificuldades. A ele tenho muito a agradecer. Também à minha amiga, Brígida ~~M~~andrino, que acompanhou meu trabalho, exigindo dela dedicação na correção dos textos, que muito tenho que reconhecer e agradecer.

À minha família, esposa ~~M~~aria ~~M~~aria Costa da Silva Abruzio, meus filhos, Talita, Bruno e Luana, que tiveram paciência durante este período de ausência e souberam respeitar este momento, com muita confiança.

RESUMO

O presente estudo analisa, diante da realidade nordestina, a trajetória e a ação pastoral do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte. Diante de sua perspectiva de evangelização, Padre Cícero foi o mensageiro da libertação do povo oprimido, povo esse, que diante das dificuldades do dia-a-dia era constantemente espoliado e explorado por um sistema político e uma classe dominante que o exclui. O contexto do final do século XIX retrata a dicotomia entre a religiosidade da Igreja Oficial e a religiosidade popular. Diante dessa realidade, Padre Cícero desponta com sua ação pastoral em busca da liberdade do povo simples, respeitando suas tradições e sua religiosidade, comprometendo-se com uma transformação através da fé.

Associando fé e vida, e inserindo o povo como agente de sua própria história, não é exagero falarmos de que Padre Cícero inaugurou, mesmo que de maneira embrionária, uma proto-teologia, teologia, essa, que mais tarde foi chamada de Teologia da Libertação.

Palavras-chaves: Padre Cícero; cultura popular; teologia da libertação.

ABSTRACT

The present study analyses the trajectory and the pastoral action of Priest Cícero in the city of Juazeiro do Norte. Facing the perspective of the evangelization, Priest Cícero was the messenger of the freedom of the oppressed people, constantly spoiled and explored by a political system and a dominant class. The context of the end of the XIX century reveals the dichotomy between the religiosity of the official Church and the popular religion. Against this reality, Priest Cícero rises with your pastoral action in search of the freedom of the simple people, respecting your traditions and your religiosity, committing himself with the transformations through the faith.

Associating faith and life and putting the people as active agent of your own history, it's not an overplay to say that Priest Cícero created, although in a embrionary way a proto-theology, later called as Theology of Freedom.

Key-words: Priest Cícero, popular culture, theology of freedom.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo I: A realidade do Nordeste: origem e riqueza da terra	11
1.1 – A região do Cariri: um breve recorte histórico	11
1.1.1 – Geografia da região	11
1.1.2 – A ocupação pecuarista do sertão no século XVII	15
1.1.3 – Os movimentos liberais diante do Estado Absolutista	16
1.1.4 – O movimento liberal: a realidade do Ceará e sua evolução política e econômica	19
1.1.5 – Os interesses agrários e a posição do coronelismo pós-independência: desigualdade social – riqueza e pobreza	20
1.1.6 – Os interesses agrários e o período republicano	23
1.2 – O catolicismo no Brasil	26
1.2.1 – A colônia e o catolicismo português	26
1.2.2 – A independência: religiosidade católica	29
1.2.3 – O processo de Romanização	30
Capítulo II: Padre Ibiapina: contradições reveladas	35
2.1 – Padre Ibiapina: sua vida e sua missão	35
2.2 – Tensões entre religiosidade popular e Igreja Oficial	42
2.3 – Autonomia pastoral geradora de sofrimento	48
Capítulo III: Padre Cícero, um sacerdote profético	53
3.1 - Chamado a servir aos pobres	53
3.1.1 – Trajetória de Padre Cícero	53
3.1.2 – O chamado de Padre Cícero e sua ação pastoral	55
3.1.3 – A separação Igreja – Estado: contextualizando a ação pastoral	58

3.2 - Sensibilidade pastoral: a marca do homem	60
3.3 – O Pastor é sinal de contradição	62
3.3.1 – A perspectiva bíblica da questão da terra	65
Capítulo IV: Perfil da ação pastoral do Padre Cícero	69
4.1 – Um mediador de vida e de esperança	69
4.2 – Valorização dos romeiros e da mulher	73
4.2.1 – A beata Maria de Araújo: reflexo da ação pastoral	75
4.2.2 – Romeiros: a resistência de Padre Cícero	77
4.3 – Salvação: a fé como compromisso político	80
4.4 – Padre Cícero à frente de seu tempo	82
4.5 – Uma pastoral libertadora	88
Conclusão	94
Bibliografia	97

INTRODUÇÃO

Como Diácono da Igreja Católica, sempre me inquietou o povo sofrido do Nordeste, suas perspectivas, suas esperanças, suas crenças e sua fé. A situação de pobreza, a luta pela sobrevivência, muitas vezes, a ignorância política e o próprio descaso das autoridades em relação ao povo. Daí, o interesse em estudar Padre Cícero, em Juazeiro do Norte. Estudar a “ação pastoral” do Padre Cícero, a partir dos sertanejos é de importância vital para compreendermos a realidade do povo sertanejo, bem como suas perspectivas e esperanças. É importante a percepção das transformações ocorridas com o advento da Proclamação da República, que teve como conseqüências a quebra do Padroado Régio. Somado a tudo isso, despertou-me o interesse de examinar, em profundidade, a ação da Igreja hierárquica no século XIX, como também a dicotomia entre o catolicismo oficial e o catolicismo popular, principalmente quando esse catolicismo oficial se impôs como uma doutrina romanizada, provocando, com isso, uma perseguição implacável à religiosidade popular e também a Padre Cícero.

O tema é de relevância por se tratar de uma análise sobre as relações entre fé e “ação pastoral” política, que pressupõe um conhecimento do contexto histórico do Brasil, de suas raízes, de suas elites e de suas manifestações populares. A própria mentalidade evangelizadora, desde os tempos da colonização, marca a postura da Igreja europeizada na imposição da fé:

Antes de dar os primeiros passos da “conquista espiritual” ao descobrimento de uma “nova evangelização”, devemos analisar a primeira evangelização que aconteceu no interior de uma conjuntura de expansão européia e de uma estrutura colonial. Essa conjuntura expansionista e estrutura colonial comprometeram certamente o início da atividade missionária da Igreja e ainda hoje representam um desafio para sua atuação pastoral. (RAMPINELLI, 1999: 47)

Tendo presente esse contexto, é possível esclarecer as relações entre Juazeiro do Norte e a cidade de Crato, marcada pela presença da Igreja Oficial, leiga com uma intensa vivência popular da fé. É dentro dessa ótica que pretendo analisar as diferenças entre a cidade de Crato, sede episcopal da Igreja Oficial, e

Juazeiro do Norte, na sua simplicidade de manifestações da fé popular, especialmente, a partir do milagre da Beata Maria de Araújo.

Quando Padre Cícero chegou ao Juazeiro do Norte, a cidade era insignificante, como nos relembra Barreto de Sá:

Um aglomerado de casas de taipa, convergindo para uma Capela dedicada a Nossa Senhora das Dores, dona do lugar; erigida pelo primeiro capelão – Padre Pedro Ribeiro de Carvalho; freqüentada por pessoas, somente com os “rudimentos da fé” e viciadas, aos sábados e domingos, aos sambas e forró que se prolongavam noite a dentro; atraindo cambiteiros e moradores dos sítios, dependentes da cachaça dos alambiques espalhados em toda a região, com promiscuidade, até às portas da bagaceira moral. (apud RAMPINELLI, 1999: 34-35)

A devoção para o progresso da região lentamente foi se organizando e chegou a tomar uma decisão diante de Crato, no sentido de não pagar mais impostos e declarar a sua independência.

Esse movimento, que encontrava na fé sua força, é considerado uma rebeldia pela Igreja Oficial e seu clero romanizado. Este fato deixa transparecer as tensões entre a fé popular e as orientações do clero romanizado. A fé leiga popular, muito mais enraizada na vida do povo pobre do Juazeiro do Norte. Segundo Della Cava: “Além da visão apocalipse, a “nova religião” oferecia aos crentes alívio dos sofrimentos terrenos” (1976: 80). A proposta da Igreja Oficial é mais abstrata, distante das reais necessidades do povo, enquanto que a experiência religiosa realizada em Juazeiro do Norte estava mais perto da vida do povo. É diante desse quadro que o presente estudo procura dar uma resposta, entendendo a fé como geradora de transformações libertadoras no contexto social, político, econômico e religioso.

No primeiro capítulo faremos uma análise geral do processo de colonização do Brasil, principalmente no início da expansão marítima européia. A preocupação é esclarecer os efeitos da dominação portuguesa, a partir da política, da economia, da sociedade e da religião, que trouxe o mercantilismo para o Brasil, bem como esclarecer o processo que deu origem à escravização, em primeiro lugar, dos nativos e, em segundo, dos negros. O caráter da colonização gerou a formação das castas sociais, dando origem às desigualdades sociais, que se refletiu no papel dos

poderes locais, bem como no Nordeste, que trouxe efeitos negativos ao povo nordestino posteriormente no século XIX. Retratar a realidade geográfica do Cariri, a economia da região e as contradições existentes num sistema que explorava e excluía o povo sertanejo.

No segundo capítulo mostraremos as atitudes do Padre Ibiapina, destacando o amor para com o povo sertanejo e as tensões entre a religiosidade da Igreja oficial e a religiosidade popular. A atividade pastoral de Padre Ibiapina, a construção de sua obra missionária, as casas de caridades, sua trajetória missionária e seus desafios diante da realidade de pobreza e de discriminação social para com o povo simples, ressaltaram o homem que sabia como se relacionar tanto na esfera da pobreza como na elite, inspirando indiretamente as atividades do Padre Cícero.

No terceiro capítulo ressaltaremos a questão do Chamado de Jesus ao Padre Cícero em sonho e sua chegada em Juazeiro do Norte. A concepção de doação e de comprometimento com as realidades antagônicas. Por um lado Padre Cícero mostrou-se sensibilizado com o sofrimento do povo sertanejo, de outro a obrigatoriedade com Igreja Oficial e seu projeto tridentino de romanização. A “ação pastoral” de Padre Cícero, na questão referente à justiça social, estava associada à reforma agrária, pois o trabalho e a oração eram duas regras fundamentais de sua trajetória sacerdotal. Poderemos entender sua opção pelos pobres e seu comprometimento com o amor de Jesus pelos homens.

No quarto capítulo descreveremos seu projeto de vida. Traçando seu perfil de ação pastoral, que estava interligado com o seu papel de mediador da esperança, esperança que defende com todo ardor, como princípio fundamental que levou aos desesperançados diante da dureza da vida, um horizonte de fé e solidariedade. Foi no dia-a-dia da vida do povo simples, que Padre Cícero soube valorizar, tanto romeiros como as mulheres, mulheres que diante uma sociedade marcada pelo machismo, não possuem nem vez, nem voz.

Padre Cícero soube que fé e política fazem uma combinação de compromisso e transformação. Transformação, essa, que perpassou os limites da política tradicional, ou seja, partidária, interesseira e exploradora do povo simples. É essa realidade que revela Padre Cícero como “proto-libertador” do povo oprimido, que ressalta sua característica marcante de ação pastoral libertadora.

CAPÍTULO I: A REALIDADE DO NORDESTE: ORIGEM E RIQUEZA DA TERRA

Neste capítulo analisaremos o contexto histórico do Nordeste, na época da colonização, para compreendermos, numa ótica mais abrangente, Padre Cícero. Padre Cícero viveu e exerceu seu ministério sacerdotal e suas ações pastorais nessa rede de relações sociais, políticas e eclesiais, bem como seu antecessor, Padre Ibiapina, inspirador de toda trajetória de Padre Cícero.

Juazeiro do Norte ficou conhecida pela sua tradição religiosa, mas fundamentalmente, pelo seu fundador, Padre Cícero Romão Batista, bem como pela sua trajetória política, que contribuiu para a emancipação política da cidade em 1911. Antes de sua emancipação política, Juazeiro era uma cidade dependente de Crato, cidade vizinha, que sempre teve o controle econômico e político sobre Juazeiro. Cidade natal de Padre Cícero, que mais tarde rejeitou o próprio filho da terra, por sua postura de opção pelos pobres, pela sua pastoral voltada para os romeiros e por sua inserção no catolicismo popular. (Cf. FIGUEIREDO NETO, 2005)

Nesse contexto, estão inseridos homens como Padre Ibiapina e Padre Cícero, que se sensibilizaram com os sofrimentos do povo. Ambos serão objeto de análise no próximo capítulo. Assim, nos aproximaremos um pouco mais da experiência religiosa popular, fonte de vida e de resistência do povo sertanejo. Nessa análise descreveremos o catolicismo, para compreendermos a religiosidade popular presente no sertão. Em seguida, nos aproximaremos um pouco mais da experiência religiosa popular, fonte de vida e resistência do povo sertanejo, ancorados nos momentos históricos para uma compreensão da religiosidade popular no sertão.

1.1 – A região do Cariri: um breve recorte histórico

1.1.1 – Geografia da região

Como primeiro ponto dessa realidade, se faz necessário localizar a origem do nome Cariri, antes de sua emancipação. Chamada de Taboleiro Grande, o extremo sul do atual Estado do Ceará, na região que foi denominada de Cariri, quase divisa

com os estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí. A região se estende de Juazeiro do Norte até Fortaleza e possui quinhentos e sessenta e três (563) quilômetros. Hoje, Juazeiro é considerada uma das maiores cidades do interior. O nome está associado aos índios cariri, que habitavam a região desde a fase paleolítica da história. Esse nome era dado às tribos que habitavam a serra do Araripe. Segundo Figueiredo Neto (2005), em tupi, Kariri quer dizer: tristonho, calado, silencioso. Era dessa forma que os colonizadores viam esses nativos.

O contraste entre o nordeste brasileiro e o vale do Cariri é marcante. O Cariri apresenta-se como um grande lençol verde com imensos canaviais, árvores frondosas e agricultura forte. O Cariri é uma terra fértil tanto do ponto de vista do solo, quanto do clima, graças à abundância de água da região. “O Vale do Cariri, é um verdadeiro Oásis cercado por todos os lados por infinitas extensões de terras planas” (FIGUEIREDO NETO, 2005: 13-14).

O Vale do Cariri, região onde se situa a sede da atual Diocese de Crato, foi onde transcorreu a vida do Padre Cícero Romão Batista. Ocupado nas primeiras décadas dos séculos XVII e XVIII por fazendeiros criadores de gado, provenientes da Bahia e de Pernambuco, “A criação de gado começou nas proximidades dos engenhos, mas a tendência à ocupação das terras mais férteis para o cultivo da cana foi empurrando os criadores para o interior” (FAUSTO, 2004: 84).

Do Cariri à Serra da Ibiapaba, muitos missionários jesuítas estabeleceram aldeamentos, desde Missão Nova, Missão do Miranda – o Crato -, até, Thauá, São Gonçalo dos Cocos e a Vila Viçosa. No mapa abaixo temos uma idéia de distância.



Figura 1 – Mapa de Crato

Obs.: Crato está situada a uma atitude de 422 m, à 562Km de Fortaleza

Sob o aspecto do contexto social e histórico, podemos vislumbrar algumas realidades, reflexos da colonização do nordeste, dando destaque a realidade do Ceará. A população do Ceará na época da colonização era predominantemente composta por índios, sendo que nessa composição destacavam-se índios livres, vivendo em aldeias ou mesmo fora de suas tribos. Nos séculos XVII e XVIII, as famílias portuguesas, que por ali se aventuraram, em sua maioria, provinham de Pernambuco, Paraíba e Bahia. Essas famílias vieram acompanhadas de numerosos indígenas e mestiços.

Sob o aspecto social, pelo menos três realidades impulsionaram o trabalho escravo na região: a primeira a exploração do gado; a segunda a implantação da plantação de cana, que com seus engenhos e seus alambiques esparramados pelas encostas das serras e das zonas úmidas empregaram uma numerosa mão-de-obra escrava; e, por último, o surto algodoeiro, nos fins do século XVIII e início do século XIX, momento de incremento do trabalho escravo.

Em 1877, com a grande seca que assolou de forma radical a região, dizimando quase em sua totalidade o gado, criando uma interrupção nas charqueadas, acelerou-se o processo de venda dos escravos, suscitando e fortalecendo o movimento abolicionista.

Os jangadeiros do Ceará recusaram-se a transportar escravos para os navios, escravos que tinham sido vendidos para o Sul. Nesse momento era intenso o tráfico interprovincial, pois o tráfico atlântico tinha sido proibido, em 1850, e a Lei Rio Branco, de 28 de setembro de 1871, tinha sido aprovada:

Os preços de escravos começaram a cair após a aprovação da Lei Rio Branco, em 28 de setembro de 1871, que aboliu o direito dos senhores escravizarem os filhos de suas cativas, apontando a inevitabilidade do fim da escravidão no país e contribuiu diretamente para o declínio progressivo nos preços de escravos nos anos de 1870 e 1880. (SOARES, 2007: 49)

A criação de gado é responsável pela penetração no interior do nordeste, associada ao cultivo de cana-de-açúcar para a produção de cachaça e de rapadura, predominante no Vale do Cariri. A região exercia uma forte atração pela sua fertilidade e atraiu fazendeiros e agricultores da Bahia e de Pernambuco, nas

primeiras décadas do século XVIII. Sítios, fazendas e aldeamentos foram edificados nessa época, dando origem aos vilarejos e as cidades, entre estas se destaca Crato.

No período colonial, o Vale, desenvolveu o cultivo de cana-de-açúcar e a produção de rapadura, o que forçou o deslocamento da pecuária para outras áreas. A economia agro-pastoril do interior nordestino foi responsável pelo abastecimento dos grandes engenhos de cana da zona agreste, que produziam açúcar mascavo para os mercados europeus. Rapidamente, o Vale do Cariri ganhou unidades produtivas independentes, graças à valorização do açúcar no mercado externo.

Com o crescimento da atividade agro-pastoril, o Vale do Cariri transformou Crato num pólo urbano de intensa atividade comercial. Já no século XIX, a característica básica da região é a de ser grande fornecedora de gêneros agrícolas e também de matérias-primas, como, por exemplo, o algodão que teve seu fornecimento maior com o desenvolvimento dos centros urbanos como Fortaleza e Recife.

Esse contexto histórico possibilitou a formação de uma estrutura social com forte hierarquização. No topo da hierarquia social, encontramos os grandes fazendeiros, senhores de engenhos, proprietários de grandes extensões de terras, a seguir vemos os comerciantes locais, que eram detentores de riquezas. Os trabalhadores agrícolas, na parte inferior da estrutura social, eram utilizados como mão-de-obra para a lavoura ou como recrutas da milícia local: “As milícias eram tropas auxiliares recrutadas, entre os habitantes da colônia, para serviços obrigatórios e não-remunerados” (FAUSTO, 2002: 63).

Já no final do século XVIII, Crato apresentava-se com uma densa população e ocupava um lugar de destaque no vale. No final do século XVIII, em plena crise, Crato continuou mantendo sua importância. Este fato é explicado, em parte, pela aliança política com a cidade de Recife, principal porto da região, uma vez que as relações com Fortaleza, sede administrativa da região, eram tensas. Olhando com atenção o contexto histórico do nordeste brasileiro entre os séculos XVIII e XIX, compreende-se a sua estrutura sócio-política, que foi marcada por profundas desigualdades. Essa desigualdade é muito bem visualizada pelo processo de implantação da pecuária no sertão, onde grandes propriedades contrastavam com as pequenas.

1.1.2 – A ocupação pecuarista do sertão no século XVII

A economia do Brasil teve na cultura da cana-de-açúcar, com seus engenhos, sua base, a partir da segunda metade do século XVII e até os fins do século XVIII.

O deslocamento da pecuária do litoral para o sertão nordestino possibilitou a formação de uma nova classe social, os fazendeiros de gado. É interessante notar que esses fazendeiros adquiriram vastas terras através das sesmarias¹, habitando-os com suas famílias, com seus trabalhadores e com seus apadrinhados. Importante notar que a expansão das fazendas não se deu da mesma forma em todo o sertão, como também a formação da população:

A expansão dessas fazendas de gado pelo sertão não se deu uniformemente e o povoamento se concentrou mais nas proximidades do Rio São Francisco, enquanto que nas demais regiões do sertão formavam-se pequenos povoados que serviam de pouso para os condutores das boiadas. (CHICOLI, 2005: 15)

Com a expansão da criação de gado, muitos ex-chefes de vaqueiros receberam pequenas propriedades dos grandes fazendeiros. Nestas pequenas propriedades, o trabalho era em menor escala, comparado com as grandes fazendas canavieiras. As pequenas propriedades exigiam um menor número de trabalhadores, o que explica o emprego de parentes do próprio proprietário. Assalariados brancos, negros, mestiços e mesmo índios eram encontrados juntamente com poucos escravos.

Estes latifúndios, gradualmente, ampliaram seu poder econômico e político, sendo os coronéis sua figura central. Para Chicoli:

... fundamentaram sua produção a partir da exploração da mão-de-obra, apesar das condições de seus trabalhadores serem melhores se comparadas às condições dos escravos dos engenhos. No entanto, isso não significa que as relações de trabalho eram justas, muitas vezes, impuseram sua autoridade com violência para assegurar o seu domínio e para precaver-se contra possíveis traições. (2005:15-16)

¹ As sesmarias eram lotes de terra localizados dentro da capitania hereditária, porém eram afastadas do litoral. Os lotes eram cedidos aos capitães e aos colonos para desenvolverem a atividade pecuária.

O que observamos, portanto, é que os coronéis dominavam através da lei, da justiça, da política e da própria religião vastas áreas da região. No século XIX, idéias liberais se fazem presentes no Brasil, gerando tensões diante a realidade do Estado Absolutista. As repercussões desse embate estão por toda a parte, também, no nordeste brasileiro.

1.1.3 – Os movimentos liberais diante do Estado Absolutista

Quando o Brasil decretou a sua independência, novas realidades surgiram do ponto de vista político. Entre essas novas realidades encontram-se as reações da aristocracia rural que, preocupada com a nova situação, isto é, com o novo Estado brasileiro, procurou manter seus interesses. Ela tomou a iniciativa e convocou a Assembléia Constituinte em 1823, que tinha como objetivo limitar os poderes do Imperador, bem como ampliar os poderes do Parlamento.

Constituído o Parlamento por uma aristocracia, teve como objetivo reservar os cargos de representação nacional para os proprietários rurais. Essa manobra garantiria o sistema eleitoral, a exclusão das camadas populares, estabelecendo, com isso, uma renda mínima para a participação. Também excluiria os comerciantes, porque a base da renda não seria monetária, mas, sim, constituída de mercadoria, como, por exemplo, a farinha de mandioca. Daí, esta Constituição ficar conhecida como a Constituição da Mandioca.

A constituição de 1824² tomou corpo diante da descoberta da manobra da aristocracia. Aos 12 de novembro de 1823, D. Pedro dissolveu a Assembléia Constituinte e convocou uma nova comissão de sua confiança, para elaborar, assim, a nova Constituição de 1824. Nessa nova Constituição, o Poder Executivo saiu vitorioso sobre o Legislativo³, o que significou a volta ao poder do partido português.

² Os reflexos dessas disputas levaram à dissolução da Assembléia, por uma imposição militar, dessa forma a primeira Constituição brasileira é imposta de cima para baixo. Os escravos estavam excluídos. A Constituição de 1824 trouxe algumas modificações, a religião Católica continua sendo a religião oficial do Brasil, isto significa que outras manifestações religiosas eram secundárias. A religião oficial do Estado, marca a continuidade nos moldes do “Padroado Régio” (Cf. FAUSTO, 2002:145-152).

³ O poder Legislativo foi dividido em Câmara e Senado, prevendo-se eleições para as duas casas, com diferenças essenciais. A eleição para a Câmara era temporária, enquanto a do Senado era vitalícia. Além disso, o processo eleitoral, no caso do Senado, destinava-se a eleger uma lista tríplice em cada província, cabendo ao imperador escolher um dos três nomes eleitos. Na prática, essas restrições fizeram com que o Senado fosse um órgão cujos membros eram nomeados pelo

Para o povo tudo permaneceu igual, nada mudou. Em outras palavras, o povo humilde continuou a não participar das estruturas políticas, sendo que o voto permaneceu sendo censitário⁴.

Diante desse quadro, o absolutismo concede ao imperador a volta dos plenos poderes, tanto político-sociais como também exclusividade religiosa. O que levou a Constituição a escolher o catolicismo, como a religião oficial do Estado. O clero passou a ser funcionário público, submisso ao Estado. O Estado absolutista manteve dois aspectos, a saber: primeiro, conservou política econômica do país; e segundo, manteve a estrutura escravocrata e latifundiária.

Tal fato gerou diversas contestações, especialmente no Nordeste brasileiro. Esse descontentamento já estava presente na Revolução Pernambucana de 1817 e cresceu ainda mais a partir da Constituição de 1824. Esta dinâmica contestatória deu origem à Confederação do Equador (1824)⁵:

A reação ao fechamento da Constituinte se intensificou em Pernambuco com a chegada do projeto de Constituição preparado pelo Conselho de Estado, que deveria ser jurado pelas câmaras municipais. Tanto a de Recife como a de Olinda recusaram-se a sancionar o projeto, apesar do bloqueio naval na cidade pela esquadra encarregada de levar o texto constitucional e tomar as medidas cabíveis contra a previsível reação. Após o episódio, a escalada do conflito foi rápida. (CALDEIRA, 1997: 170)

imperador, em caráter vitalício. O Senado, com o poder vitalício, centraliza as decisões políticas nas mãos do imperador (Cf. FAUSTO, 2002: 151).

⁴ Interessante esclarecer que, o voto será constituído de duas formas: primeiro censitário, segundo Indireto. Indireto, porque os votantes, correspondentes hoje à massa dos eleitores, votavam em um corpo eleitoral, nas eleições chamadas de primárias; esse corpo eleitoral é que elegia os deputados. Censitário, porque só podia ser votante, fazer parte do colégio eleitoral, o deputado ou senador que atendesse a alguns requisitos, inclusive de natureza econômica, chamados "censo". Pode-se perceber que o "povo miúdo" está excluído de participar das decisões políticas, por isso continuou o povo na mesma condição de excluídos.

⁵ Importante apontar as causas que geraram a revolta: data de 1824, a situação das províncias do Nordeste, particularmente Pernambuco, era ideal para o surgimento de uma revolta, tanto do ponto de vista econômico, gerado pela crise nas lavouras de cana, fumo e algodão; por outro lado, também nota-se a insatisfação popular decorrente da dissolução da Constituinte e da outorga da Constituição, onde pesados impostos recaíam sobre os proprietários e povo. Daí em 2 de Julho de 1824, os revoltosos de Pernambuco ocuparam Recife proclamando a República e nomearam uma junta governativa. Assumindo como chefiada por Manuel Paes de Andrade. Assumindo como provisória o modelo da Constituição da Colômbia. "Os líderes foram levados presos para Recife e julgado pelos tribunais militares. Frei Caneca foi condenado à morte por enforcamento, mas os carrascos pernambucanos se recusaram a cumprir a pena. Por isso, o frei acabou fuzilado por soldados do Exército imperial em 13 de janeiro de 1825" (CALDEIRA, 1997: 171).

Ao movimento da Confederação do Equador, aderiram às províncias do Rio Grande do Norte e do Paraíba, que unidas a Pernambuco tornaram-se independentes e, provisoriamente, adotariam a Constituição da Colômbia.⁶ O movimento foi logo extinto.

Quanto ao Ceará, a província esteve muito agitada devido à política do primeiro Reinado. À agitação política deve-se acrescentar a grande seca de 1825, que trouxe muito sofrimento e fome para a Província. Neste mesmo ano, a região foi assolada por uma epidemia de varíola. Ainda nesse período, a questão Platina⁷ recrutou muitos sertanejos. O Império acabou se envolvendo levado mais por capricho do Imperador do que por uma real ambição nacional. O território da Cisplatina, hoje Uruguai, não se assemelhava em nada com a cultura brasileira.

Com a morte de D. João VI, em 1826, a coroa portuguesa foi passada para D. Pedro, que passou a ter uma dupla função, rei de Portugal e Imperador do Brasil: “D. Pedro, abdicou em nome de sua filha Dona Maria da Glória. Sendo ela criança, assumiu provisoriamente o irmão de D. Pedro, Dom Miguel” (CHICOLI, 2005: 20).

Frente a essa realidade política, as elites brasileiras reagiram rapidamente, pois temiam ser o Brasil e Portugal governados pela mesma pessoa, fato que colocaria em risco a independência do Brasil, com a possível restauração do Reino Unido. Somado a isso, cresceu a insatisfação com relação ao fato da repressão da Confederação do Equador, como escreve Chicoli:

Contribuíram também, para aumentar a insatisfação com o Imperador, os ressentimentos para com a violência repressão da Confederação do Equador, a desastrosa política econômico-financeira, os constantes empréstimos do exterior e o assassinato do jornalista liberal, Líbero de Badaró, em 1830. (2005:20)

⁶ Devido a revolta em Pernambuco cuja liderança de Manuel Paes de Andrade, com propósitos republicano adotam provisoriamente a Constituição da Colômbia, que tinha como objetivo autonomia das províncias, como foi adotado na Constituição da Colômbia.

⁷ Como pano de fundo para esclarecer a questão platina, devemos ter presente os interesses do Império brasileiro. Além de seu interesse em manter o equilíbrio sul-americano, o Império brasileiro zelava pela liberdade de navegação na Baía do Prata, a fim de garantir o acesso fluvial a Mato Grosso. Deve-se considerar ainda que a identidade econômica e social do Rio Grande do Sul com a América Platina criava condições para sucessivas lutas e tensões fronteiriças, ameaçando a segurança na região sulina. A influência da Inglaterra se fazia notar, interessada que estava em evitar na América Latina um crescimento da consciência política.

O ministério formado, em 1831, por D. Pedro com os componentes exclusivamente brasileiro, foi uma tentativa de contornar a situação de crise política. Porém, essa tentativa já estava fadada ao fracasso, pois a insatisfação e as agitações estavam em pleno curso. A única solução encontrada foi sua abdicação em favor de seu filho D. Pedro II, que ainda era uma criança, inaugurando, assim, provisoriamente, o governo regencial.

1.1.4 – O movimento liberal: a realidade do Ceará e sua evolução política e econômica

A situação do Brasil com a abdicação de D. Pedro I ao trono e a implantação da Regência Trina⁸, repercutiu fortemente no Ceará, pois “... os ânimos se agitaram pela substituição da velha ordem absolutista” (CHICOLI, 2005: 20). Dois pontos são importantes salientar dentro desse contexto. O primeiro, a repercussão desses acontecimentos com o levante de Plínio Madeira. O poderoso coronel fazendeiro Joaquim Plínio Madeira, que gozava de grande prestígio no Cariri, organizou uma revolta, num primeiro momento com a idéia de restaurar a ordem. O segundo, o velho antagonismo existente entre as cidades de Crato e de Jardim. Essa rivalidade entre os chefes locais das duas cidades não era ideológica, mas tinha suas raízes na própria disputa local, própria do coronelismo de mando: “A luta iniciou com certo êxito para Plínio Madeira que conquistou o Crato, dominando o Cariri e agitou todo o sertão, inclusive Pernambuco, onde procuravam aderentes, talvez entre eles alguns cabanos” (CHICOLI, 2005: 20-21).

Esses cabanos, na verdade, eram gente humilde da população, composta de negros, índios, mestiços e brancos, em situação de pobreza, que viviam ao redor das margens dos rios. Essa população organizou a Cabanagem no Pará, que tinha como finalidade opor-se à política repressiva. Esse movimento de cunho puramente popular, podemos dizer, foi expressivo do Brasil Império. Nessa série de levantes, os

⁸ É interessante ter presente que a Monarquia era defendida pela Coroa portuguesa, essa manutenção foi suportada até 1831, quando por forças moderadas e liberais, forçaram D. Pedro I abdicar o trono e estabelecer um governo que realmente representasse o Brasil. Como seu sucessor D. Pedro II, era uma criança, então estabeleceu uma junta que propõe governo provisório, surgindo dessa forma as Regências Trina, que compunha três tendências: conservadores, moderados e liberais exaltados. Augustin WERNECK escreve sobre o assunto em seu livro *Período Regencial*.

rebeldes não chegaram a constituir um governo, nem dominar um território, mas provocaram, nos grandes proprietários de terras, um constante estado de alerta⁹.

Plínio Madeira, derrotado pelas tropas imperiais, foi obrigado a se entregar junto com seu aliado, o padre Antonio de Souza. Pensou que ao pedir rendição seria perdoado, mas foi julgado em Crato e condenado à morte em 28 de novembro de 1834. Já o padre Antonio de Souza retornou a Crato por se encontrar doente e, em 1837, foi absolvido.

A situação do Ceará, após essas instabilidades políticas melhorou do ponto de vista econômico, por conta de grandes investimentos, como escreve Chicoli:

A construção de açudes para o combate à seca, contratação de trabalhadores franceses especializados na construção de estradas, importação de camelos para a realidade árida, fundação de um engenho de ferro para a indústria açucareira e a criação de um corpo de militares para o trabalho agrícola. (2005: 21)

Mas ainda assim, com essa melhora a maior parte do povo sertanejo, vivia em condições de pobreza. Ao olhar a realidade do Nordeste, não se pode deixar de mencionar uma das mais terríveis secas, a de 1845. A penúria foi tanta, que a população viu-se obrigada a alimentar-se de vegetais. A seca trouxe consigo o banditismo, crimes e assaltos às propriedades. Desesperançado, o povo não tinha perspectiva de vida.

1.1.5 – Os interesses agrários e a posição do coronelismo pós-independência: desigualdade social – riqueza e pobreza

Quando o Brasil tornou-se independente, não houve, como vimos anteriormente, mudanças profundas do ponto de vista social. No entanto, a elite conservadora, proprietária de terras, ligada aos setores, principalmente, de importação e exportação, tratou de assegurar os antigos privilégios, bem como a elite agrária dos coronéis procurou manter seus domínios locais, colocando-se contra o processo de centralização do Estado. Tratava-se de lutar para garantir o controle político.

⁹ Para maior compreensão dessas revoltas no Norte e Nordeste ver: FAUSTO, 2002: 164-166

Já no período do segundo reinado, após a Revolta Praeira¹⁰, em 1850, a monarquia retomou o processo de instauração da centralização do poder. Os coronéis, que desconsideravam o poder público, trataram de manter o controle sobre sua área de influência. Embora existisse essa disputa, pode-se dizer que a relação entre o Estado e os coronéis era regida por uma política de tolerância e ao mesmo tempo de colaboração, havendo certa harmonia. No entanto, a política do Estado era o combate a qualquer tipo de manifestação popular, como fez diante da Revolta Praeira e muitas outras insurreições populares. Assim, o Estado foi muito cauteloso na sua relação com os coronéis, na tentativa de evitar novas convulsões sociais internas², que poderiam prejudicar a ordem pública.

A ambigüidade regia as relações entre o Estado e os coronéis. O que dizer, então, das relações entre a Coroa e as elites políticas e os barões (grandes proprietários de terras)? Estas foram sempre marcadas pelos conflitos e pela reconciliação, oscilavam de um pólo a outro. Na verdade, o que estava na pauta era o jogo político (Cf. MONTEIRO, 1981: 17). O impasse entre os coronéis e o Estado existia, porém não se consolidava a ruptura, porque, na verdade, os coronéis não eram opositores ao sistema, mas suspeitavam do novo sistema governamental.

A contradição entre a riqueza controlada pelo poder local e a pobreza dos trabalhadores rurais, índios, negros e livres pobres, era fruto da imposição do sistema implantando desde o início da colonização. Constatar esta situação ajuda-nos a compreender a situação dos sertanejos nordestinos, que formam a maioria da população regional.

Em nome dessa política de manutenção da ordem pública, sem deixar de dar continuidade ao processo de centralização, o Estado concedeu privilégios políticos aos coronéis, em troca de favores. Essa amizade assegurou o poder de ambas às

¹⁰ Pelas ruas pernambucanas o clima era quase revolucionário, e é neste contexto que, em 17 de outubro de 1848, o mineiro Herculano Ferreira Pena foi nomeado, pelo gabinete conservador do Marquês de Olinda, para governar a Província, o que acirrou mais ainda os ânimos. A 7 de novembro a cidade de Olinda pega em armas e, como um rastilho, o movimento rapidamente espalha-se por todo estado de Pernambuco. Surgira como uma explosão dos ânimos e das vontades. Amaro QUINTAS, observa que, na história dos movimentos pernambucanos, ocorria (...) "não um movimento de cima para baixo, mas, ao inverso, de baixo para cima".

² MONTEIRO, 1981, explica a forma de exercício de poder dos coronéis, salientando como eles estabelecem o domínio. É interessante perceber que os coronéis tornam-se a célula de todo o sistema. Em suas mãos estava o poder econômico, jurídico, político e também religioso, já que o poder local exercia domínio sobre o vigário.

partes. Assim, o Estado "... em troca da paz interna, concedia aos coronéis uma parcela do poder no âmbito nacional, o chamado coronelismo" (CHICOLI, 2005: 23).

Já no final de 1850, uma das preocupações dos coronéis era a questão da crise de mão-de-obra para o campo, o que explica suas exigências junto ao governo, para que combatesse a ociosidade reinante. A Igreja, em 1860, na pessoa do Arcebispo da Bahia, Marquês de Santa Cruz, emite uma carta pastoral alertando os fiéis sobre o pecado da ociosidade.

Aqueles trabalhadores pobres, que conseguiam trabalho, tinham que se sujeitarem a condição de exploração para garantir o sustento de suas famílias. Sujeitavam-se ao autoritarismo dos grandes proprietários, recebendo em troca um salário de fome, ou, ainda, caindo na prática do banditismo, como uma saída para a situação de miséria na qual se encontravam.

Pode-se dizer que as transformações sociais e políticas, que ocorreram a partir da segunda metade do século XIX, têm uma relação profunda com o empobrecimento do nordeste brasileiro e com a própria queda da monarquia absolutista. Entre os fatores que contribuíram com o empobrecimento do Nordeste podemos destacar: o crescimento do café do centro-sul e as ideologias abolicionistas.

A expansão cafeeira nas províncias do Sudeste recrutou muitos escravos do Nordeste. Com isso, o setor açucareiro que já estava enfraquecido perdeu mão-de-obra escrava, agravando ainda mais a crise econômica. Acrescenta-se, ainda, que a partir de 1844, as taxas alfandegárias criadas pelo ministro Alves Branco, encarecendo a entrada de produtos importados, aumentou o consumo de produtos brasileiros. Tem-se uma aceleração do processo do crescimento industrial no país e a emergência de uma baixa e média burguesia, com reflexo no crescimento urbano. A Industrialização traz no seu bojo novos interesses:

... a industrialização e o surgimento da camada social urbana, aos poucos, aumentavam a diversificação social e obviamente a diversificação de interesses, gerando conflitos, uma vez que a política nacional estava completamente voltada para a produção agrária". (CHICOLI, 2005: 23)

As indústrias nascentes, nesse primeiro momento, exigiam uma política protecionista para que pudessem se desenvolver. Esta dinâmica contrariava diretamente os interesses do setor açucareiro. Um sinal dessa tensão pode ser detectado na exigência de mudança no sistema eleitoral. A eleição direta visava impedir o controle político por parte do setor agrário. A questão dos interesses do setor agrário diante da República merece um aprofundamento.

1.1.6 – Os interesses agrários e o período republicano

A guerra do Paraguai (1864-1870) expôs os problemas do país. Brasil, Argentina e Uruguai envolveram-se no conflito, sob forte influência Inglesa.¹¹

A guerra e o crescimento astronômico da dívida externa brasileira com a Inglaterra minaram a credibilidade do sistema monárquico. O pós-guerra fortaleceu as idéias anti-absolutistas, já presentes no país, e levou a extinção da Guarda Nacional, que sempre defendera o setor agrário¹².

Nesse contexto, a idéia republicana se fortaleceu e ganhou mais adeptos. O manifesto republicano se deu com a dissolução do gabinete da Liga Progressista da Câmara, em 1868, fortalecendo a desintegração do sistema monárquico. O Partido Liberal lançou, em 1870, o manifesto republicano, germe do Partido Republicano Paulista (PRP), que nasceu em 1872, composto pela aristocracia cafeeira do oeste Paulista. Da união do partido com os militares formou-se um movimento que levou à proclamação da República em 1889.¹³

A partir de 1860, caem as exportações de algodão dos Estados Unidos para a Inglaterra, devido à guerra de independência norte-americana. Esse episódio teve

¹¹ Para maior esclarecimento sobre a Guerra do Paraguai podemos dizer que, sem dúvida, foi o maior conflito em que se envolveu o Império Brasileiro, constituindo um marco importante em nossa evolução histórica, tendo em conta as alterações por ela provocadas. Como pontos importantes estão os interesses no domínio fluvial da bacia Platina, que era um interesse não só entre Brasil, Argentina e Uruguai, mas compartilhado pelas principais potências da época, em particular, a Inglaterra.

¹² Para um aprofundamento das questões econômicas geradas pela guerra ver: Divalte Garcia FIGUEIRA, *Soldados e negociantes na Guerra do Paraguai*, 2001.

¹³ A proclamação da República resultou da conjuração de duas forças: o Exército descontente e o setor cafeeiro da economia, pretendendo eliminar a centralização vigente, através de uma República Federativa, que imporia ao país um sistema favorável a seus interesses. Portanto, a proclamação não significou uma ruptura no processo histórico brasileiro: a economia continuou dependente, baseada no setor agroexportador; afora o trabalho assalariado, o sistema de produção continuou o mesmo e os grupos dominantes continuaram a sair da camada social dos grandes proprietários. Houve apenas uma modernização institucional (FAUSTO, 2000: 245-251).

reflexo na economia brasileira. Entre 1862 e 1877, o nordeste ampliou a sua exportação de algodão, incrementando a economia, mas as secas que assolaram o nordeste entre 1888, 1898, 1900 e 1915 (Cf. DELLA CAVA, 1976: 142-143), provocaram uma escassez muito grande.

Também houve uma escassez de mão-de-obra, já que a partir de 1888, houve as grandes migrações de sertanejos para a produção cafeeira no Sul e no Sudeste, e para a exploração de borracha nos seringais do Pará e do Amazonas, que cresciam com ajuda do governo. O resultado imediato dessa migração foi a enorme carência de trabalhadores no Ceará, menos no Vale do Cariri, por ser uma região, como dito anteriormente, considerada um oásis do sertão. Graças a essa situação privilegiada, o Vale do Cariri cresceu à nível populacional ao longo do século XIX e, juntamente com ele, a produção de excedentes alimentícios.

Mesmo com o advento da República, os aristocráticos agrários não perderam poder e continuaram a ter o controle da máquina eleitoral, graças à submissão da população mais simples: “As famílias oligárquicas continuavam a comandar e determinar a vida social, econômica, política e até religiosa nos seus respectivos Estados, como fora no período colonial” (CHICOLI, 2005: 25). Esta instabilidade social gerou no âmbito social a presença de jagunços e de justiceiros em todo o estado. O fenômeno tem sido compreendido como uma forma inconsciente de manifestação popular, diante da conjuntura política injusta que excluía parcelas significativas da população (Cf, CHICOLI, 2005).

Entre 1898 e 1902, para combater a instabilidade política-financeira e consolidar a República, Campos Sales, então presidente da República, fez concessões aos governadores, atendendo diversos interesses regionais em troca de apoio às diretrizes nacionais. O Brasil republicano precisava ganhar a confiança da Europa e equilibrar o Tesouro Nacional. Nessa barganha política, os governadores saíram fortificados e a política local tornou-se mais violenta, devido às disputas entre as famílias poderosas da região pelo mando local.

Segundo Borges (2005), o fenômeno do coronelismo, gerador de desigualdades sociais e de lutas sangrentas, reproduziram, muito tempo depois, a situação sócio-política do período das Capitanias Hereditárias. Já em 1530, o sistema implantou no Nordeste mecanismos de exploração econômica e, mais tarde,

uma política econômica escravocrata, plantando profundas raízes de uma sociedade hierarquizada e injusta.

Campos Sales, ao reestruturar e consolidar a República, não eliminou as estruturas de dominação vigentes no Brasil, mas, pelo contrário, facilitou a consolidação do poder oligárquico. Nas palavras de Borges:

Entre os anos 1889 e 1930, fase inicial da República no Brasil, os estados que concentravam a produção cafeeira, como São Paulo e Minas Gerais, conquistavam projeção política. O sistema eleitoral e a organização partidária expressavam então o jogo dos pequenos e antigos grupos de poder, centrado na supremacia do poder Executivo e na colaboração do Legislativo. O equilíbrio negociado entre as oligarquias estaduais resultava assim de intensa luta política repleta de pressões e crises.

Nos primeiros anos do século XX, o Rio Grande do Sul já ocupava a condição de terceiro estado da Federação, em termos econômicos, e reivindicava maior espaço na sucessão presidencial. Os representantes sulistas pretendiam obter uma parcela do controle formal das nomeações para cargos públicos, importantes no sistema clientelista e de compromisso existente, ou seja, aquela típica troca de favores e votos entre um “coroné” todo-poderoso e um conjunto de indivíduos dependentes, erguida a partir dos municípios e dos chefes políticos locais, e que se estendia até o Executivo Federal. A indicação dos titulares do ministro refletia a força política dos partidos estaduais dentro do poder Executivo. Portanto, o arranjo entre a Presidência da República e as oligarquias asseguraria a estruturação da *política dos governadores* ou, como queria o presidente Campos Sales, *a política dos estados*. Era fundamental, para sua execução, que o governo federal contasse com representantes parlamentares sintonizados com aquela lógica política: o discurso afinado entre Executivo e Legislativo garantiria o controle da situação e o silenciar de uma possível oposição. (2005: 75)

Como salientado anteriormente, o governo executivo não entrou em conflito com os chefes locais, mas, ao contrário, aproximou-se numa verdadeira troca de favores, com concessões de poder aos coronéis. Pode-se dizer que nada mudou do ponto de vista sertanejo. No tempo da produção do açúcar, agora frente à extensão da pecuária, a população pobre permaneceu submissa aos poderes do mando local. Os coronéis controlavam a política, a economia, a justiça e a religião. A produção agrária deu continuidade à política escravista, que perdurou até o século XIX. A produção pecuarista do sertão empregou poucos escravos e mais mão-de-obra livre, sempre alicerçada na exploração dos trabalhadores. Os livres não dispunham de condições de vida melhores que os escravos, as duas formas de trabalho estavam alicerçadas na exploração.

A situação de miséria gerou, como já lembramos, o banditismo. As fortes secas que trouxeram à fome, às doenças, à falta de alimentos e à constante violência, agravaram o quadro sócio-político do sertanejo. Uma das alternativas encontradas pelos sertanejos para lidar com essa situação foi a religião, como veremos a seguir.

1.2 – O catolicismo no Brasil

O catolicismo foi marcado pela Guerra de Reconquista da Península Ibérica, longamente dominada pelos Mouros¹⁴. Com a reconquista, reinos cristãos se constituíram em Portugal, em 1139, e na Espanha, em 1492 (Cf. AZZI, 2005: 27). Em função disso, talvez, Portugal, com sua vocação messiânica, obteve do Papa, o direito de na propagação da fé, no sentido de eliminar os que se opunham a eles (Cf. AZZI, 2005: 42).

O absolutismo monárquico messiânico se fez presente em várias partes do mundo, especialmente nos séculos XV e XVI, desenvolvendo uma intensa atividade comercial. Nesse processo de expansão, a fé e a conquista estavam intimamente interligadas. A figura do rei, como representante Divino, a burguesia emergente, com seu projeto comercial, e a Igreja, com seu projeto de propagar a verdadeira fé ao mundo não civilizado, estavam na base dessa aliança

1.2.1 – A colônia e o catolicismo português

Numa visão panorâmica sobre a formação da colônia no Brasil, pode-se perceber a complexa relação entre a conquista e a fé católica.

Podemos iniciar nossa análise com a chegada lusitana em terras brasileiras, que, no princípio, serviram como escala para as Índias. Aos poucos, descobre-se a possibilidade explorá-la: “... nesses anos iniciais, entre 1500–1535, a principal atividade econômica foi a extração do pau-brasil, obtida principalmente mediante

¹⁴ No Ocidente, os árabes dominaram todo o norte da África e, a partir de 711, lançaram-se sobre a Península Ibérica, lutando com os visigodos até a região de Astúrias, onde os cristãos se organizaram e iniciaram um dos mais longos processos bélicos conhecidos pela História: A Guerra de Reconquista (718-1492).

troca com os índios” (FAUSTO, 2002: 42)¹⁵. Essa iniciativa visava o fortalecimento e a ampliação do mercado lusitano. Preocupados com os invasores holandeses, ingleses e franceses, Portugal preparou-se para ocupar o território, organizando, assim politicamente o Brasil.

Para Fausto: “... considerações políticas levaram a Coroa portuguesa à convicção de que era necessário colonizar a Nova Terra” (2002: 43). Criaram-se as capitanias hereditárias, que tinham como princípio básico uma dupla funcionalidade: primeiro, fortalecer as costas brasileiras contra os invasores estrangeiros; segundo, produzir a cana-de-açúcar. A indústria açucareira levou à colônia o trabalho escravo. A escravidão se constituiu em uma peça fundamental na estrutura profundamente hierárquica da sociedade colonial.

A monarquia portuguesa, além de organizar politicamente a colônia, tinha também a responsabilidade de cristianizá-la. A figura do rei, investida do poder divino, tinha a responsabilidade de dilatar a fé e de implantá-la nas terras conquistadas. A Europa viveu um o período ou um tempo da cristandade, já que “... a concepção teológica da cristandade está ancorada na idéia da divindade monárquica” (AZZI, 2004: 15). Revestido desse poder, o rei era a chefe da Igreja no Brasil, como nos explica Azzi: “Os reis de Portugal tornavam-se, portanto, os chefes efetivos da Igreja no Brasil” (2004: 50). O rei possuía poder sobre a Igreja, que se disseminava muito lentamente no Brasil.

Foram os religiosos da Companhia de Jesus que deram início ao processo de evangelização da colônia. “Os europeus definiam a si mesmos, antes de mais nada, como cristãos, e foi nessa qualidade que chegaram à América”. (KOSHIBA, 2000: 225). O rei se responsabilizava pela manutenção do clero e dos missionários. A monarquia controlava os dízimos, “... como a obrigação de zelar pela remuneração do clero”. (AZZI, 2004: 50). Outros religiosos vieram, também, para o Brasil, como os beneditinos, os carmelitas, que também eram mantidos pelo Estado Monárquico Brasil. O reino de Portugal considerava-se escolhido para ser portador e anunciador do “reino de Deus” aos povos pagãos. Entendia-se como um Novo Israel, isto é, como o legítimo povo escolhido. Esta convicção dava ao Rei o direito de declarar “Guerra Santa” aos inimigos da fé cristã ou àqueles que resistiam ao anúncio do

¹⁵ Para uma análise exaustiva deste período ver: Guilherme GUICCI, *Sem fé, lei ou rei. Brasil 1500-1532*, 1993.

Evangelho, tal qual a guerra, empreendida contra os mouros presentes na Península Ibérica, conforme já relatado.

A conquista, por muitos, clamada de “espiritual”, pelas bulas papais.

As bulas papais passaram a enaltecer as conquistas realizadas durante os reinados de D. João I, D. Duarte e D. Afonso V, e mais especificamente D. Henrique, irmão de D. Duarte, em suas campanhas bélicas ao longo do século XV. (AZZI, 2004: 42).

Essa mentalidade ressurgiu na conquista das Américas. Na colônia brasileira, empreendeu-se uma autêntica “guerra santa” contra os índios que recusavam a fé, além dos franceses e dos holandeses que eram vistos como hereges. Com essa visão teológica subjacente, lia-se qualquer rebeldia de índios, chamados de “negros da terra”, ou dos escravos como pecado. A teologia apresentada aos nativos e aos escravos era a da submissão.

Uma das causas desse forte aspecto devocional da religiosidade popular era a imagem de Deus que era apresentada. Um Deus preparado para “punir e vigiar”, um Deus distante, que foi logo apropriado pelos senhores nas palavras de Otten:

O Deus Senhor feudal provindo da península ibérica assumiu diversas faces na Colônia, dependendo do momento histórico ou do contexto socioeconômico (...) sob influência das oligarquias açucareiras, traços de senhor-de-engenho e, como tal exigindo obediência e submissão incondicionais, torna-se depois Pai-Patrão inspirado na figura do coronel. (1999: 13)

É possível supor que uma das formas criadas para se lidar com esta representação de Deus criou-se, no Brasil, formas de expressão da religiosidade popular. A devoção aos santos se manifestou no uso de escapulários, nas procissões, nas romarias. Ao acompanhar, no próximo capítulo, a vida do padre Ibiapina e do padre Cícero, teremos oportunidade de entrar em contato com essa vivência popular, que se expressa com fé e esperança.

Confrarias, irmandades e ordens terceiras possibilitavam aos seus membros espaços e templos para praticarem suas práticas devotas. Cada grupo social ou

segmento da sociedade constituía sua irmandade. Uma irmandade muito popular é o dos pardos. Viana ao realizar uma análise dos testamentos de irmãos pertencentes a esta irmandade, constatou que:

... os legados indicavam que a comunidade ritual formada em torno da devoção superava o desejo de garantir um enterramento decente para se tornar a base de uma convivência comunitária ampliada e firmada em compromissos que privilegiavam a continuidade religiosa junto aos pardos, partilhada inclusive por aqueles que já não eram socialmente classificados como tais. (VIANA, 2007: 205).

1.2.2 – A independência: religiosidade católica

O período republicano trouxe muitas mudanças para a relação Igreja e Estado. Idéias iluministas e liberais variam a Europa no século XVIII e não tardaria a chegar também ao Brasil.

O catolicismo colonial já sofrera um baque, em 1759, com a expulsão dos jesuítas do Brasil pelo, então, Marquês de Pombal, um iluminista. O pensamento iluminista influenciou muito o meio intelectual, acirrando a crítica à religião¹⁶ como um instrumento de coação e de opressão. Essa corrente de pensamento chegou ao Brasil através de filhos de fazendeiros ricos, que estudavam na Europa, da mesma forma também chegou à Igreja e ao clero, fato que gera inúmeras tensões entre a Igreja e a sociedade civil.

Diante da efervescência iluminista, o Estado absolutista também passou a ser questionado, bem como a sacralidade do rei. Um dos aspectos questionados referiu-se à questão da intervenção do Estado na economia, porque este impunha limites à expansão dos negócios empreendidos pela burguesia: “Os iluministas propunham a reorganização da sociedade, com uma política centrada no homem, sobretudo no sentido de garantir-lhe a liberdade” (PAZZINATO, 2000: 99). O século XVIII, na

¹⁶ Podemos chamar iluminismo o movimento intelectual europeu dos séculos XVII e XVIII – época do ápice do Estado absolutista, quando o crescimento da burguesia confrontava-se com a política do intervencionismo do Estado, chamado de Antigo Regime. Movimento da Idade Moderna também revolucionou o modo de pensar. Dentre os autores do progresso científico podemos destacar: René DESCARTES (1596-1650), Isaac NEWTON (1642-1727) e John LOCKE (1632-1704). Um dos questionamentos John LOCKE (1704) diz respeito à intervenção do Estado, ou seja, segundo LOCKE (1704), não cabe ao governante o direito de destruir, de escravizar ou de empobrecer propositadamente qualquer súdito; as obrigações das leis naturais não cessam, de maneira alguma, na sociedade, tornando-se, em muitos casos, até mais fortes.

Europa, desestabilizou as estruturas, em um momento indigesto para a autonomia da Igreja, fato que se refletiu no Brasil, "... sob inspiração protestante e tomado pelas idéias nacionalistas e liberalistas, deu origem ao galicanismo¹⁷ que exerceu grande influência sobre o clero brasileiro" (CHICOLI, 2005: 30).

Essas idéias, no Império, inspiraram a criação de uma Igreja nacionalista, tentativa realizada pelo Padre Feijó, sem sucesso. Essas idéias liberais, defendidas pela intelectualidade iluminista, circulavam nos centros urbanos, mas não chegavam às periferias do Império, muito menos ao povo pobre e humilde dos sertões. O episcopado nacional permaneceu vinculado ao sistema colonial, mantendo o povo obediente e passivo na espera da salvação. O clero liberal procurava separar a religião da dominação política lusitana, alegando que o catolicismo não se opunha ao movimento de libertação.

1.2.3 – O processo de Romanização

A posição da Igreja diante da Revolução Industrial foi de distanciamento, distanciamento fortemente criticado pela burguesia urbana. O distanciamento entre a Igreja e a sociedade civil cresceu. Quanto ao clero, a Igreja queria vê-lo como líder espiritual e não político. Deveriam ser verdadeiros pastores e seguidores fiéis das orientações da Igreja Oficial.

A Igreja, frente a essa realidade, na qual a burguesia é hegemônica, retomou uma teologia espiritualista voltada para os valores internos, em detrimento dos valores mundanos, das pessoas, da corrupção e do endurecimento do coração. Quanto mais distante as pessoas estavam desses valores mundanos, mais próximas estariam da salvação. O sofrimento na terra e a aprovação, suportados com resignação e paciência, preparavam para a vida eterna. Era importante preservar e suportar tudo para salvar a própria alma, o bem maior.

Na sua prática pastoral, a Igreja insistia no sacramento da confissão, já que através desse sacramento era possível, ao sacerdote, ter certo controle da

¹⁷ O líder da revolução protestante na Inglaterra foi o próprio rei, Henrique VIII (1509-1547), o que deu o conflito uma característica eminentemente política. Para romper com o papado, Henrique VIII utilizou problemas domésticos, como a questão de desfazer seu casamento com Catarina de Aragão e casar-se com Ana Bolena, como a Igreja recuso, esse fez Ato de Supremacia, onde passava ser chefe da Igreja na Inglaterra.

consciência de seus fiéis. Trabalhava-se com a idéia do “pecado”, que podia levar às pessoas a se condenarem. Na Igreja, as pessoas encontravam os meios para poderem salvar as suas almas.

O movimento caracteriza-se por uma aproximação da Igreja de Roma, sendo que fortes vínculos foram estabelecidos entre os bispos atuantes no Brasil e Roma. É o princípio do processo de romanização.

O processo de romanização visava fortalecer a Igreja, que se enfraquecera ao longo do período que viveu sob a tutela do Estado, quando padres e bispos eram funcionários do Estado. Nesse contexto, entre Igreja e Estado criou-se um clima de ambigüidade e de favores mútuos:

Assim sendo os eclesiásticos, ao invés de emergirem como força capaz de questionar possíveis abusos do poder régio, passavam, ao contrário, a constituir um grupo verdadeiramente áulico, empenhado no próprio fortalecimento da autoridade do monarca. (AZZI, 2004: 51)¹⁸.

Uma Igreja funcionária do Estado só podia estar submissa a ele. Quanto às ordens religiosas que, em geral, contribuíam com os processos de renovação, encontravam-se, em geral, decadentes. O clero secular, na sua maioria, estava preocupado com promoção, com a carreira e com as práticas de simonia¹⁹.

No processo de romanização, os bispos retiraram-se das práticas políticas e passaram a incentivar a vinda de religiosos estrangeiros da Europa, como os capuchinhos franceses e os redentoristas para efetuarem a evangelização nos moldes da Igreja Oficial. Como parte integrante desse processo de romanização, seminários foram construídos nas principais dioceses. Neles, os futuros candidatos ao sacerdócio receberam uma educação rígida e sólida, voltada para “as coisas espirituais”, distante do mundo e da política. Muitos seminários no Brasil foram confiados aos lazaristas, especialistas na formação do clero. A obediência aos bispos era muito enfocada na formação. No campo teológico, a visão eclesiológica veiculada a de uma Igreja que se compreendia como sociedade perfeita. “O modelo

¹⁸ Augustin WERNET realizou um importante estudo sobre o processo de romanização ao analisar a igreja paulista no século XIX. Ver: *A Igreja paulista no século XIX*, 1987.

¹⁹ Simonia era uma prática de venda de artigos religiosos, ou seja, uma prática ilícita de coisas sagradas. “S.f Tráfico criminoso de coisas santas ou espirituais, como sejam os sacramentos, dignidades, benefícios eclesiásticos etc: venda ilícita de coisas sagradas”. (BUENO, 1981: 1054).

de Igreja hierárquica ou Igreja sociedade perfeita, de inspiração tridentina, já introduzida em diversos países a partir do século XVI” (AZZI, 1988: 112).

Os religiosos vindos para o Brasil, no período de Romanização, trouxeram consigo novas devoções para substituírem as inúmeras devoções populares espalhadas pelo país. A intenção era educar o povo, que na visão da Igreja, era “ignorante” e “inculto”. De origem portuguesa, as devoções populares se expressavam através das romarias, procissões e promessas e, até mesmo, de grandes festas, como vimos. As novas devoções tinham uma base mais sacramental, expressão na visão da Igreja, de fé verdadeira²⁰.

A Igreja, no processo de implantação dessas novas devoções, obteve sucesso nos centros urbanos, mas, nas periferias e nos sertões, a mudança de mentalidade não aconteceu.

Na tentativa de obter maior controle sobre as devoções no sertão, a Igreja inseriu certos cultos, como o Sagrado Coração de Jesus: “... o Sagrado Coração de Jesus, apesar de sofredor, era o símbolo do poder espiritual da hierarquia eclesiástica, diferentemente do Bom Jesus que se associava ao sofrimento do povo, isto é, era um símbolo popular” (CHICOLI, 2005: 32).

O Sagrado Coração de Jesus foi o símbolo libertador do espírito liberal, que ameaça à Igreja. Jesus, prisioneiro do Sacrário, é o reparador dos pecados do mundo, mundo esse, é claro, liberal. Ao mesmo tempo em que se combatia o liberalismo e o protestantismo, a Igreja impunha sua autoridade como condutora espiritual do pecador:

Na perspectiva dos liberais e positivistas, não era o poder público que oprimia a Igreja, mas esta que impedia a modernização do Estado, mantendo-o sob o manto da sacralidade. Por essa razão, os líderes republicanos proclamaram a laicização do Estado e sua completa separação da Igreja. (AZZI, 1988: 113).

²⁰ Um exemplo muito claro pode ser visto na substituição da devoção do Bom Jesus, uma devoção de grande expressão popular, que podia ser dividida em quatro etapas: O Bom-Jesus da Cana Verde, lembrava a flagelação no pretório de Pilatos; O Bom-Jesus dos Passos, rememorava o caminho do calvário; O Senhor do Bomfim, invocava a morte na cruz, e o Senhor Morto, o seu sepultamento. Ver: *1º Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero e os Romeiros de Juazeiro do Norte*, 1988: 114.

O projeto romanizador centrou suas energias no combate à religiosidade popular, pois, na visão dos bispos renovadores, as expressões da religiosidade popular se distanciavam das orientações da Igreja Oficial. Pode-se ilustrar esta tendência com o caso de Canudos, de Antônio Conselheiro, das práticas do Padre Ibiapina e do Padre Cícero em Juazeiro do Norte. As devoções populares têm matrizes africanas, indígenas e portuguesas, sendo essencialmente sincréticas (Cf. AZZI, 1988).

“A romanização pretendia destruir as organizações religiosas leigas, como as irmandades e as confrarias. A principal finalidade dessas organizações leigas era o culto ao Santo patrono” (CHICOLI, 2005: 33). Daí a expressão: “... podemos descrever o catolicismo popular tradicional a partir de sua figura nuclear: os santos, muita reza, pouca missa; muito santo, povo pobre, diz adágio popular mineiro”. (OLIVEIRA, 1988: 142).

Para Otten, o processo de romanização não afetou da mesma maneira todo o território nacional. Sendo necessário levar em conta as suas especificidades para poder compreendê-lo.

No culto aos santos, o povo encontrou outro caminho para fugir a penitências deprimentes. Os colonos portugueses trouxeram o Deus Senhor e Juiz envolto de muitos santos. Se os atos de culto ao Deus Juiz se restringem basicamente a penitências, sinalizando um “não! À vida, o culto aos santos significa em “sim” que eclode num leque tão abrangente de formas quanto á abrangente e multiforme a própria vida. (OTTEN,1999:15)

No sertão nordestino distante, dos grandes centros urbanos, o contato do povo com a Igreja Oficial era pequeno. Só lentamente, as exigências da romanização chegaram por lá. Acrescenta-se, ainda, a escassez de padres nessas regiões.

Muitos padres missionários tinham constituído família e estavam envolvidos na corrupção política. O povo sentia falta de pastores que conduzisse. Com pouco contato com a realidade litúrgica da Igreja, só esporadicamente participava das grandes festividades dos dias santificados. O contato dava-se através dos missionários, em especial os capuchinhos, que traziam consigo uma religião do

medo e uma teologia do horror da ira de Deus contra o povo pecador²¹. A imagem de Deus trazida pelos colonizadores era de um Deus cruel, ditador, pronto para punir e castigar o povo pecador. Essa pregação acabava contribuindo com a formação de uma religiosidade mesclada com elementos “supersticiosos” e com forte tendência ao fanatismo religioso.

Mas, as “crendices” e as “superstições” revelam os meios que as populações simples encontravam para driblar suas angústias e desesperos diante de tanto sofrimento, injustiça social e miséria. Neste sentido, as secas eram interpretadas como castigo de Deus, uma resposta aos pecados dos homens, que eram reparavam os pecados através de promessas, de romarias, de novenas e de rezas.

Dentro desse contexto social e político que Padre Ibiapina se insere, como aquele que veio resgatar a justiça, apontar para uma visão teológica não opressora, mas portadora de esperança.

Ao traçarmos, nesse primeiro capítulo, o quadro sócio-político-religioso, nossa intenção foi o de compreender melhor a figura de pessoas como padre Ibiapina e padre Cícero, homens que marcaram sua época com renovada atuação pastoral de perfil libertador, sendo que esta compreensão no pode ser feita se nos ancoramos em um contexto histórico específico, que foi aquilo que procuramos retratar. No próximo capítulo, examinaremos mais de perto a figura do padre Ibiapina.

²¹ Para a questão do medo, ver Jean DELUMEAU, *Lê peché e la peur*, 1983.

CAPÍTULO II: PADRE IBIAPINA: CONTRADIÇÕES REVELADAS

Nesse capítulo iremos analisar a trajetória de padre Ibiapina, seus encontros e desencontros com a Igreja oficial, bem como seu compromisso com o povo pobre e sofrido do Nordeste. Iremos também apresentar a construção das casas de caridades formadas por Padre Ibiapina e seu projeto de inserção social do povo espoliado do sistema. Mostraremos, também, que mediante este projeto, várias contradições e tensões surgiram no seio da Igreja Católica, em especial falaremos sobre os conflitos entre catolicismo popular e oficial.

2.1 – Padre Ibiapina: sua vida e sua missão

Padre José Maria Ibiapina foi um dos maiores missionários do interior do nordeste, pelas viagens missionárias que lhe permitiram anunciar a mensagem evangélica nos cinco estados da região; maior pela quantidade de obras que deixou; pela originalidade do seu método missionário; pela concordância e pela sintonia que soube criar entre a sua pregação e a alma do povo do interior nordestino.

Pode-se dizer que de todos os sacerdotes, que foram adotados pelo povo sertanejo, Ibiapina foi um dos mais lúcidos e inteligentes de sua época. Sua trajetória de vida como homem leigo, advogado, intelectual e conhecedor do sofrimento comprovam esta afirmação (Cf. COMBLIN, 1984).

Ibiapina nasceu na Fazenda Morro do Jaibara, em Sobral, no Estado do Ceará, no dia 05 de Agosto de 1806. Em seu batismo, recebeu o nome de José Antônio Pereira Ibiapina. Foi o terceiro filho do casal, do Senhor Francisco Miguel “Pereirinha” e da Dona Tereza de Jesus. Estudou as primeiras letras na cidade de Icó Ceará, onde o menino “Pereirinha”, como o chamavam naquela época, já demonstrava grande inteligência. Quando jovem deslocou-se para Olinda, com o objetivo de freqüentar o Seminário, mas foi obrigado a voltar, devido às três tragédias que marcaram a sua vida: a primeira, a morte de sua mãe; a segunda, o assassinato de seu irmão mais velho; e, depois, o fuzilamento de seu pai por motivos políticos. Esse retorno do jovem Ibiapina ao Ceará, para cuidar de sua

família e assumir a educação de sua irmã mais nova, interrompeu sua trajetória no Seminário.

Ibiapina foi fortemente influenciado pelos inúmeros sofrimentos, que passou com a perda de seus entes queridos, mas, o sofrimento que presenciou, quando deputado marcou sua vida. Como advogado, presenciou o sofrimento do povo e intuiu que seria possível uma mudança na mentalidade e na vida do povo sertanejo.

Depois dos problemas resolvidos, Ibiapina retornou a Pernambuco com as duas irmãs menores. Em Pernambuco, Ibiapina ingressou no Curso Jurídico, formando-se na primeira turma de bacharéis em Olinda, em 1832. No ano seguinte, foi nomeado juiz de Direito e chefe de polícia de Quixeramobim, no Ceará. Após sua atuação como magistrado, foi eleito deputado federal, sendo o mais votado para a legislatura no período de 1834-1837.

O deputado Ibiapina mostrou-se um excelente advogado, preocupado com os pobres, passando a defendê-los, elegendo-os como causa fundamental de sua carreira política. Quando deixou o mandato de deputado, Ibiapina passou a se dedicar à advocacia, tornando-se um excelente advogado. Com apenas vinte e oito anos, já era notável o seu brilhantismo, quando patrocinou causas complexas e demonstrou sensibilidade com aqueles que sofrem: as pessoas desamparadas.

Em 1850, com quarenta e dois anos de idade, sua vida deu uma reviravolta radical. Retirou-se de toda e qualquer atividade social e, durante três longos anos, permaneceu em completo isolamento, como refere seu biógrafo e historiador Mariz: “... desfazendo dos seus bens, recolheu-se numa pequena casa num bairro do Recife, lendo, estudando, meditando, aprofundando-se nas virtudes da humildade e pobreza voluntária” (1980: 22).

Através de suas pregações, convocava o povo à conversão¹: “... utilizava quatro dias de pregação, quando se empenhava em combater os “vícios” que corrompiam a moral dos sertanejos e em esclarecer os fiéis sobre as virtudes da caridade, bem como sobre os benefícios do amor de Deus” (RIBEIRO, 2003: 15). Essa atitude revela o homem Ibiapina, voltado para a boa conduta, procurando, dessa forma, resgatar a dignidade do povo humilde, proporcionando a ele a

¹ A palavra conversão significa uma mudança de vida, de atitudes de forma radical. Ibiapina na sua pregação exortava o povo a converter-se, mudando sua maneira de se relacionar com Deus.

possibilidade de mudança de atitudes. Mostra, também, que o amor de Deus é superior aos interesses políticos e oligárquicos, que não demonstravam desejo em mudar a situação social. A insistência em pregar o amor de Deus tem como objetivo central restaurar junto ao pobre a possibilidade de ver Deus de forma diferente, ou seja, vê-lo como libertador do povo oprimido. O objetivo da missão de Ibiapina era propagar não uma esperança vã, apoiada na justiça dos homens da época, mas uma esperança vinculada à fé. Ele insistia na partilha e no trabalho, pois via na vivência do povo oprimido um potencial transformador, capaz de levar as pessoas a se tornarem agentes de sua história.

A partir de 1860, o padre Ibiapina deu uma maior organicidade à sua ação pastoral, passando a pregar missões. As missões não romperam com a realidade cultural do povo, mas fortaleceram suas relações: “A programação das missões era repleta de atividades, procissões, missas cantadas, penitência pública de centena de fiéis, tudo isso em clima de festas, que, aliás, acompanhava Ibiapina desde sua chegada até o encerramento das missões” (RIBEIRO, 2003: 15).

Ibiapina concentrou suas missões no Ceará, pelo fato do Cariri ser uma região fértil, onde se refugiavam muitos sertanejos por causa das secas. No entanto, ele não ficou restrito só ao Ceará, percorrendo outros estados, como Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Ele se fez presente nessas regiões anunciando a Palavra de Deus e chamando o povo a se converter, para se tornar devoto do Coração de Maria².

A primeira situação “indigesta” para Ibiapina foi a atitude do bispo Dom Luiz Antonio dos Santos, em 1863, quando esse proibiu suas atividades missionárias na diocese que administrava. Esta proibição afetou diretamente o trabalho pastoral de Ibiapina. A proibição episcopal teve como pano de fundo um episódio ocorrido em Barbalha, quando uma mulher pediu sua ajuda: “A razão dessa expulsão foi o fato ocorrido no município de Barbalha, onde o padre teria aconselhado uma mulher que lhe implorou a cura, que fosse se banhar na fonte de caldas, localizada fora da

² Segundo a tradição antiga: Jesus deixou doze grandes promessas às pessoas que, aproveitando-se da Sua Divina Misericórdia, participassem das comunhões reparadoras das primeiras sextas-feiras. Disse Ele, numa dessas ocasiões, disse à Santa Margarida: "Prometo-te, pela Minha excessiva misericórdia e pelo amor todo-poderoso do meu Coração, conceder a todos os que comungarem nas primeiras sextas-feiras de nove meses consecutivos, a graça da penitência final; não morrerão em minha inimizade, nem sem receberem os sacramentos, e Meu Divino Coração lhes será seguro refúgio nessa última hora" (Cf. BÍBLIA).

cidade” (CHICOLI, 2005: 36). Esse fato teve uma repercussão inesperada, pois a mulher voltou curada e Ibiapina começou ser proclamado milagreiro. O fato não foi bem visto pela Igreja Oficial, que sempre via, com certa desconfiança, milagres desse tipo.

No século XIX, a Igreja vivia tempos sombrios, pois setores progressistas da sociedade, adeptos das idéias liberais, que já vicejavam na Europa, queriam renovar a sociedade brasileira. Este projeto contou com a presença dos positivistas, maçons e dos protestantes³. Ibiapina defendeu sempre a Igreja, mesmo com todos os problemas que ela lhe criou, como o de proibir de pregar missões. Ele tinha consciência das dificuldades vividas pela Igreja. “O missionário demonstrou estar ciente da delicada situação da Igreja Católica. Sendo assim, voltou-se para sua defesa obstinada” (RIBEIRO, 2003: 22). Ibiapina defendeu a Igreja com sua ação pastoral, voltada para o fortalecimento da fé e da mudança de vida do povo.

Proibido pelo bispo Dom Luiz, Ibiapina não mudou os temas centrais de sua pregação: condenar a prostituição, abandonar os vícios e o concubinato, insistir na vida comunitária e na necessidade de se viver com dignidade o presente. Sua pregação teve presente a vida futura, mas não foi apocalíptica, uma vez que teve os olhos voltados para o dia-a-dia:

A sua ação apostólica deu-se numa sociedade onde a correlação de forças entre dominantes e dominados baseava-se prioritariamente, em relações de tipo paternalista. Logo, a autoridade que ele defendia era justamente a dos grandes proprietários de terra da Província do Ceará aos quais os trabalhadores sertanejos livres e pobres deviam obediência. (RIBEIRO, 2003: 22)

Nessa reflexão, Ribeiro nos revela duas realidades conflitantes: a primeira, a realidade de luta de classes no interior nordestino, onde os grandes proprietários de terra, com seu poder local, dominam os sertanejos, homens sem terra, deixando

³ O Brasil com o processo da proclamação da República (1889), trouxe no seu bojo as idéias liberais, uma forte influência do positivismo de Auguste Comte. O Positivismo contribuiu no sentido de renovar a mentalidade brasileira através da educação e da filosofia da história. Essa contribuição efetuou-se não só por intermédio de duas reformas do nosso ensino, abertamente inspiradas na doutrina de Comte, mas ainda mediante dezenas de professores de cursos secundários normais e superiores que eram discípulos entusiastas do filósofo francês. Como também o protestantismo e maçonaria que afetam diretamente a Igreja Católica no Brasil que, já sofre com a separação do Estado.

clara a contradição entre riqueza e pobreza; a segunda, as relações de Ibiapina com os grandes proprietários. Sem desmerecer a história e nem a autora, devemos, antes de tudo, procurar entender a relação de Ibiapina com os grandes proprietários. Mas convêm ter presente dois tópicos importantes: os objetivos da missão e objetivo evangelizador de Ibiapina. Seu serviço presbiterial volta-se para a promoção da caridade, o que fez com que abraçasse as missões de forma tão intensa.

O conteúdo de suas pregações estava voltado para a misericórdia de Deus, com o objetivo de que seus ouvintes entendessem, ou melhor, percebessem a misericórdia divina e a beleza do crer em Deus. O caminho para essa experiência da misericórdia divina era a prática da caridade, pois, para ele, quanto mais a caridade fosse praticada, maior a possibilidade de se receber as graças divinas. O sentido da caridade tanto para o pobre quanto para o rico era o mesmo:

... a idéia de concessão de favores já se anuncia e guarda uma inversão, posto que não são os trabalhadores que dependem da caridade dos potentados, mas antes, são estes últimos que têm sua riqueza e poder garantidos pela possibilidade de dispor do trabalho dos sertanejos. (RIBEIRO, 2003: 27)

Nesse sentido os objetivos das missões direcionavam-se para a caridade, que estas evangelizava e despertava os sertanejos para a realidade em que viviam. Tinha presente que a caridade feita pelas pessoas de posse poderia ajudá-las. Na sua relação com elas, não perdeu seu objetivo evangelizador. Tendo presente a posição ocupada pelas pessoas na hierarquia social, procurava levá-las às atitudes humanas e cristãs.

Não se pode negar que a intensa atividade de Ibiapina corroborava com a manutenção das diferenças sociais ou com o estabelecimento de certo equilíbrio nas relações sociais de seu tempo. Com esse estímulo à caridade, Ibiapina reforçava valores que, até então, não eram vivenciados pela elite e que, agora, incentivavam a própria elite de fazendeiros a “partilhar” com aqueles que nada possuíam (Cf. RIBEIRO, 2003). Essa ação pastoral missionária e de estímulo à caridade, o coloca numa inserção política, que envolvia as classes abastardas da sociedade:

O estímulo à caridade, por tanto, demarcava a inserção política de sua ação missionária, na medida em que reforçava valores que tradicionalmente garantiam a manutenção do poder dos grandes fazendeiros diante do conjunto de sertanejos livres e pobres. (RIBEIRO, 2003: 28)

Para manter sua obra missionária de caridade, Ibiapina buscava, no poder vigente, sua sustentação tanto política como econômica. O projeto de inserção social do trabalhador sertanejo comportava riscos assumidos em nome dos necessitados. Em nome de uma sociedade ideal, Ibiapina inseriu-se dentro dos quadros dominantes da época, dialogando com a classe dominante e com o pensamento liberal, emergente na época. Aqui, a caridade se enquadra no que Thompson⁴ chamou de: "... lubrificante social dos gestos, ou seja, um mecanismo eficiente para a garantia do controle social, na medida em que as doações, banquetes e festividades podiam arrefecer a escassez cotidiana dos trabalhadores" (RIBEIRO, 2003: 29).

Na mentalidade de Ibiapina, essa sociedade ideal só poderia ser concretizada mediante dois aspectos, a saber: o fortalecimento das relações entre ricos e pobres e a ajuda mútua. Para Ibiapina, a missão devia inibir as turbulências de classes, existentes no Nordeste, entre proprietários e trabalhadores sertanejos, o que ocorreria pelo fortalecimento da autoridade dos grandes proprietários e por uma visão utópica de sociedade ideal a ser atingida por meios dos ideais liberais, que levariam a superação da distância entre ricos e pobres.

Assim, aproximar antagonismos significava a possibilidade do fortalecimento e manutenção da sociedade ideal, com suas obras pias de misericórdia. Uma sociedade sem conflitos interessava aos proprietários, para eles era interessante a disciplina dos trabalhadores, numa época em que a mão-de-obra para a lavoura exigia maior dinamismo, principalmente no período da explosão da cultura do algodão, que se tornara a nova fonte de riqueza da década de 50. A concepção de trabalho de Ibiapina era profundamente marcada pela mentalidade de sua época, tendo na idéia da caridade um contraponto.

Por esse conjunto de forças antagônicas, entre os trabalhadores sertanejos e os proprietários, passava qualquer ação política da época que visasse estabelecer

⁴ RIBEIRO, 2003: 29, cita com propriedade Thompson nem sua tese: *Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (1860-1883)*.

um certo equilíbrio social. As tensões sempre presentes desafiavam os agentes sociais. Nesse sentido, o apoio à missão de caridade de Ibiapina vem ao encontro da necessidade do contexto sócio-político do século XIX.

Padre Ibiapina procura trazer para o povo sertanejo a perspectiva de mudança diante dos problemas do dia-a-dia, diante das calamidades que assolavam o Nordeste. Para ele, essa perspectiva revelava, ao povo, os desígnios de Deus. Sem negar a ação da providência, convidava os sertanejos a agirem e os convocava a ajudarem nas suas obras sociais, especialmente, na construção das casas de caridade.

Ibiapina se preocupava em organizar as comunidades em torno da solidariedade, isto é, da caridade. Como homem de seu tempo e pelas idéias de progresso, Padre Ibiapina não expunha o povo ao conflito social, mesmo que este vivesse num sistema explorador e excludente. Confiante na Providência Divina, ele despertava sentimentos de esperança, geradores de transformação, sem, contudo, apelar para o conflito. Como compreender o sofrimento vivenciado pelo sertanejo? Como um reflexo de sua condição social ou atribuí-lo a forças sobrenaturais?

Padre Ibiapina estava consciente e convicto de que a fome e a miséria eram o fomento das revoltas sociais, por isso seu empenho em convencer a elite, principalmente os homens ricos e poderosos, que a caridade era o caminho do equilíbrio, daí a importância de sua prática. Preocupação nada ingênua, pois, corresponde, na verdade, à realidade histórica que se vive. Já lembramos que Thompson, nos fala do controle social com as doações, banquetes e festividades. Abre-se com essa prática, a possibilidade de arrefecer a carência que o povo sofria. Esta prática revela-nos, também, de forma escancarada, a distância existente entre riqueza e pobreza, entre dominantes e dominados, entre sofrimentos e esperança. Esta prática despertava esperança, gerando, no povo, o desejo de se organizar.

As casas de caridades acolhiam os que a sociedade e o sistema político excluía, como as meninas órfãs ou mesmo abandonadas, oferecendo a elas uma oportunidade de receberem uma educação, como a elite recebia. As casas de caridades eram um espaço para todos. As filhas de escravos, por exemplo, recebiam o mesmo tratamento, eram consideradas livres (Cf. RIBEIRO, 2003).

Esse era o espaço criado pelo padre Ibiapina. Nele, concretizava seu desejo de resgatar a esperança de vida do povo. Arriscando, um pouco mais, podemos dizer que as casas de caridades despertavam, lentamente, no povo, a consciência de serem agentes da história. Porém, tal prática não se dava sem tensões, como já vimos, com as diretrizes oficiais da Igreja Católica.

2.2 – Tensões entre religiosidade popular e Igreja Oficial

Tratando da situação do sertanejo, pode-se dizer que a religião era uma aliada forte do trabalhador, da sua necessidade de crer no sobrenatural e de suas ligações com Deus. Como a água para nossas vidas, assim era a religião para o povo. Diante da violência dos homens, ou do sofrimento, como a seca, a religião colocava-se como proteção divina, isto é, diante das contradições e das injustiças sociais, a religião era a possibilidade de oferecer as certezas e as esperanças. O sobrenatural, muitas vezes, era manipulado como nos lembra Ribeiro:

Através da crença, os indivíduos organizavam suas formas de sociabilidade, suas festas e seus ritos de passagem. Mais ainda, a religiosidade dos sertanejos compreendia também a possibilidade de manipulação do sobrenatural. Todo o interior da província estava repleto de especialistas do sagrado: penitentes, benzedeadas, carpideiras, capelães, entre outros. (2003: 36)

Nesse ambiente, onde se respirava religião, ela se apresentava ora como um instrumento de inserção social, ora como equilíbrio, ora como espaço de rebeldia. Dentro desse contexto religioso ambíguo, que padre Ibiapina missionou, inserindo-se no meio de uma sociedade, onde “as crendices”⁵ eram vivenciadas por um povo incompreendido, sofrido e excluído pelas próprias das estruturas sociais. Nessa realidade hostil, o povo necessitava de proteção diante das doenças e secas.

Padre Ibiapina, considerado um enviado por Deus, um anjo na terra, especialmente depois do episódio da cura de Luzia “pezinho”, que aconselhada por

⁵ Crendice está associada à fé, ou seja, é uma firme convicção de que algo seja verdade, sem nenhuma prova de que este algo seja verdade, simplesmente se tem a fé. Isto significa absoluta confiança, como a crendice popular do povo sertanejo, confiou no milagre da Beata Maria de Araújo, no Padre Cícero. É um acreditar, onde se deposita total confiança.

ele, foi banhar-se na nascente do Caldas⁶, era visto como um protetor. Esta atribuição revelava o quanto o povo estava ansioso de segurança. A fé no milagre reforçava a confiança do povo em Ibiapina. O devoto via, no milagre, um sinal concreto da presença de Deus. Deus se fazia presente através das obras de Ibiapina.

Padre Ibiapina revelava ao povo sofrido do sertão nordestino um Deus que não só estava junto nos momentos difíceis de secas e de epidemias, como também os capacita a transformar a própria realidade, em contraposição ao Deus punitivo dos missionários que o antecederam, que em sua ira os abandonava às conseqüências do próprio pecado. Nesse sentido, Ibiapina, do seu modo e dentro da formação tridentina recebida no seminário, soube revelar na sua época a idéia de libertação do povo, ao tentar inseri-lo numa dinâmica de transformação.

Nas casas de caridade, Ibiapina exigia obediência às leis de Deus e do Estado, condenava qualquer rebeldia. Nas missões, pedia do povo que vivesse dignamente. O aglomerado de pessoas nas missões causava, às vezes, problemas, diz Ribeiro: "... homens e mulheres insistiam em ocupar o espaço das missões, levando seus instrumentos e aguardente que, quando combinados, deixavam os corpos e ânimos quentes, desdobrando sensualidade ao som de músicas cantadas e dançadas" (RIBEIRO, 2003: 41). Esta rigidez de Ibiapina refletia a formação recebida no seminário e sua visão de como se deve construir uma sociedade ideal, mantendo os antagonismos em equilíbrio.

Ao oferecer ao povo humilde motivos de esperança, ao procurar despertá-lo para uma vida mais digna e, principalmente, ao proporcionar nas casas de caridade uma educação mais esmerada, mostrou o quão libertário ele era, preso, ainda é verdade a um certo paternalismo.

Já no século XIX, em 1854, foi criada por Roma, a diocese do Ceará, jurisdição eclesiástica, que correspondia aos limites geográficos da província Imperial. Até então, o Ceará pertencia a uma província diocesana, com sua sede episcopal em Recife. Com o seminário, a implantação da romanização, iniciada em 1861 teve um impulso extraordinário. A romanização tinha objetivos bem claros como: moralizar o clero local; constituir uma sólida estrutura clerical; restaurar o

⁶ RIBEIRO, 2003, *Entre a penitência do corpo e o corpo em festa*, faz uma análise exaustiva do milagre e de suas repercussões.

prestígio da Igreja; a ortodoxia da sua fé e tirar o povo da ignorância religiosa. A criação de um seminário para dar uma sólida formação ao clero era um dos passos mais importantes. O clero seria formado dentro da mentalidade europeia de evangelização.

A diocese encontrava-se num estado muito precário, tinha somente 33 padres, sendo que dois terços viviam irregularmente, ou seja, tinham construído famílias.

O seminário de Fortaleza passou a preparar futuros sacerdotes numa concepção tridentina⁷, insistindo em dois pontos de um lado a apresentação da doutrina da Igreja Católica, como fonte das verdades da fé, e, de outro, o combate das idéias positivistas e liberais, que se faziam presentes no processo de secularização do Estado. Dom Luiz gastou:

... uma boa parte das energias de seus primeiros quatro anos como bispo do Ceará na visibilização do seminário, em 1864 logrou inaugurá-lo, confiando a direção de um grupo de padres lazaristas⁸ franceses, o que teve grande repercussão no tipo de formação clerical adotada na diocese em suas primeiras décadas, o que também, naturalmente, influenciou na formação sacerdotal do padre Cícero. (BRAGA, 2008: 41)

Desde os primórdios da colonização, como já tivemos oportunidade de notar, no Brasil floresceu um catolicismo tradicional e um mais renovado, dentro de uma mentalidade mais tridentina. Este implantado pelos missionários, principalmente, pelos jesuítas. Com o movimento de romanização em curso, as tensões entre estes pólos apareceram mais claramente, como Azzi comenta:

⁷ Sobre o Concílio de Trento convém esclarecer: A Igreja Luterana havia se separado, em 1520, e somente em 1545, a Igreja Católica se reúne em Concílio para avaliar a situação e tomar uma posição. Foram vinte e cinco anos de espera e indecisão. A abertura do Concílio deu-se em 1545, na cidade de Trento, na presença de trinta participantes e quarenta teólogos assessores. O Concílio viveu tempos difíceis, pois a toda hora chegavam notícias de guerras e matanças entre católicos e protestantes, tornando difícil uma posição de reconciliação. A intenção de Pio IX, ao convocar o concílio, era, por um lado, incentivar a obra de reação contra o naturalismo e o racionalismo, obra que ele vinha desenvolvendo desde o início de seu pontificado, e, por outro lado, adaptar a legislação eclesiástica às profundas mudanças produzidas no mundo. Contudo, o anúncio do Concílio acentuou a oposição entre as correntes de opinião que se defrontavam no seio da Igreja há cerca de 20 anos: católicos liberais e neogalicanos, de um lado, ultramontanos e adversários das liberdades modernas, de outro.

⁸ Com relação a presença dos lazaristas, BRAGA comenta: “Essa escolha dos lazaristas por Dom Luis foi proveitosa, visto que, eles permaneceram por quase cem anos à frente do Seminário Episcopal do Ceará (de 1864 até o ano de 1963)”. (2008:47)

O catolicismo renovado, por sua vez, apresenta entre outras as seguintes características: é romano, clerical, tridentino, individual e sacramental. Em todo o período colonial, ou seja, nos três primeiros séculos, de vida cristã no Brasil, dominou incontestemente o catolicismo tradicional. Durante essa época, apenas os jesuítas e alguns bispos tentaram efetivamente introduzir no Brasil o catolicismo renovado, de inspiração tridentina. Não obstante, esses esforços não chegaram a ter um grande êxito. A época imperial se caracteriza por uma acentuada luta de hegemonia entre o catolicismo tradicional, que goza do apoio do governo, e o catolicismo renovado, propugnado pelos bispos reformadores. (1976: 10)

No Nordeste, a situação não era diferente. Aqueles que detinham o poder local - político, econômico e religioso - não queriam mudanças no “status quo”. Interessava uma religiosidade que ajudasse no controle da população e mantivesse a ordem vigente. Para Ribeiro, esta é uma das razões que leva os donos de terra a apoiarem o trabalho evangelizador de Ibiapina:

Os representantes do complexo agrário-comercial, não sem receio, em ver centenas de trabalhadores livres e desprovidos de terra reunidos, admitiram as missões, também pelo espaço que as mesmas disponibilizavam para o exercício do teatro da proteção e da caridade, através do qual eles buscavam exercer e reforçar o controle sobre os trabalhadores. (2003: 43)

Os poderosos ao apoiarem as missões de padre Ibiapina esperavam obter o controle social. A religião ajudaria a promover o trabalho, no sentido de sua legitimidade exploradora.

O catolicismo romanizado trazia consigo, como já afirmamos, uma estrutura tridentina e sacramental, que impede um catolicismo com suas manifestações festivas, danças e rezas tão arraigadas no seio da sociedade nordestina. Otten, comentando essa tradição, afirma: “Para os santos há oração, benditos, terços, novenas, bênçãos, consagrações, purificações, procissões, danças, bailes, folguedos, mutirões, compadrio, romarias, festas e promessas” (1999: 15).

Entende-se, então, o quão difícil era a educação dos adultos, que já tinham internalizado essas práticas. A formação dada pelo seminário de Fortaleza, traçava uma clara distinção entre o sertão tradicional com suas devoções e o seminário com sua formação tridentina:

O seminário onde Cícero ingressou em 1865 não era um seminário qualquer. Era uma das peças-chaves da montagem da nova Diocese do Ceará, que ia além de sua estruturação administrativa. Isto porque o bispo não se empenhava apenas na constituição de uma diocese. Seu objetivo era mais ambicioso e estava voltado para um amplo processo de reforma eclesial e clerical naquela província. (BRAGA, 2008: 41)

As novas levas de padre saídas do seminário de Fortaleza batiam de frente com essa mentalidade religiosa, fato que gerava inúmeras tensões no seio da população local.

Fato que explica, em parte, a acolhida feita pelo povo ao padre Ibiapina que mesmo sendo portador de uma formação rígida, tratava o povo com respeito e carinho. Sua visão da vida cristã que privilegiava a oração e o trabalho, o *ora et labora* despertava a admiração do povo mais simples. As antigas missões que tinham varrido a região ajudaram a consolidar o catolicismo popular tradicional. Tanto Ibiapina, como padre Cícero, nas suas trajetórias possuíam, como pano de fundo, as missões populares. Estas respeitavam a fé e a religiosidade popular, respeitavam a autonomia popular no campo religioso, autonomia esta que não visava e não buscava a separação da Igreja Católica, ou melhor, do catolicismo oficial. Cabe lembrar que as pregações do século XVII, tinham como base três pontos: um profundo asceticismo, com profundos traços moralistas; uma visão apocalíptica do mundo, que esperava o fim dos tempos; e práticas de penitência e de abstinência.

A proposta romanizadora de restaurar a Igreja e a ortodoxia da fé no país gerou inúmeros conflitos com a religiosidade popular. A tensão foi constante entre o catolicismo tradicional com suas características específicas e o centralismo institucional de Roma, com seu fechamento sobre si e sua recusa de contato com o mundo moderno. Uma das estratégias utilizadas pelo processo romanizador era a substituição das devoções tradicionais por devoções modernas. Um exemplo dessa estratégia é a importação da Devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Suas características principais são: a dimensão sacramental, a sua ligação com a hegemonia clerical e o estímulo a santidade.

É, nesse contexto, que padre Ibiapina dá início a sua prática de solidariedade com os pobres. As construções das casas de caridades visibilizam a preocupação com a formação do povo humilde, excluído do sistema político e explorador. Os sem

tetos, as órfãs e as mulheres são objetos de sua preocupação. A necessidade de ir ao encontro da caridade, expressão de amor a Deus e amor ao próximo era a proposta sempre presente nas ações do Padre Ibiapina.⁹

As beatas para Ibiapina, por exemplo, eram pessoas especiais, consagravam-se aos serviços de Deus, faziam voto de castidade, viviam pobremente, sem apegar-se aos bens materiais, vestiam com simplicidade, tendo presente o Reino de Deus. Essas mulheres pobres que se colocavam a serviço de Deus e da Igreja, eram fundamentais: o braço direito de Ibiapina no projeto das casas de caridade. Movidas pelas pregações de Ibiapina, aderiam ao projeto missionário da caridade. Além do trabalho nas casas, elas se dedicavam-se a evangelizar os moradores.

Outra característica das casas de caridade era o fato de estarem abertas para todas as pessoas, especialmente, para as marginalizadas pela sociedade patriarcal e hierárquica. A partir de 1863, Dom Luis Antônio dos Santos, então bispo da nova diocese de Fortaleza, criada em 1854, proibiu as missões de Ibiapina, expulsando-o do Ceará. Atitude gerada pelas exigências do processo de romanização, com o objetivo de barrar as manifestações populares na região.

Ibiapina despertava a liderança religiosa dos leigos, principalmente das beatas. Esta orientação contrariava a visão da Igreja oficial para a qual:

Os “leigos” têm a obrigação de buscar parâmetros na voz dos padres e de todos os outros membros da ordem hierárquica. Os padres devem obediência aos bispos e outros superiores, assim como os bispos são subordinados a membros do corpo clerical que ocupam cargos de maior poder. Obviamente, o topo dessa hierarquia é ocupado pelo Papa. (RÉGIS, 2000: 33)

O primeiro sintoma de decadência das casas de caridades veio com sua transferência para as mãos dos párocos regionais, que não tiveram o mesmo zelo

⁹ Numa perspectiva teológica pode-se falar de um princípio cristológico, ou seja, para Jesus Cristo o amor aos homens não é só filantropia, mas um ato religioso, uma consequência de sua visão religiosa, de sua relação com Deus. É dentro dessa concepção religiosa que devemos ver Ibiapina e padre Cícero na sua ação pastoral na qual se movem com certa autonomia. O cristão deve esforçar-se por ser perfeito como é “... perfeito o Pai celeste” (BÍBLIA, Mt 5, 48). As casas de caridade procuravam por em prática o princípio jesuânico, enunciado com concisão por São Paulo: “... aquele que ama a seu próximo cumpriu toda a Lei, porque o amor é pleno cumprimento da Lei” (BÍBLIA, Rm 13, 8-10).

apostólico missionário de padre Ibiapina. Em 1883, quando Ibiapina morreu, a decadência das casas era generalizada.

É possível situar melhor as tensões entre religiosidade popular e religiosidade oficial, proposta pela Igreja, que implantava o processo de romanização, se debruçarmos sobre as dimensões vividas pela religiosidade popular: de autonomia devocional, sacrificial e do milagre.

2.3 – Autonomia pastoral geradora de sofrimentos

Só se entende a importância desta autonomia, que Ibiapina e Cícero demonstraram na sua atividade pastoral, caso se leve em conta o contexto desta sociedade marcada pelo sofrimento e pelo descaso por parte das autoridades. No entanto, o povo em suas manifestações religiosas expõe sua “garra” e luta por dias melhores. Entender essas dimensões ajuda-nos a perceber, numa perspectiva teológica, a vivência das devoções populares e situar, melhor, o projeto missionário de ambos. Esta autonomia está presente nas manifestações religiosas da religiosidade popular. Mesmo com as pressões da Igreja oficial, o povo continuava mantendo suas devoções. A Igreja oficial pode impor devoções, é verdade, mas não pode controlar as ressignificações que o povo faz das práticas religiosas. Este fato pode ser observado no momento que a Igreja oficial trouxe religiosos para tomarem conta dos santuários brasileiros.

A abundante produção ritual do povo simples foi vista pela Igreja oficial como algo superficial, fato que revela uma visão simplista, que só recentemente começa a ser revista. Produção ritual acentuada não significa que a religiosidade do povo simples seja menos profunda. A vivência do sagrado é uma experiência forte para os fiéis, eles se sentem tocados, afetados pelo sagrado, por aquilo que acreditam ser um milagre. Sentem-se tocados pelo sagrado no contato, no fato de estar presente nos lugares sagrados, como um santuário, uma gruta e lugar de devoção:

Nas devoções populares, o “sagrado” se materializa: lugares tornados sagrados por acontecimentos milagrosos, aparições olhado milagroso de imagens (por exemplo, Nossa Senhora Aparecida), ou presença nesses lugares de uma imagem milagrosa; materiais considerados sagrados porque foram abençoados. (FERNANDES, 2004: 105)

Assim, ver numa gruta um lugar sagrado, sem dúvida, é, para o povo, expressão de religiosidade. Ibiapina e Cícero compreenderam bem isto, e souberam respeitar as práticas populares religiosas.

Na ótica da Igreja, essa atitude, muitas vezes, era considerada como atitude de “fanatismo” e, às vezes, até de “desequilíbrio”. Ao pensar que ao longo do processo de romanização e, ainda, por muito tempo, a Igreja procurou preparar seus padres, distantes do povo, de seus problemas e de seus anseios. Alguém segregado das coisas do mundo e perto das coisas divinas. Esta imagem foi, lentamente, sendo interiorizada no imaginário popular e pelos futuros padres. A Igreja realizou

... um esforço para criar entre os candidatos a exercer o ministério sacerdotal a idéia de que eram pessoas chamadas para exercer uma função divina, e, ao mesmo tempo, fazer com que a população passasse a considerar os padres como criaturas especiais, dotadas de dons angélicos. (AZZI, 2005: 279).

Assim, reforçou-se tanto na época colonial, como na realidade do século XIX, a idéia de pequenez do povo diante daqueles que detinham a “sabedoria divina”, gerando uma forte superioridade clerical: “A superioridade do estado sacerdotal era reforçada por uma teologia que colocava os sacerdotes bem próximos da natureza dos anjos, constituindo verdadeiras presenças angelicais na terra”. (AZZI,2005:280). Nesse contexto, o resgate da mulher nordestina nas obras das casas de caridades, criadas por Ibiapina, é revelador de uma renovada compreensão da vida cristã.

Padre Cícero, ao longo de sua vida deixou transparecer a sua autonomia, como na decisão de estudar no seminário em Fortaleza, no decorrer de seus estudos e, principalmente, na sua ordenação.

A autonomia se faz presente uma vez mais na dimensão de permanecer junto a seu povo para ajudá-lo, a crescer na auto-estima e a descobrir suas potencialidades.

Ibiapina e Cícero estão imbuídos, tomados pela vivência da caridade. Por caminhos diversos, compreenderam que: “O amor ao próximo é cumprimento da Lei” (BÍBLIA, Rm 13, 10).

Assumiram como norma de vida, os critérios de Jesus, que reduziu toda a religião e toda a moral a dois preceitos básicos e fundamentais: primeiro, o amor de Deus; segundo, como consequência do primeiro, o amor ao próximo.

São Paulo, ainda, diz em Gálatas que: "... o fruto do Espírito é o amor (ágape) (BÍBLIA, LIVRO, 5, 22). Assim, a compreensão da caridade exercida pelos padres Ibiapina e Cícero, revela-nos essa dimensão de amor cristão, como uma participação na ágape divina, e tem, por conseguinte, os caracteres que lhe são próprios, como por exemplo, a iniciativa, o desinteresse com relação às coisas materiais, o dom de si e, até, o sacrifício.

A vida de Ibiapina e de Cícero foram marcadas pelo sacrifício e pelo sofrimento. Sofrimento que eles souberam acolher e compreender. O povo sofredor teve neles um amparo e um porto seguro. Através do exemplo de Jesus, eles se sensibilizam com o povo que sofre. O Deus, que Jesus anunciou como o libertador dos oprimidos, é um Deus que faz justiça, é o Deus do milagre, porque anuncia a possibilidade de mudança. Essa mudança vem de Deus com o povo na ótica de padre Cícero. Já em sua época a pastoral de Padre Cícero traz no seu bojo traço libertadores.

Sabemos que os grandes momentos de revelação divina foram aqueles em que Deus mostrou sua sensibilidade pelos excluídos. Momento no qual, Deus abre sua intimidade e revela o seu interior, e derrama seu coração. Deixa-se guiar pela empatia e pela solidariedade, mostrando-se como um Deus compassivo e justo.

Deus não é conivente com o sofrimento e nem com a dor do homem, para Deus uma única coisa é fundamental: a libertação e a felicidade de homens e de mulheres. A dor é uma consequência da condição humana, não sendo gerada por Deus.

O sofrimento do povo sertanejo é humano, não vem como provação de Deus. Aliás, Deus não precisa desse meio para expor o seu amor e sua bondade, que é infinita. O sofrimento e a dor são condições inevitáveis ao homem, mas essa dor não pode ser vista somente do ponto de vista físico, mas também ela pode ser explicada por outras condições, como escreve Fernandes:

A primeira vista a dor se nos parece apenas como um mal físico. Todavia, não exprime somente isso. Em muitas situações a dor não tem nada a ver com uma escolha particular do indivíduo empírico. Determinadas situações e condições são-lhe impostas. (FERNANDES, 2008)

Nesse sentido, o sofrimento causador da dor do povo sertanejo veio da estrutura política da época, que levou o povo à fome e à miséria. Diante desse sofrimento, Deus se apresentou como anunciador de uma nova ação transformadora, na pessoa de Jesus, que apareceu para padre Cícero em sonho, e pediu a ele que cuidasse do povo. Jesus preocupado com o povo que sofre, como veremos no próximo capítulo, se fez presente na trajetória de padre Cícero, que se abriu para os excluídos na vida social e religiosa.

A vivência desse princípio jesuânico, na perspectiva de Ibiapina e Cícero, não nega a vivência religiosa do povo, isto é, sua dimensão devocional, suas expressões festivas e sua perspectiva sacrificial e milagreira.

O processo de romanização, imposto de cima para baixo, bateu de frente com a dinâmica popular religiosa. Mas, não só o povo sentiu a pressão. Cícero, que cresceu no meio dessa religiosidade popular, também se vê podado. Conforme afirma Barreto: "...a permanência de Cícero no seminário não foi de paz silenciada e nem tranqüila meditação monástica" (2002: 18). É dentro dessa tensão que podemos visualizar mais nitidamente o contexto religioso desses dois grandes missionários, como veremos a seguir mais de perto ao apresentar a trajetória de Padre Cícero.

Como vimos anteriormente, padre Ibiapina em sua formação intelectual se viu diante de uma encruzilhada: de um lado, o povo com sua religiosidade, sua crença e sua fé e, de outro, uma elite constituída por grandes proprietários de terra, que explora os sertanejos. É dentro desse contexto histórico, que depois de uma passagem pelo seminário, onde recebeu uma formação marcadamente tridentina, tanto Ibiapina, quanto Cícero atuaram apostolicamente.

A formação ortodoxa e seminarística não foram suficientes para eliminar as raízes profundas deixadas pela vivência familiar. Não se pode esquecer que o ambiente familiar na qual Cícero viveu era profundamente marcado pelas crenças e pelas práticas do catolicismo popular. Ao chegar à Juazeiro, padre Cícero soube respeitar a religiosidade popular, como nos relembra Figueiredo Neto:

Nos moldes do trabalho de padre Ibiapina, padre Cícero preocupou-se em trazer o povo para a Igreja, não só através das liturgias sacramentais, mas também realizando atividades em prol da comunidade (...) e em poucos anos o pequeno lugarejo começou a dar sinais de desenvolvimento. (2005: 24)

A posição de Cícero e também de Ibiapina, marcada por certa autonomia, incomodava a Igreja oficial. A postura da Igreja se respaldava numa visão hierárquica da obra de Deus na criação. O mundo criado, perfeitamente, ordenado, era modelo para as pessoas. “Simultaneamente, apresentava-se a idéia da perfeição dessa obra divina. Assim como o reino celeste fora organizado de forma hierárquica, da mesma forma ocorria, por vontade de Deus, com a organização social da terra”. (AZZI, 2005: 155). Sociedade e Igreja também deviam refletir sobre esta estrutura, na qual todo o poder emanava de Deus e, por conseqüência, de seus representantes na terra.

Esta visão teológica que servira tão bem para justificar os processos colonizadores se prestava, agora, para dar base ao processo de romanização. As atividades pastorais e políticas dos padres Ibiapina e Cícero na Igreja oficial, especialmente pela atenção dada à religiosidade popular e pela dinâmica catequética, que convidava a buscar na fé, e na esperança forças para transformar o dia-a-dia marcado pelas carências mais diversas, incomodava a Igreja hierárquica.

No próximo capítulo, iremos analisar o caminho de padre Cícero, através de sua ação pastoral, de seu chamado a servir e socorrer o povo sofrido e abandonado pelo sistema político, econômico, social e religioso, a partir deste olhar teológico.

CAPÍTULO III: PADRE CÍCERO, UM SACERDOTE

PROFÉTICO

A análise da obra e da vida de Padre Cícero passa pela compreensão do seu sacerdócio. “O fato de ter manifestado precocemente o desejo de ser padre e ter recebido o apoio familiar era comum dentro dos espaços e das perspectivas sociais onde ele estava inserido e dentro das condições objetivas que encontrava ao redor de si”. (BRAGA, 2008: 35). Como vimos, tanto ele quanto padre Ibiapina exerceram uma prática pastoral que revelou as contradições presentes entre a religiosidade do povo e a religiosidade proposta pela Igreja Oficial.

Neste capítulo, inicialmente, falaremos, de maneira breve a respeito da biografia de padre Cícero, bem como de sua ação pastoral. Em seguida, buscaremos inserir tal prática dentro do contexto histórico vigente na época, com destaque para o processo de laicização da sociedade, processo que se inicia com a Independência do Brasil (1822) e toma forma com a Proclamação da República (1889). Por fim, a partir de um olhar teológico, analisaremos a prática pastoral de Padre Cícero, tomando como chaves de leituras o conceito de lugar e de espaço, mais especificamente, a questão da terra, dado sempre presente no sertão nordestino.

3.1 - Chamado a servir aos pobres

3.1.1 – Trajetória de Padre Cícero

Padre Cícero inseriu-se no contexto da humilde cidadezinha do Juazeiro do Norte, com seu povo trabalhador, modesto e humilde. A pobreza era fruto de uma colonização que fora enraizada nos moldes da metrópole e da exploração dos grandes proprietários de terras, terras em grande parte apropriada dos índios. A posse da terra propiciou a constituição de famílias importantes em Juazeiro, como a dos Gonçalves, Macedo, Sobreira, Landim e Bezerra de Menezes.

Padre Cícero, nasceu em 24 de Março de 1844, em Crato, à rua Grande, atual rua Dr. Miguel Lima Verde, num domingo, às cinco horas da manhã. Filho primogênito do casal Joaquim Romão Batista e Joaquina Romana.

Em oito de abril, o menino é batizado com o nome de Cícero, na Matriz de Nossa Senhora da Penha, no Crato, pelo vigário Padre Manoel Joaquim Ayres do Nascimento, sendo padrinho, seu avô paterno, Pereira Castão.

Em 1853, em quinze de agosto, Cícero fez a Primeira Comunhão, na Matriz de Nossa Senhora da Penha, em Crato. Em primeiro de fevereiro de 1856, passou a estudar na Escola Régia, sob orientação do Padre João Marrocos, seu primeiro professor de Latim. No dia primeiro de março de 1860, matriculou-se como aluno no Colégio Padre Rolim, em Cajazeiras, Paraíba. Em 1862, vinte e oito de junho, falece, em Crato, seu pai, vítima do cólera-morbo. “O próprio Cícero foi atingido pela enfermidade, sobrevivendo” (BRAGA, 2008: 31). O aluno Cícero deixa o Colégio para dar assistência à sua mãe e às duas irmãs.

Em 1865, em dois de março, entrou no Seminário de Fortaleza, levado pelo jornalista, seu tutor, João Brígido:

Sua passagem pelo seminário poderia ser apresentado como unicamente tranqüila não fossem algumas objeções feitas quando ele estava na metade do curso e que partiram do Conselho de Ordenação, especialmente, do padre lazarista Pierre Chevalier, reitor do seminário, sugerindo que ele não deveria ser ordenado. (BRAGA, 2008: 32).

Felizmente, Dom Luis Antônio dos Santos não aceitou a sugestão do Conselho, porque razões não se sabem. Assim, aos trinta de novembro de 1870, na Igreja da Paraíba, no Seminário, pelo próprio Dom Luiz, Cícero foi ordenado sacerdote.

Em primeiro de janeiro, chegou ao Crato ordenado, e em oito de janeiro de 1871, cantou sua primeira Missa, na mesma Igreja em que fora batizado e fizera sua Primeira Comunhão. Foram padrinhos na cerimônia, seu padrinho de Crisma, Antônio Luiz Pequeno, e seu parente e grande amigo, Joaquim Segundo Chaves. Em vinte e quatro de dezembro, celebrou, pela primeira vez, em Juazeiro do Norte,

convidado pelo seu professor Semeão Correia de Macedo, para a Missa de Natal daquele ano.

3.1.2 – O chamado de Padre Cícero e sua ação pastoral

Quando se procura compreender a vocação de Padre Cícero, deve-se destacar o seu chamado para trabalhar em Juazeiro do Norte, fato determinante de sua ação pastoral social junto ao povo sertanejo. Toda a vocação é um chamado especial e pessoal, com Padre Cícero não foi diferente. Entende-se vocação no sentido estrito da palavra, isto é, como um chamado ou uma escolha, por isso é algo pessoal e especial. Padre Cícero recebeu este chamado e o realizou plenamente em Juazeiro do Norte, como escreve Della Cava:

Um sonho, entretanto, veio alterar, de súbito, os seus planos (...) Ao anoitecer de um dia exaustivo, após ter passado horas a fio a confessar os homens do arraial (...) Aí no quarto contíguo à sala de aulas, caiu no sono e a visão fatal se revelou. 13 homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor, numa disposição que lembrava a última ceia, de Leonardo Da Vinci. O padre sonhou, então, que acordava e levantava-se para espiar os visitantes sagrados, sem que estes o vissem. Nesse momento, os 12 apóstolos viram-se para olhar o Mestre (...) Cristo apareceu na escola tal como no retrato litúrgico popular do século XIX, e que se encontrava em quase todos os lares piedosos da época. Conhecido como Sagrado Coração de Jesus. Nesse quadro, o coração Nazareno está visivelmente exposto e, simbolicamente, representado como que inundado de amor pelos homens e, também, despedaçado e sangrando das feridas infligidas pelos pecados da humanidade e pela indiferença à fé (...) Cristo, então, virou-se para eles e falou, lamentando a ruindade do mundo e as inúmeras ofensas da humanidade ao Sacratíssimo Coração (...) Naquele momento apontou para os pobres e voltando-se, inesperadamente, para o jovem sacerdote, ordenou: “ E você, Padre Cícero, tome conta deles”. (1976: 26)

A missão estava clara. Ele devia olhar os pobres com carinho e com dedicação. Assumiu para si a missão de levar ao povo a fé e a esperança no Sagrado Coração de Jesus. Na sua atividade pastoral, em Juazeiro do Norte, promoveu a fé enraizada e comprometida com a realidade do povo. Respeitou e procurou entender as expressões de religiosidade popular e, gradualmente, introduziu novas exigências, como nos relembra Barreto:

As procissões, novenas, promessas aos Santos, as ladainhas fervorosas e pedidos ao céu, para se livrarem do castigo da seca e das doenças contagiosas, contribuíram, e muito, para que os pobres se abrigassem no catolicismo guerreiro e nem de longe se advertissem da necessidade de conscientizar sua fé na caridade cristã que o Evangelho prioriza. Padre Cícero foi medindo estas expressões e de modo imediato, com a aceitação da comunidade, organizou as celebrações, visitas às famílias, presença também fora da sacristia nos encontros sociais. (2002: 24)

Padre Cícero convidou o povo simples a uma fé mais consciente, uma fé esperançosa em mudanças no dia-a-dia, que se contrapunha à fé apresentada ao povo por muitos missionários da época. Estes levavam até ao povo a imagem de um Deus intimidador, punitivo, irado, que tudo via e sempre julgava o povo.¹

Padre Cícero associou seu trabalho pastoral com a denúncia do “pecado social”, ou seja, a exploração pelos mais fortes e os abusos dos coronéis. Mostrou e orientou, convidando o povo a viver uma fé que liberta dentro de certos padrões. Gradualmente, construiu a imagem de pregador e de conselheiro do povo sertanejo, que vai ao encontro do povo desorientado, para educá-lo na fé, que aspira a justiça.

A atividade pastoral desenvolvida pelo Padre Cícero negou as críticas dirigidas a ele por representantes da Igreja Oficial, que o viam como instigador da revolta entre o povo “ignorante” e “fanático”. A Comissão de Reabilitação do Padre Cícero Romão Batista, a pedido do novo bispo de Crato D. Fernando Pânico, vê em Padre Cícero não um agitador ou mesmo desequilibrado, mas um homem consciente de sua “ação pastoral”².

O Padre Cícero, desde o começo de sua atividade pastoral em Juazeiro do Norte, ainda recém-ordenado, mostrou seu amor para com os pobres. Com sua vida modesta, acolheu os pobres em sua própria casa, colocando seus bens a serviço dos mesmos. Soube resgatar a pessoa e a dignidade dos pobres. A expressão “padrinho” foi o reconhecimento de sua atitude acolhedora e protetora dos necessitados. O chamado de Padre Cícero e o seu comprometimento com a ação junto ao pobre colocando-o diante de realidades antagônicas, isto é, um sistema

¹ Esta era a imagem de Deus que a Igreja Medieval, teocêntrica, distante do povo, difundia nas suas pregações. Uma Igreja do medo, da ordem, da moral, que estava a serviço de uma hierarquia comprometida com os poderes locais.

² Essa comissão organizada, a pedido do bispo D. Fernando, estuda a vida de Padre Cícero com o objetivo de sua reabilitação diante da História. As correspondências de Padre Cícero revelam sua personalidade equilibrada e virtuosa. Apesar de toda perseguição que sofreu, foi capaz de amar e de expressar suas emoções de forma muito equilibrada e com discernimento invejável.

político e econômico que explorava e excluía a maioria dos sertanejos, uma realidade de exploração e de opressão.

As atividades pastorais e políticas de Padre Cícero geraram tensões com a Igreja Oficial. A atenção dada à religiosidade popular e à sua catequese, que convidava a buscar na fé, a esperança para transformar o dia-a-dia, acabou incomodando. A Igreja vivia, no Brasil, um vigoroso processo de romanização.

Em 1870, ano de sua ordenação, no âmbito internacional, a Igreja de Pio IX resista ao mundo moderno, à “laicização da sociedade”. O episcopado anticlerical e ultramontano se colocou contra o regalismo e ao juridicismo do Estado, estreitando seus vínculos com a Cúria Romana. Por sua vez, a política do Estado Imperial brasileiro procurava unir: “... autoritarismo e liberalismo, juridicismo confessional e tolerância religiosa, esfera pública e privada, estatuto e cidadão” (BARROS, 1994: 15).

Em Juazeiro do Norte também se fez presente a tensão vivida entre a Igreja Católica, os protestantes e a República, com sua visão liberal. O choque entre a Igreja hierárquica e a fé popular, apontava para a transição do catolicismo colonial para o catolicismo universalista. (Cf. DELLA CAVA, 1976)³.

A Igreja buscava sua autonomia em relação a um Estado que se secularizava, explica Della Cava:

Encontra-se a Igreja, na época, sob ataques crescentes dos republicanos. Em 1888, o bispo confiara ao Padre Cícero seus temores de que o problema da “liberdade religiosa” estava se tornando cada vez mais crítico. Acreditava o bispo que os políticos da nação, eivados de más doutrinas, querem discriminar o Brasil, mas, graças a Deus não conseguirão porque ainda há fé para salvar o País. (1976: 56)

Na medida em que Padre Cícero foi se envolvendo com as necessidades do povo, como a pobreza e a desorientação, ele foi percebendo também o paradoxo da estrutura hierárquica da Igreja Romana⁴.

³ O autor explica de maneira clara a posição da Igreja com sua proposta de remodelar o catolicismo popular com suas crenças nos moldes do Concílio de Trento. Uma Igreja que detém o poder da fé verdadeira. “Engessar” a fé popular na doutrina oficial da Igreja Romanizada. Também procura inaugurar uma nova era na qual a Igreja e o seu clero liderariam a substituição do “catolicismo colonial” do Brasil pelo “catolicismo universalista”, com base sólida em Roma. (Cf. CASTILHO, 2000)

⁴ Explica muito bem esse paradoxo BARROS, 1994, no seminário, *150 anos de Padre Cícero*, quando expõe a contradição que foi gerada a partir do momento em que Padre Cícero aproxima-se dos

Historicamente, a partir do século XVI, podemos verificar o distanciamento entre a religiosidade popular e a religiosidade burguesa e eclesiástica.⁵ Para Vorveleyn, a partir da Reforma Protestante, dá-se uma verdadeira ruptura entre a Igreja oficial e o povo: “As igrejas oficiais afastam-se da fé do povo que consideravam como, mágica, humana demais, muito marcada pelos ritos e com pouca fundamentação filosófica” (1990:41).

A pastoral de Padre Cícero foi ao encontro das necessidades do povo, através das pregações, do incentivo à vivência do Evangelho e do fomento da esperança. A dinâmica profética marcou sua atividade pastoral ao condenar os abusos por parte da elite e se voltar para uma religião que superasse o legalismo⁶.

Padre Cícero entendeu o povo, soube de sua necessidade e procurou levá-lo, através de sua religiosidade profunda, à construção do espaço sagrado de esperança. Pode-se dizer um Deus encarnado na história (imanência) e não distante, escatológico, portanto, transcendente. Ao mesmo tempo em que Padre Cícero exercia esta prática, a Igreja Oficial opunha-se às práticas religiosas populares, prega uma religião tradicional, dentro da qual o aspecto ritual concreto ligado aos costumes do povo era para ser deixado de lado: “A grande intelectualização da fé faz desaparecer o interesse e a dedicação do clero oficial em relação à fé do povo. Como consequência, a fé do povo se viu constrangida a desenvolver-se de alguma forma” (VORVELEYN, 1994: 42).

3.1.3 – A separação Igreja – Estado: contextualizando a ação pastoral

A separação Igreja e Estado desembocou no sertão de forma impiedosa, por isso a religiosidade popular era vista como uma “praga”, vivida por um bando de “fanáticos” e “ignorantes”. Todo movimento que se desenvolveu ao redor da

problemas sociais. Em outras palavras, cada vez que expõe a miséria do povo, maior o choque com a estrutura hierárquica da Igreja. Revela com sua ação a própria contradição da Igreja, um problema interior da hierarquia, que não vê na sociedade esses antagonismos, ou seja, os interesses da Igreja hierárquica são outros, como, por exemplo, uma religião ordenada a partir da estrutura Romana.

⁵ Joseph VORVELEYN (1999), em seu livro *Padre Cícero e os romeiros de Juazeiro do Norte*, explica muito bem essa dicotomia entre a religiosidade popular e a religiosidade burguesa e eclesiástica, dizendo que os historiadores apóiam-se em dois elementos para explicar esta divergência: a descoberta da tipografia e o código oficial que se difundem em grande escala e que contribui para a intelectualidade tanto do clero, como da burguesia.

⁶ Padre Cícero na realidade rompe com os ensinamentos de uma religião que prega o legalismo, isto é, uma religião voltada unicamente para a salvação da alma. Muito mais do que isso, a pregação de Padre Cícero está enraizada em cada ato, na busca daquele que sofre, oferecendo uma saída para o desespero, através do trabalho comunitário, vivenciado no dia-a-dia.

atividade de Padre Cícero. Observamos outros movimentos neste momento histórico, como é o caso de Canudos, que também foi visto como fanatismo, coisa de gente ignorante. O termo, fanatismo, tanto em Canudos como em Juazeiro, "... é usado como termo genérico para um homem que se comporta de maneira incomum, que leva uma vida que não se enquadra nos moldes gerais" (OTTEN, 1990: 33).⁷

Em Juazeiro do Norte, a Igreja hierárquica desempenhou um papel semelhante ao desempenhado em Canudos, descaracterizando as manifestações de fé popular, vendo suas manifestações como "fanatismo", especialmente, o Milagre de Maria de Araújo, impondo uma fé institucionalizada. Este fato criou uma enorme tensão no meio do povo que vivia no lugar de um fé popular ligada à vida, presente no cotidiano⁸.

Castilho, em seu estudo sobre o movimento da Reforma e a "paroquialização" do Estado Eclesial nos séculos XIX ao XX, chama atenção para o esforço realizado pela Igreja hierárquica, para implantar uma visão tridentina (Cf. CASTILHO, 2000). O autor ressalta que a Igreja para se reforçar como instituição, buscou como modelo a Igreja européia romanizada, que tinha como base o Concílio de Trento, como já trabalhado no capítulo II.

Brevemente, o processo de transição entre a Monarquia e a República trouxe para o Brasil a transição da colônia para o Estado liberal, numa linha positivista. A separação da Igreja do Estado cerceou as atividades burocráticas da Igreja, isso não ocorreu já com o Império, que desejou, a partir de então, recuperar o seu espaço eclesial junto ao povo, impondo uma fé institucionalizada, no lugar de uma fé popular, enraizada no espaço sagrado de uma fé autêntica, constituída nos parâmetros de sua realidade.

O povo excluído do sistema político-econômico, da colônia e da monarquia, era, agora, marginalizado pela política do Estado católico liberal e burguês e pela Igreja, que não via a fé popular como manifestação religiosa autêntica. Essa foi uma

⁷ Em Canudos, Estado e Igreja tinham interesses ideológicos. Na verdade, Canudos era um pretexto para atacar os monarquistas. OTTEN (1990) analisa muito bem essa situação em seu livro *Só Deus é grande*.

⁸ Ver o importante livro de Maria do Carmo Pagan FORTI (1991), *Maria do Juazeiro*. Maria do Carmo, a partir da leitura dos inquéritos realizados a pedido do bispo de Fortaleza, reconstrói a vida da beata resgatando sua dignidade e credibilidade.

das maiores dificuldades da Igreja no Brasil: não aceitar a fé popular, como expressão verdadeira de um povo.

Padre Cícero, um homem de fé, fiel à Igreja hierárquica, rígido na disciplina, na oração e no trabalho, não criou a divergência com a Igreja, mas não deixou de defender o pobre e oprimido em seus direitos. Sua sensibilidade era profunda, pois percebia, no sertanejo, uma fé autêntica. Ao mesmo tempo, via que era necessário orientar o povo, tanto na oração como no trabalho, bem como em suas manifestações religiosas, é essa perspectiva que irei analisar em seguida.

3.2 - Sensibilidade pastoral: a marca do homem

O Centro de Documentação Estudos e Pesquisas sobre a Reabilitação Histórico-Eclesial do Padre Cícero Romão Batista nos lembra que Padre Cícero teve sempre uma vida modesta: soube partilhar seus bens materiais e intelectuais com os mais simples, procurando inseri-los na sociedade. No mesmo documento, sublinha a sensibilidade pastoral do Padre Cícero:

Padre Cícero sempre distinguiu, em seu zelo pastoral, o pecado do pecador. Intransigente para com o pecado mostrou-se acolhedor para com os pecadores, chamando-os à conversão e mudança de vida numa atitude amorosa e inclusiva. Sua prédica constante é ainda hoje lembrada pelos romeiros: “Quem matou não mate mais, quem roubou não roube mais. (2002: 9)

Atitude que relembra o agir de Cristo, relatado por Mateus: “... misericórdia é que eu quero, e não sacrifício. Com efeito, eu não vim chamar os justos, mas os pecadores” (BÍBLIA, Mt, 9, 13).

Padre Cícero, em sua “ação pastoral”, usou não a prática rigorista e exterior da lei, mas estava preocupado com o sentimento sincero, ou seja, como o coração sincero. Dentre as virtudes de Padre Cícero, citadas anteriormente, encontravam-se sua esperança e confiança na providência e misericórdia divinas. Esta esperança levou a agir sempre numa atitude construtiva, buscando o desenvolvimento de sua região e acreditando na possibilidade de se construir um mundo melhor. No seu estilo de vida simples imitava Jesus que vivia entre os seus. Até seu modo de morar

refletia sua opção: “O Padre Cícero sediou-se em Juazeiro, numa casa de Taipa, igual a dos pobres dali. Ficou no meio do povo, pobre com os pobres” (PERINI, 2000: 4).

Padre Cícero, em sua trajetória pastoral, não só se preocupou com a evangelização, mas procurou executar em sua “ação pastoral”, uma “pastoral social”. No próximo item, irei analisar o sentido de Pastoral Social, procurando entender de forma mais clara o seu significado e sua ação promotora dos excluídos.

Por Ação Pastoral entende-se anunciar, denunciar e se comprometer com o povo que sofre e é oprimido pelos poderosos. Isso exige uma sensibilidade às questões sociais, as que levam os agentes a procurar respostas para os problemas e dificuldades que surgem no dia-a-dia. A partir da conscientização, da organização e da mobilização, abrem-se os caminhos alternativos.⁹

Pastoral, sinônimo de Pastor, é aquilo que conduz o seu povo, sensibiliza-se com o sofrimento do seu rebanho, doa sua própria vida. É a partir de uma pastoral viva, encarnada no seio das comunidades, que temos o esclarecimento de Pastoral. Podemos, ainda, buscar seu sinônimo na pastoral libertadora que nasce do conflito, pois é uma pastoral que gera o oposto e tem sua identificação com Jesus: “Como Jesus, tornou-se sinal de contradição. Muitos tropeçam nela. Muitos a respeitam. Outros a escolhem como pedra angular de sua igreja, de sua vida”. (LIBÂNIO, 1982: 9). Pode-se dizer que a pastoral enraíza-se na idéia de pastor, pois qualquer ação pastoral tem algo a ver com a ação própria do pastor. Cabe analisarmos em diferentes contextos históricos como essa ação pastoral se processou e, de que forma agiu e se estruturou.

Se pensarmos na época do povo de Israel, veremos duas situações interessantes que nos esclarecem o contexto histórico em que a ação pastoral se estruturou. A primeira, o povo encontrava-se escravizado no Egito, era explorado,

⁹ Nesse sentido, anunciar significa, para os que crêem no Evangelho, na Palavra de Deus, fazer da Utopia cristã, uma ação transformadora. A utopia, aqui, refere-se a uma meta, ou seja, um ideal a ser conquistado, que pode ser colocada em prática no aqui e agora. Por isso, torna-se uma meta dinamizadora que provoca as pessoas para a mudança, seja no aspecto pessoal como no coletivo. Essa meta, na verdade, é um dom e uma conquista. Por que se fala em dom? Porque é um dom que se transforma em uma verdadeira ação libertadora do homem; é dado por Deus, que atua na história do homem, sem paternalismos. O dom e a conquista, a ação do homem e de Deus, tornam-se um sinal do Reino de Deus, que acontece na história do homem. Uma Nova Aliança, que é premissa do Reino.

oprimido, espoliado em sua dignidade; a segundo, ao ver o sofrimento desse povo Javé se compadece, tem misericórdia e conduz o povo para a libertação, por isso o povo o reconhece como pastor: “Deus é o meu pastor”,(LIBÂNIO, 1982:14). Essas duas realidades exprimem e definem a ação do Bom Pastor, o extremo afeto do Bom Pastor, dirigido às suas ovelhas. Para o povo de Israel o bom pastor torna-se além daquele que conduz seu rebanho para o caminho da libertação, o Pai, porque o Pai é aquele que vigia, comanda, conduz suas ovelhas, porque reconhece e elas o reconhecem (Cf. BÍBLIA, SI, 23).

3.3 – O Pastor é sinal de contradição

O Pastor, no sentido estrito da palavra, está ao lado das ovelhas, protegendo-as, mas, acima de tudo, está no meio de suas ovelhas, daí o reconhecimento de suas ovelhas. Mas o pastor é sinal visível de contradição.

Partindo do ponto de vista da ação pastoral de Jesus, podemos identificar a novidade que ele trouxe para o povo de Israel. Em primeiro lugar, Jesus comoveu-se por ver o povo abandonado, disperso e sem direção. Ele próprio se assume como Bom Pastor e, mais, se faz conhecer pelas suas ovelhas. “... assumia ele mesmo diretamente a função de pastor” (LIBÂNIO, 1982: 20). Daí, ele próprio velar pelo povo e passar a conhecê-lo.

A grande novidade de Jesus, em sua época, era dar, em primeiro lugar, a segurança que o povo não tinha, em segundo, caminhar junto com o povo, resgatando-lhe a dignidade, e ao mesmo tempo assumir uma atitude radical: morrer se preciso fosse pelas suas ovelhas, o que seria o ato último do Bom Pastor.

Na época de Padre Cícero, século XIX, duas perspectivas pastorais dominavam a ação pastoral: uma elaborada com base nas orientações de Trento, levada adiante pela Igreja Oficial; a outra ação pastoral, a do Padre Cícero, inserida na realidade do povo sertanejo. A Igreja institucional está inserida na sociedade, mas ideologicamente distante dela, fato gerador de muitas tensões, lutas e contradições: “Nessa sua condição de campo religioso-eclesiástico, de instituição

social, a Igreja hierárquica reage aos impacto do contexto histórico-político em que vive” (LIBÂNIO, 1982: 33).¹⁰

Nesse contexto, a Igreja Oficial via na religiosidade popular uma expressão de atraso, que a fragiliza. Daí, ser incomodada por toda a atividade pastoral, que de alguma forma, valorizava as manifestações religiosas populares. Padre Cícero não estava contra a Igreja, ele via a Igreja como o grande impulso para a unidade dos pecadores, observa na Igreja um sinal religioso.

Ela é um sinal visível, que aponta para uma realidade invisível. Padre Cícero possuía essa consciência, enquanto sacerdote, e mais, soube que a Igreja devia ser como Corpo de Cristo: “A Igreja define-se fundamentalmente como Corpo de Cristo, como Templo do Espírito como vinha do Senhor” (LIBÂNIO, 1982: 35).¹¹

Podemos dizer que tanto católicos como protestantes do século XVI estavam convencidos de estarem diante de uma cristandade cheia de superstições. Havia uma preocupação com uma ação catequética, que fosse capaz de substituir uma religião ligada à terra e ao cotidiano por uma mais espiritualizada.¹² As características principais dessa ação pastoral eram o poder e o medo.

À medida que a Igreja foi tornando-se rica, seu poder econômico teve reflexos no projeto evangelizador: “A base do poder eram enormes riquezas, canalizadas para a tarefa de evangelização, da catequese, através de instituições de culto, de instrução e assistência social”. (LIBÂNIO, 1982: 40). O poder econômico da Igreja era colocado a serviço não do povo, mas do Clero. Todo esse poder econômico dinamizou a catequese, catequese baseada no medo que criou um imaginário simbólico muito particular no povo cristão.¹³

¹⁰ João Batista LIBÂNIO (1982) explica que a estrutura social da Igreja sofre com a realidade em que vive, ou seja, as próprias contradições da sociedade se refletem na infra-estrutura social da Igreja. Os interesses de classe ressoam no seio da Igreja, ela é disputada por diversos interesses dessas classes. Nesse sentido o autor ressalta que a Igreja possui certa autonomia própria.

¹¹ A Igreja, sendo templo do Espírito, é portadora da Palavra de Deus, isto é, do Evangelho. Padre Cícero anuncia ao povo sertanejo a Palavra de Deus, que é Salvação. A negação da Igreja oficial aos atos de apoio de Padre Cícero ao povo tem base na auto-compreensão da Igreja, que se considera “sociedade perfeita”. Não existem duas Igrejas. Della Cava (1976) chega a afirmar em seu estudo o Milagre em Joazeiro, que existiu uma crise entre essas duas Igrejas, isto é, uma “... Igreja dentro da Igreja” (1976: 70). Mas foi um equívoco, existiu, sim, uma crise de credibilidade. Essas duas realidades marcaram a contradição entre o Clero hierárquico e o povo.

¹² O autor utiliza a expressão pastoral tradicional para designar a ação da Igreja Hierárquica Eclesial, como forma de buscar uma ação evangelizadora exercida pelo poder da Igreja e pelo medo do inferno.

¹³ Enraíza-se no imaginário simbólico do povo a mentalidade da crença do Juízo Final. Em outras palavras; constrói-se no povo um sentimento de culpabilidade (pecado), porque o homem sente-se o

Esse imaginário contribui para a construção de uma mentalidade religiosa que acreditava no horror do inferno, distanciando-se de uma ação pastoral que libertava e que estava encarnada na realidade social. Nas missões dos capuchinhos em Juazeiro do Norte: “... a ênfase que os missionários emprestavam à ira de Deus e à perdição iminente do homem por causa do pecado contribuía para gerar um emaranhado de crenças supersticiosas” (DELLA CAVA, 1976: 30). A base era uma religião desencarnada das necessidades do povo e que impunha temor. A pedagogia do medo estava presente em todas as pregações, sendo que a vida devia ser levada de acordo com os ensinamentos da Igreja: “O horror do inferno e sua edição mais mitigada o purgatório – estava a serviço de uma pregação da Salvação, resultado somente de uma vida levada de acordo com as normas da Igreja” (LIBÂNIO, 1982: 44).

A Ignorância que será combatida por um clero renovado – daí a criação dos seminários – e uma pastoral marcadamente moralista, geradora do medo¹⁴.

A ação pastoral da Igreja oficial, clerical e hierárquica distanciava-se dos reais anseios do povo oprimido. Neste contexto, a ação pastoral do padre Cícero sobressai e incomoda.

Na sua pastoral tradicional, a Igreja sempre trabalhou o imaginário simbólico do povo; apoiada na força do clero soube criar um imaginário cristão.

No século XIX, novas idéias se fazem presente no país. O protestantismo, o positivismo e o liberalismo cada vez mais se fazem presente na sociedade. A Igreja se preocupa com elas, pois coloca em xeque sua autoridade moral. Num contexto mais global não acompanha o mundo que se moderniza, as ciências em desenvolvimento oferecem novas idéias, novas questões que pedem um diálogo. Diálogo recusado pela Igreja que continua pensando ser ela a única detentora da verdade tanto no campo religioso, como no das ciências¹⁵. Os homens da Igreja

pior dos pecadores. Cria-se uma religião impregnada e direcionada pelas pregações missionárias, como: morte, juízo particular, purgatório, inferno, céu, limbo e a destruição do mundo pelo fogo.

¹⁴ Para um amplo estudo sobre os seminários no Brasil, ver: Kenneth P. SERBIN, *Padres, celibato e conflito social*, 2008.

¹⁵ Ao longo do século XIX, as ciências questionaram inúmeras visões da Igreja. Um dos questionamentos mais profundos vem da psicologia. A teoria freudiana do inconsciente rompeu muitas idéias defendidas pela Igreja. O quadro abaixo ilustra nossa afirmação: A Igreja: controle simbólico do Imaginário do povo - O controle da Igreja, sua forte influência no controle simbólico, como culpabilidade, homem pecador, purgatório, céu e o inferno. A Psicologia que rompe com a

detinham o poder de interpretação, por exemplo, das Escrituras: “... não se permitia que alguém se independentizasse dos documentos oficiais” (LIBÂNIO, 1982: 60).¹⁶

As tensões se multiplicavam, mas a Igreja estava disposta a implantar seu projeto restaurador na sociedade brasileira. Como último ponto, voltaremos nosso olhar para uma temática que ocupou lugar de destaque na pastoral do padre Cícero, a questão da terra.

3.3.1 – A perspectiva bíblica da questão da terra

A terra é um tema que nos coloca diante de muitas contradições, tanto no passado como na época atual. A preocupação nesse item é buscar o sentido da terra na perspectiva bíblica, para termos um suporte que de sustentação à ação pastoral de Padre Cícero, enquanto grande articulador e incentivador da reforma agrária.

A terra sempre foi um problema para o homem. A necessidade de estar num lugar, ter um lar, é uma constante necessidade e preocupação. Estar sem lar, gera problemas de ordem psicológica e social, podendo levar a perda da identidade. O significado do lugar é relevante: “... desde que Deus recusou uma casa e habitou provisoriamente com seu povo” (BÍBLIA, 2Sm, 7, 5-6), pois revela a preocupação de estar num lugar para a construção da história.

Assim, na perspectiva bíblica a terra é vista como um lugar e não como um simples espaço¹⁷ Essa busca de um lugar desvela a necessidade de entrar na história, mesmo não estando associada a um sentido a histórico. Portanto, Israel quando busca a “terra Prometida” não busca um espaço, mas um lugar, onde, com a

culpabilidade - A retirada da culpabilidade, através da busca da psicologia, na racionalidade científica, remonta o passado, os desejos, de pensamento, retira a culpabilidade do pecado.

¹⁶ Para maior esclarecimento dessa ação da Igreja, estudar a 1ª Comissão instaurada em Juazeiro do Norte, por ocasião dos fatos extraordinários acontecidos com a beata Maria de Araújo em 9 de setembro de 1891. Embora os relatórios da Comissão reconhecessem a veracidade dos fatos, a hierarquia da Igreja não aceitava, porque partia de uma mulher, analfabeta e mestiça (Cf. DELLA CAVA, 1976).

¹⁷ BRUEGGEMAN (1986) procura diferenciar “Espaço” e “Lugar”, distinção significativa. Esta distinção ajuda-nos a compreender a importância da terra para Israel e outros povos, pois espaço significa uma arena de liberdade, sem coação ou responsabilidade, estar livre de opressões e destituída de autoridade. Em outras palavras: estar relacionado sem compromisso. Ao contrário de Lugar, que possui um significado especial, ou seja, enraizado com a história. Em outras palavras, possui uma memória, pois, algumas coisas aconteceram, formando uma identidade, já que as coisas acontecem e estão inseridas na construção da história de um povo.

presença de lahweh, procura construir sua história. A terra prometida possui o significado de um lugar, onde acontece a história de um povo. Simultaneamente, a terra prometida que Padre Cícero anunciava ao povo, não era um espaço, mas um lugar para o povo ser livre, feliz e viver sua fé. Esse povo era desprovido de lugar, pois ocupava um espaço sem ter historicidade, sob a opressão dos grandes proprietários, senhores das terras.

A busca de terra para o povo de Israel é estar a caminho, na direção de um lugar na perspectiva de atingir certa segurança e prosperidade. “Para um observador, o peregrino-residente apenas está aí, lutando e sobrevivendo. Talvez apenas o que está dentro possa saber que ele não está apenas “estando” aí, mas que está a caminho em direção a uma promessa” (BRUEGGEMAN, 1986: 20). Dessa forma, olhar para o povo de Israel requer essa consciência, para compreender sua busca. Essa perspectiva vale também para o povo sertanejo, que buscou junto ao Padre Cícero um lugar para realização e prosperidade. Olhar o povo de Juazeiro do Norte, sem a perspectiva de busca de um lugar, é olhá-lo como um povo “fanático” e “ignorante”, ou mesmo como “desequilibrado” nas coisas de Deus.

A trajetória de um povo na busca não apenas da sobrevivência existencial, mas procura de um lugar na história tem sido tema de estudos exegéticos, desejosos de entender o significado histórico e seu papel na libertação. No exílio, além da opressão e dos maltratos sofridos, os judeus tiveram de lutar, de resistir para não perder a identidade.

Atravessar o deserto é experimentar dificuldades seja na vida material, perigo de morte (BÍBLIA, Nm 32, 13), como na vida de fé, perigo da incredulidade (BÍBLIA, Dt 1, 32).¹⁸

Uma das chaves de leitura do Êxodo é a teológica: “A “saída” ou “êxodo” da escravidão no Egito não é na história de Israel um evento qualquer. É o evento originário do povo de Israel” (PIXLEY, 1996: 9-12). É a partir do êxodo, que Israel conhecer a Deus, como Javé, isto é, na experiência do deserto, que o povo toma

¹⁸ Aqui podemos esclarecer a questão da incredulidade no deserto. Estar disposto a sair (Êxodo) de uma situação “cômoda”, isto é, o povo Hebreu encontrava-se preso no Egito, escravizado, embora tivessem o espaço, mas não tinham o lugar, pois o sistema aliena e não deixa perceber que estão presos nele. Seguir para o deserto é buscar um lugar, isto significa, lutar com as contradições do deserto. Era uma tarefa difícil o povo estava “acostumado” com a escravidão, numa visão determinista, pois o jogo de poder os alienou. Agora, estão no deserto à procura da liberdade, na construção de sua própria história, isso lhes custou muito, daí a incredulidade.

consciência de que Javé é um Deus libertador. Essa identidade que o povo adquiriu, exprime sua luta pela busca da verdadeira terra, ou seja, um lugar para a realização de sua história, sua vida, sua segurança, sua liberdade e sua prosperidade. Mas para que isto aconteça, se faz necessário sair de uma situação que engana, aliena e acomoda. É esta a tomada de consciência que se concretiza na caminhada do deserto. “Eu, Javé, sou teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão” (BÍBLIA, Ex, 20, 2).

Para o povo, o Jordão é muito mais que simples fronteira, ele representa, na realidade, o deserto, ou seja, a situação anterior de miséria e de fome. Atravessá-lo significa transformar-se, mudar a mentalidade, começar vida nova, num novo lugar. Antes, no Egito, eram escravos, agora são herdeiros, antes eram explorados, agora possuem a terra, antes, eram como crianças desamparadas, agora são filhos de um Deus libertador. Por isso, o momento é de escutar, escutar para caminhar segundo a vontade de Iahweh: “Moisés, formador da aliança e modelador de Israel, fala; e no seu falar define a forma e o caráter do novo Israel, do Israel na terra e para a terra e sobre a terra” (BRUEGGEMAN, 1986: 71).

O povo não está com medo de atravessar o Jordão, mas tomando consciência de que agora é construtor de uma nova história. Tem que buscar seu próprio sustento (Nm.20,2-13), condição da verdadeira libertação, criar e recriar seu lugar para a morada da justiça.

Esta é a realidade que padre Cícero encontrou em Juazeiro do Norte. O povo estava na terra, mas não tinha sua história, estava num espaço. Padre Cícero, em sua ação pastoral, ofereceu um lugar para o povo construir sua história. Num primeiro momento, visitava as casas das famílias, entronizando a imagem do Sagrado Coração de Jesus, aí rezava e incentivava o trabalho. Convidava o povo a cuidar da terra, fazer açudes e curar com medicina natural. Foi um convite para sair da situação de “miseráveis” e de “escravos” do sistema coronelista, para um sistema que os libertava. Em Juazeiro do Norte, muitos se revoltaram contra as atitudes de Padre Cícero, justamente porque conduziu o povo para romper com a alienação e a opressão.

A fronteira entre Crato e Juazeiro está simbolicamente representada pela fé, mas por uma fé, não mais enraizada no passado, quando eram dependentes de

Crato ou mesmo dos coronéis. Agora, queriam construir um Juazeiro independente, livre.

Para o povo de Israel, essa terra era um Dom de Deus, uma nova relação foi estabelecida entre o povo e Iahweh, relação fundada na Palavra, palavra que se cumpre. O povo tomou consciência de que a Palavra de Iahweh gera vida, pois, quem escuta tem vida: “De todas as promessas que Iahweh fizera à casa de Israel, nenhuma falhou; tudo se cumpriu” (BRUEGGMAN, 1986: 73).

Quando se analisa a “ação pastoral” de Padre Cícero, temos que ter presente seu projeto de libertação do povo. Padre Cícero levou ao povo a Palavra de Deus. Palavra que liberta, renova a esperança e vivifica. Em suas cartas, chamando a atenção do povo para cuidar do seu lugar (terra), fazia convites para se sair do deserto: “Não vá morar em terra de Senhor de engenho. Não venda suas terras. Não queiram morar em terra alheia. Compre sua terra” (BARRETO, 2002: 41).

Padre Cícero não se referia apenas à posse física da terra, posse de importância fundamental, mas pensava mais alto, isto é, na dimensão simbólica da mesma. A história do povo de Juazeiro pode ser dividida em antes da chegada de padre Cícero e depois. Com ele, teve-se início uma nova história de Juazeiro. É nessa perspectiva que devemos entender a terra na Bíblia e em Juazeiro, ou seja, um dom, uma promessa e um desafio.

Em seguida, analisaremos, a “ação pastoral” transformadora de Padre Cícero, verdadeiro proto-teólogo da libertação, ao antecipar a vivência das CEBs.

CAPÍTULO IV: PERFIL DA AÇÃO PASTORAL DO PADRE

CÍCERO

Viver a fé é importante porque nos dá a certeza de estarmos em harmonia com um ser superior, que não é regido por uma força da natureza, por estar acima de qualquer outra força. Viver a fé implica em dificuldades, pois ela nos lança na realidade do dia-a-dia e nos desafios do mundo. Esse foi o caminho de Padre Cícero em Juazeiro do Norte.

Em função disso, neste capítulo, falaremos com mais detalhes da ação pastoral de Padre Cícero, dando destaque para o seu trabalho junto às mulheres, tendo como ícone Maria de Araújo e o milagre da hóstia, e aos romeiros. Impedido de continuar a exercer as suas funções sacerdotais, ver-se-á a inserção de Padre Cícero na política, mas uma prática política que visava à vivência da fé no cotidiano, bem como à luta pela libertação.

A partir daí, trabalharemos com a idéia de que a prática pastoral de Padre Cícero pode ser considerada uma “proto-teologia”, daquilo que mais tarde passou a ser chamada de teologia da libertação, uma vez que nesta sua ação, podemos observar uma dimensão utópica, no sentido de que o povo passa a se comprometer com a transformação do mundo, de suas atitudes e de sua forma de pensar, a partir de suas vivências dentro de determinado contexto histórico, estando ancoradas em suas vivências cotidianas.

4.1 – Um mediador de vida e de esperança

Padre Cícero costumava dizer: “Deus está sobre tudo e é providência até das folhas que caem das árvores, quanto mais de nós que somos seus filhos. É certo: o bem que Ele não nos dá não teremos e o mal que não nos livrar virá sobre nós” (ENCICLOPÉDIA MULTIMÍDIA, 2007). Consciente dessa realidade, ele tornou viva sua missão desde o momento do chamado de Jesus Cristo, naquela escola velha e abandonada, que foi sua primeira morada, onde teve uma visão, em sonho. Jesus teria dito ao padre que era preciso socorrer os náufragos, ou seja, o povo pobre e miserável, excluídos da ação política, explorados no trabalho e dominados pela ação

ideológica dos coronéis e distantes da Igreja Oficial, que lhes impunha uma fé enraizada num Deus europeizado.

Essa gente, que vem para Juazeiro do Norte de toda parte, é acolhida por Padre Cícero, pois sua sensibilidade o levava a compreender as angústias e os sofrimentos do povo sertanejo, gerados pela seca, pela falta de trabalho e pela fome. Para o povo, Juazeiro do Norte é a “Nova Jerusalém”, lugar onde a esperança não morre.

O povo vem abrigar-se debaixo da proteção da Santíssima Virgem, na terra do “padim ciço”, que ensinou a ele que a Virgem é justa, compreende os seus sofrimentos e oferece a esperança, dando um porto seguro. Além da devoção à Virgem, as famílias do Cariri são devotas do Sagrado Coração de Jesus. Quem entrar em uma casa de família no Nordeste brasileiro, mais precisamente na região do Vale do Cariri, por certo, encontra na entrada – geralmente na sala de visitas, em um lugar de destaque e bastante visível – a imagem do Sagrado Coração de Jesus. Não importa a classe social de seus moradores: rica, média ou pobre; todos, com raras exceções, têm esta imagem em suas residências. Como reflexo disso, temos que uma das primeiras ações pastorais de seu ministério foi introduzir a imagem do Sagrado Coração de Jesus:

Ao levar a imagem do Sagrado Coração de Jesus para ser entronizada na sala principal da residência da nova família, leva também o incentivo para o trabalho, a preservação da água da cacimba, a medicina caseira, tirada na farmácia de Deus, as artes domésticas, o conselho pronto, a amizade da visitação. (BARRETO, 2002: 26).

Padre Cícero, preocupado com a situação de Juazeiro, procurou introduzir mudanças nos hábitos religiosos do povo, como a prática na participação dos Sacramentos, sobretudo da Eucaristia e da Penitência e a oração do Rosário à Nossa Senhora.

Cedo, ele percebeu que as missões que o antecederam doutrinavam “de cima para baixo”, impondo à sociedade sertaneja uma religião do medo, como tivemos oportunidade de explicar anteriormente. O povo precisava de respostas e, aos poucos, o Padre Cícero vai dando essas respostas. Responde primeiramente

organizando a liturgia e a catequese e, em seguida, percorreu o povoado fazendo visitas às famílias.

Sacerdote católico, confessor e conselheiro, antes de tudo foi um amigo dos pecadores e dos pobres. Suas portas jamais se fecharam aos necessitados de ajuda material ou mesmo espiritual. Sua ação pastoral renovava a esperança do povo. Esta proximidade das pessoas dava a ele credibilidade, enquanto que a Igreja institucional distanciava-se do povo, o que justificava o seu descrédito ao longo do século XIX.

Padre Cícero, nesse sentido, distanciava-se da prática pastoral da Igreja Oficial, pois, em sua ação pastoral, procura “inculturar”¹ a Palavra de Deus: “... coloca sua cultura, sua espiritualidade, seus sonhos e toda sua vida a serviço do povo simples de Juazeiro” (CARVALHO, 2004: 51). Ao contrário da prática pastoral, que ressaltava o poder da Igreja, considerando o povo como “ignorante”, Padre Cícero via o valor no “povo de Deus” e procurava resgatar sua dignidade. Seu lema era “oração e trabalho”.

Na pastoral da oração, acompanhava os grupos de orações, as novenas, as rezas do terço, o rosário de Nossa Senhora e a Sagrada Eucaristia. Acompanhava, ainda, os grupos de beatas e orientava os penitentes, sem descuidar das casas de caridade e de incentivar o trabalho na terra. Sua ação pastoral trouxe no seu bojo, uma profunda inserção social, inserção que dava a ele a oportunidade de ser conselheiro e, muitas vezes, “fazer-se de médico”.

Várias cartas e bilhetes recebidos por Padre Cícero confirmam o que acabamos de afirmar. Pessoas de vários lugares e de diferentes classes sociais requisitavam seus conselhos e suas receitas medicinais. Solicitam também remédios que Padre Cícero ensinava ao povo “... eu mando pedir a voça Rvma que me mande aplicar um remédio para minha filha que estar doente de uma dor de cabeça” (SILVA, 1992: 10). Essa coletânea de mais de 135 cartas e bilhetes desvela, com clareza, as necessidades do povo.

Apresentamos, em seguida, trechos que ilustram esta relação do Padre Cícero com o povo. Em carta, datada de vinte e cinco de dezembro de 1909, uma

¹ Segundo Ver LACOSTE, 2004: 885-890, verbete Inculturação. “A inculturação é definida como relação adequada entre a fé e toda pessoa (ou comunidade) humana em situação sócio-cultural particular” (LACOSTE, 2004: 885).

mulher, casada, de Estrela do Norte, cujo nome é desconhecido, pedia a benção e os conselhos do Padre Cícero. Na carta, percebe-se o seu desespero:

É neste dia maravilhoso que tomo a liberdade de vos escrever estas linhas, contidas dos maiores prazeres e tristezas que tenho sofrido!!!...Só o anno passado passei por grandes disgustos que perdi a minha idolatrada, e nunca esquecida mãe que não encontrarei mais outra nesta vida; perdi o meu único irmão que tinha tão bom que era em ser um bom irmão e bom filho era obediente p.a com seu pais, bom espôzo e bom pai de fam.a e era estimado de toda a Sociedade, perdi também o meu idolatrado Sougro Cel Jovencio q, senti e chorei muito a sua morte por ser muito bom sougro e bom pai de fa.ma deixou toudos inconsolável pela sua falta que fez a toda a humanidade. (SILVA, 1992: 7)

Além de descobrir que seu esposo a traía, além de retratar a seca que castigava a ela e seus treze filhos, pedia ao seu “padrinho” que a ajudasse para que seu marido mudasse de vida. O trecho seguinte, num português tosco, mas afetuoso, revela o carinho para com o Padre Cícero:

... pesso ao meu santo padrinho para dar um jeito nisto, para elle se mudar desta vida em que estava vivendo; não melhorando não posso viver com elle, pesso ao meu Santo Padrinho que me bote a benção a mim dar felicidade e me dar passiencia a minha família que não tenho passiencia com os meus filhos, chamo a meus filhos, porque também já a perreiam muito, porque já tenho 13 que me aperreiam de toudos os geitos por isso me agoneio e me enfezo. (SILVA, 1992: 7)

Termina a carta pedindo a benção: “Pesso ao meu adorado e santo Padrinho outra graça de me dar inverno² no meu Sítio que já faz muitos annos que não tenho o gosto de comer nada dos meus rossados, divido a falta de chuvas que temos” (SILVA, 1992: 6).

É significativo ela chamar Padre Cícero de Padrinho, o padrinho é aquele que socorre sempre seus afilhados. “Meu Santo, meu adorado”, são referências daqueles que amam e sabem que podem contar com a ajuda do padre. Outros bilhetes pedem a benção e outros, para que ele aceite ser padrinho da criança.

² Qual é a razão do pedido de inverno? É que o inverno no Norte é a estação chuvosa. Com a chuva vem a fartura.

Padre Cícero, em seus conselhos, imprimia um forte magnetismo, tinha uma voz firme e falava com autoridade. O lema que usava “Oração e Trabalho” estava sempre presente nas suas pregações e nas suas visitas. Cada casa era uma oficina, cada oficina, um oratório. Seus conselhos não se restringiam à questão da saúde, tinham uma abrangência maior, visavam resgatar a dignidade do povo sertanejo. Dizia Padre Cícero: “O homem que não cumpre o seu dever, sofre muito e é prejudicial à sociedade” (ENCICLOPÉDIA MULTIMÍDICA, 2007). Cumprir com o seu dever é não depender das esmolas, é criar condições de sobrevivência. Insistia no respeito aos idosos, pois os idosos possuem a verdadeira experiência. Padre Cícero critica aqueles que usam do poder para dominar. Relembra ainda que a verdadeira amizade está na lealdade, isso só se adquire com o tempo:

Só na velhice, pelas sinceras provas de lealdade durante toda a vida do homem, é que se pode ter convicção da verdadeira amizade”. Por isso, só aqueles que entendem o sofrimento podem lutar pela felicidade, pois sentem o sofrimento do outro. É uma consolação falar com quem sabe sentir. (ENCICLOPÉDIA MULTIMÍDIA, 2007)

Para Padre Cícero: “... sem a unidade da fé é impossível a vitalidade, a grandeza e a inexpugnabilidade de um povo, daí empenhar-se tanto em fortificar a fé do povo sertanejo” (ENCICLOPÉDIA MULTIMÍDIA, 2007)

Entender o sertanejo é, antes de tudo, respeitá-lo na sua fé, pois é através dela que o povo se expressa e constrói sua liberdade, ou seja, sua libertação. O que podemos destacar é que a ação pastoral de Padre Cícero expressa-se em vários âmbitos, sob os quais nos debruçaremos.

4.2 – Valorização dos romeiros e da mulher

Quando identificamos as dimensões pastorais presentes na vida e na ação de Padre Cícero ficam mais fáceis traçar o perfil desse sacerdote incompreendido pelo próprio clero. O atual Bispo, Dom Fernando Pânico, da diocese de Crato, ao expor as características de Padre Cícero ressalta a importância do sacerdote, das peregrinações, das romarias, mostrando também a atenção dada ao pobre e o acolhimento e respeito pela religiosidade popular:

Primeira Dimensão	Segunda Dimensão	Terceira Dimensão
A dimensão eucarístico-sacramental, pois por meio da Eucaristia e reconciliação, cuja fonte está no Sagrado Coração de Jesus, Padre Cícero, obediente ao seu chamado e sua profunda espiritualidade, levou ao povo sertanejo do séc. XIX à comunhão com Jesus eucarístico, coração que sofre com as agruras da humanidade.	A vivência da compaixão e da solicitude para com os sofredores excluídos – tradução do amor filial à Virgem Maria, que foi invocado sob o título de Nossa Senhora das Dores. Padre Cícero viveu e sentiu um povo incompreendido, ferido em sua dignidade. Instaura-se sob o símbolo de Nossa Senhora das Dores, a mãe que se compadece com o sofrimento de seus filhos. Aproxima Jesus do povo, um Jesus que possui compaixão e vive no meio do povo.	O amor ao Santo Padre, como expressão e fidelidade a Igreja local. Padre Cícero, homem lúcido e coerente com sua vocação sacerdotal, não se rebelou contra a Igreja, mas foi um ícone da unidade da fé, mostrando que é possível construir e realizar a justiça. O homem obediente esteve sempre em comunhão com a Igreja e os homens; um profeta que indicou o caminho da salvação para a própria Igreja, mostrando que era necessário buscar, junto aos pobres, a verdadeira expressão da fé.

Estas dimensões revelam a figura daquele que é um educador da fé, de uma fé inserida na vida. Fé que deve expressar-se no amor, amor como linguagem da solidariedade, da dignidade e da igualdade sem fronteiras.

Padre Cícero preocupava-se com aqueles que viviam em Juazeiro do Norte, daí o ensino do povo no sentido de criar suas próprias soluções, como, por exemplo, plantar para ter seu próprio alimento, cavar açudes para precaver-se das secas e das intempéries. Visão reveladora de sua solidariedade para com o povo simples.

Outra preocupação desse educador da fé, de uma fé para ser vivida no dia-a-dia, era com a acolhida dos peregrinos. Acolher bem os romeiros é compreender sua fala e sua linguagem, é dar espaço para o romeiro falar, é entender seus gestos

e respeitá-los. Essa acolhida generosa aos romeiros faz com que eles se sintam em casa quando vem a Juazeiro do Norte.

Não deixa de impressionar, ainda hoje, a atitude dos romeiros na Igreja Nossa Senhora das Dores. Os romeiros rezam o terço diante da Imagem da Virgem, tocando-a, olham com esperança e ternura, oferecem presentes, depositam bilhetes pedindo graças a um filho doente, a um marido alcoolista, a uma traição no matrimônio. Pede benção ao padrinho, “Padim Ciço”, por graças nos negócios e na família. Em cada olhar uma expressão de misericórdia diante dos sofrimentos, um laço estreito se realiza naquele momento. Todos reunidos em torno da mesma fé. Graças à acolhida de Padre Cícero, Juazeiro do Norte viu crescer o número de romeiros a cada ano.

A sociedade na qual Padre Cícero cresceu e viveu era extremamente machista, muito de seus gestos romperam com essa mentalidade. Talvez, o mais significativo, tenha sido o seu apoio a Beata Maria de Araújo. Ele soube acolher as mulheres, valorizando-as, como agentes de ação pastoral, no seio de uma sociedade profundamente machista.

4.2.1 – A beata Maria de Araújo: reflexo da ação pastoral

A beata Maria de Araújo nasceu no dia vinte e quatro de maio de 1863, natural de Juazeiro do Norte. Cresceu e se criou no lugar e, desde cedo, esteve sob a proteção do Padre Cícero Romão Batista, que a conheceu quando estava com apenas oito anos de idade. Desde então, passou a ser seu orientador espiritual.

Seu nome completo é Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, moça de pequena estatura, de pele negra, que vestia o hábito preto das beatas, cujas mangas lhes cobriam os braços. Filha de José Alexandre Gonçalves de Araújo e Maria Francelina de Araújo. Os poucos dotes físicos eram compensados por elevada piedade. Entregou-se totalmente a oração.

Faleceu em dezessete de janeiro de 1914, aos setenta e um anos de idade. A Igreja Católica proibiu qualquer veneração a sua memória; atualmente, muitos que moram ou visitam Juazeiro do Norte, nem sabem de Maria de Araujo.

Curiosamente, depois do seu falecimento, deu-se início às romarias em visita a seu túmulo. A Igreja Católica não satisfeita com este fato procedeu, de maneira irregular, a exumação de seu corpo. Desde então não se sabe onde a beata Maria de Araújo encontra-se sepultada. Parece ter sido um “golpe” para acabar de vez com os vestígios do “suposto milagre” ocorrido em Juazeiro do Norte. Na mesma igreja, onde se encontra sepultado o Padre Cícero, existe uma placa simbólica, indicando o túmulo da beata.

A presença da Beata Maria de Araújo na vida da cidade e do padre Cícero foi marcante. Em seqüência, transcrevemos, do Padre Cícero, sua “exposição circunstanciada” sobre a Beata Maria de Araújo ao Bispo Dom Joaquim José Vieira, datada de dia dezoito de julho de 1891. Conforme diz a transcrição dos autos do inquérito feito pela (primeira) comissão episcopal vinda a Juazeiro do Norte para a investigação dos feitos extraordinários, ocorridos com as hóstias dadas em comunhão a Maria de Araújo:

Maior fervor e generosidade na prática de todas as virtudes, que seu desejo sua contínua oração era condenar-se mais antes do que violar a virtude da castidade, consentido naquelas tentações. Maria de Araújo muito recusava-se tanto das consolações como das provações que experimentava. Já ela conhecia os ardis do inimigo. (FORTI, 1989: 6-7)

Maria de Araújo, diante do milagre da hóstia que sangra em sua boca, viu-se cercada de todos os lados, pois como mulher no século XIX, teve que enfrentar toda espécie de preconceitos, tanto das autoridades civis, como do próprio clero. Maria de Araújo era uma pessoa dócil, disponível e colaborou com os exames feitos para verificação da veracidade do fato extraordinário. Não se via em Maria de Araújo rebeldia, ocultação dos fatos ou resistência. De qualquer forma, o Bispo D. Joaquim teve seu veredicto: tudo não passava de fanatismo religioso e Maria de Araújo só foi registrada porque perturbou a ordem: “Maria de Araújo foi registrada nos documentos oficiais porque perturbou a ordem estabelecida e desempenhou um papel que não lhe foi atribuído nem pela sociedade e muito menos pela Igreja” (FORTI, 1999: 35). Pela importância que teve para Juazeiro do Norte, para o Padre Cícero e para a Igreja, olharemos mais de perto o fato.

Em 1889, na Capela de Nossa Senhora das Dores, no dia primeiro de março³, a beata Maria de Araújo ao receber a hóstia consagrada do Padre Cícero, não consegue degluti-la, pois a hóstia tinha se transformado em sangue (Cf. FORTI, 1999: 45). O fato se repetiu e a Igreja oficial reagiu com cautela, mandando dois padres para investigarem o fato. Os padres Cícero da Costa Lobo e o padre Francisco Pereira Antero assistiram à transformação no ato da comunhão, examinaram a beata e constataram que o fato era realmente “divino”. O Bispo D. Joaquim José Vieira não gostou do resultado e nomeia outra comissão formada pelos padres Antônio Alexandre e Manoel Cândido. A nova comissão agiu rápido, convocou a beata, deu-lhe a comunhão e como nada de extraordinário aconteceu, concluiu: não houve milagre. O povo, Padre Cícero e José Marrocos protestaram. Um inquérito com relatório foi enviado a Santa Sé, em Roma, que confirmou a decisão do bispo. Todos os padres que acreditavam no milagre foram obrigados a se retratarem publicamente.

Dessa forma, o milagre da hóstia transformada em sangue tornou-se, o grande “bode expiatório”, de algo mais profundo: a questão religiosa. Essa questão teve como pano de fundo os conflitos entre o poder político e o religioso entre a Igreja de Roma e o Estado Republicano, de cunho positivista e liberal: “Encontrava-se a Igreja, na época, sob ataques crescentes dos republicanos” (DELLA CAVA, 1976: 56). Embora sendo constantemente perseguido pelo Bispo D. Joaquim Vieira, Padre Cícero foi sempre fiel à Igreja e ao povo, e sua presença era mais do que um sinal evidente de Cristo no meio do povo.

4.2.2 – Romeiros: a resistência de Padre Cícero

Mesmo suspenso da ordem em 1890, sem poder celebrar missas, Padre Cícero foi a Igreja viva, presente no meio do povo. Continuava a pregar o Evangelho, a dar conselhos, a ajudar os mais simples e liderar seu povo com carinho, atenção, fé e trabalho. Continuava sendo o “Padim Ciço” de todos: “Embora o Padre Cícero não fosse conhecido nem como líder de sociedades penitentes, nem por seus dons de oratória, não resta dúvida de que o povo simples de Juazeiro

³ É interessante verificar que um fator novo e que diferia daqueles que predominaram nos anos de 1877-1879: uma mulher simples, pobre, analfabeta, seria o instrumento de Jesus Cristo, isto é, portadora do milagre.

sempre lhe atribuíra qualidades excepcionais de santidade e profecia” (DELLA CAVA, 1976: 44).

O poder de Padre Cícero não estava na oratória, nem na batina que vestia, mas na sua vida de integridade moral a serviço da justiça social. Ele assumiu o compromisso de revelar Jesus através da opção pelos pobres. Através do Milagre em Juazeiro do Norte e de sua ação pastoral junto ao povo, Padre Cícero foi sinal também de conversão: “Aí, maçons brasileiros e protestantes buscavam a absolvição e retornavam à Igreja. Saravam-se os enfermos e os fiéis fortaleciam a sua fé” (DELLA CAVA, 1976: 59).

As duas acolhidas referidas acima, a dos romeiros e a das mulheres, mais o que já apresentamos no capítulo II, nos dão a possibilidade de apresentar sinteticamente alguns princípios e valores presentes na ação pastoral do Padre Cícero:

1. A valorização da dignidade da pessoa humana, como criatura e imagem de Deus. Para Padre Cícero, todas as pessoas eram filhos e filhas do mesmo Deus;
2. Respeito à vida humana. Seu amor aos pobres revela que ele defendia a vida. Todos têm direito à vida, isto é, de crescer e de ser feliz;
3. Direito à associação, à organização para lutar pela vida e para ser inserido na sociedade como cidadãos;
4. Com o princípio da participação, valorizou as mulheres e o povo;
5. Opção pelos pobres, pelos mais fracos, pelos desprovidos e pelos desprotegidos;
6. Princípio da solidariedade, que trouxe uma nova moral para os costumes e implantou a partilha entre os necessitados;
7. Com o princípio do bem comum, empenhou todos os membros da sociedade, isto é, ninguém estava eximido de colaborar. Este item explica os diferentes diálogos realizados pelo Padre Cícero, ao longo de sua vida com os coronéis, com os ricos fazendeiros e com as autoridades políticas.

Para ele, o bem comum estava acima dos interesses pessoais, pois tinha como princípio fundamental, em sua “ação pastoral”, a verdade, a liberdade e a

justiça. Para ele, o bem comum era a razão de ser da autoridade política, como nos explica o documento sobre essa responsabilidade *Rerum Novarum*⁴. O direito de ser livre era fundamental e Padre Cícero evangelizou mostrando um Jesus que liberta e compreende o sofrimento do povo, organizou o povo na fé e buscou junto ao povo o bem-estar.

A Doutrina Social da Igreja, certamente, influenciou a atividade pastoral do Padre Cícero. A *Rerum Novarum* confirmou certas visões do padre, como a pregação sobre a partilha, que apresentava como princípio evangélico:

A esse respeito o homem não deve ter as coisas exteriores por particulares, mas sim por comuns, de tal sorte que facilmente de parte delas aos outros nas suas necessidades. É por isso que o Apóstolo disse: “Ordena aos ricos do século (...) dar facilmente, comunicar as suas riquezas. (SANCTIS, 1990: 25)

Assim Padre Cícero ensinou o povo a não acumular e sim dar o supérfluo: “Do supérfluo daí esmolas” (BÍBLIA, Lc, 11, 41). É um dever, não de estreita justiça, exceto nos casos de extrema necessidade, mas de caridade cristã. Um dever, por conseqüência, cujo cumprimento se não pode conseguir pelas vias da justiça humana, porque acima do juízo dos homens e da Lei, está o juízo de Jesus Cristo: “É mais feliz”, diz ele, “aquele que dá do que aquele que recebe”. (BÍBLIA, At, 20, 35).

Em sua “ação pastoral” tinha em mente servir àqueles que não possuíam condições tanto financeiras ou mesmo de conhecimento. Como Padre Ibiapina, Padre Cícero enxergou na caridade a promoção social, o engajamento do sertanejo na sociedade. Resumindo, quem quer que tenha recebido da divina bondade maior

⁴ Datada de 15 de maio de 1891, a *Rerum Novarum* pode ser considerada, um termo e um início: “... o remate de um árduo e longo trabalho e a alvorada de um fecundo desenvolvimento. Mergulha ela as suas raízes na Bíblia, no Antigo Testamento como no Novo Testamento, nos ensinamentos dos pensadores cristãos do século II a X” (TURMAN, 1991: 14). A *Rerum Novarum* faz uma análise da situação operária, apresentando uma crítica profunda das doutrinas e práticas tanto do Liberalismo como do socialismo e faz uma convocação a todos a se unirem para realizar uma ordem social mais justa e fraterna.

Diante da Revolução Industrial, que trouxe para o século XIX, uma nova estrutura de relações entre os empresários (donos do capital e dos meios de produção) e o operário (donos de sua força de trabalho) numa exploração da mais-valia, em detrimento da pobreza do operariado, Leão XIII apresentou um audacioso programa de política social, que tem como pontos: intervenção do Estado em defesa dos trabalhadores e na estruturação de leis sociais, proteção e aquisição da propriedade, greve, repouso dominical, limitação do tempo de trabalho, salário, poupança e repouso remunerado.

abundância, quer de bens externos e do corpo, quer de bens de alma, recebeu-os com o fim de fazê-los servir ao seu próprio aperfeiçoamento e, ao mesmo tempo, como ministro da Providência, ao alívio dos outros. Este é o cerne da “ação pastoral” do Padre Cícero, já dizia São Gregório Magno:

É por isso, que quem tiver o talento da palavra tome cuidado em se não calar; quem possuir superabundância de bens, não deixe a misericórdia entumecer-se no fundo do seu coração; quem tiver a arte de governar, aplique-se com o cuidado a partilhar dela com seu irmão o exercício e os frutos. (1760: 7)

A vivência desses valores e princípios nos ajudam a entender, sem negar outra causas, a entrada de Padre Cícero na política. Padre Cícero entrou na política numa perspectiva de levar às esferas governamentais as necessidades do povo sertanejo. Ele não tinha como pretensão o cargo em si, guiado pela visão do bem comum, favorecendo os deserdados, excluídos e marginalizados.

4.3 – Salvação: a fé como compromisso político

A ação pastoral do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, apresentou-se de duas formas interligadas: a primeira, como ação de Salvação e a segunda, como consequência da autonomia política e econômica de Juazeiro do Norte em relação a Crato.

Na visão de Padre Cícero, o anúncio evangelizador não era um mero protocolo jurídico a ser apresentado aos homens, mas um compromisso de mudança de vida: “... evangelizar é amar o homem com o amor e as atitudes de Jesus. É viver as dimensões da Páscoa Salvadora, em cada geração da história e para cada homem” (MARTINS, 1977: 63).

Para esclarecer a dimensão salvífica presente na ação política que Padre Cícero exerceu em Juazeiro do Norte, recorreremos à origem da palavra salvação.

A palavra salvação tem o sentido de libertação e está associada, no Antigo Testamento, à libertação do povo de Israel, isto é, à sua saída do Egito, de uma situação de opressão e a escravização. Diz respeito a uma futura era de felicidade,

uma esperança na vitória operada por Deus, uma libertação do poder de um inimigo político opressor ou da miséria material, que acarreta a libertação do poder social.

A salvação anunciada por Padre Cícero trouxe no seu bojo uma dimensão libertadora. Juazeiro do Norte precisava libertar-se de Crato, cidade que a oprimia, tanto no aspecto político, econômico, como religioso. Padre Cícero não foi um recrutador de seguidores “fanáticos”, mas um “proto-libertador” do povo oprimido que, buscava através de uma vivência de fé, inserida na realidade, conquistar sua autonomia. Temos nessa pastoral uma profunda junção da fé e da vida, da fé e da política.

Dessa forma, Crato deixou de ser o centro de referência para Juazeiro do Norte, porque o mesmo adquiriu uma consciência política sobre seu papel na história, consciência, essa, fundamental nesse processo de ruptura. A Igreja oficial e o poder oligárquico não tinham mais força diante da fé transformadora em ação libertadora.

Padre Cícero teve um papel fundamental como sacerdote e político, controlando e mediando os conflitos entre as tendências políticas, porque Juazeiro do Norte, cinco vezes maior do que Crato, estava à sombra do domínio cratense devido à política de impostos que ocorria no âmbito da jurisdição diocesana. A tomada de consciência se deu através de um processo irreversível. Os artesãos, por exemplo, numa postura de ruptura tinham realizado um boicote a Crato na feira semanal e se recusavam a vender seus produtos na cidade.

Assim, “Padre Cícero faz pedido ao cel. Antônio Luiz que cumprisse sua promessa de 1909, o projeto de autonomia de Juazeiro” (DELLA CAVA, 1976: 189).

Crato tinha consciência do risco e, politicamente, na tentativa de enfraquecer Juazeiro do Norte procurava gerar tensões entre os filhos da terra e os adventícios. A posição de Juazeiro do Norte de boicote teve duras conseqüências para Crato: Juazeiro do Norte autônomo quebrou a hegemonia regional de Crato; e, além disso, os comerciantes e os artesãos tiveram um fortalecimento político. No vértice dessa tensão e motivado por ela, Padre Cícero tomou a decisão de ser prefeito de Juazeiro do Norte.

Através dos jornais da época, podemos entender melhor as articulações políticas e os vários interesses políticos presentes nesse momento histórico.

Os jornais *Rebate de Crato* e o *Correio de Juazeiro*, defendiam que Juazeiro do Norte pagasse os tributos. Mas a estratégia de pressão contra Juazeiro, por parte de Crato, fracassou, em parte, por subestimar a organização política de Juazeiro do Norte. O povo sertanejo, mais amadurecido politicamente, buscava libertar-se. Tudo isso ocorreu em parte pelo processo de evangelização do Padre Cícero. (Cf. DELLA CAVA, 1976: 191). Mas, Padre Cícero estava à frente do seu tempo, como veremos a seguir.

4.4 – Padre Cícero à frente de seu tempo

As ações pastorais de Padre Cícero poderiam ser tomadas como práticas que anteciparam, ainda que palidamente, práticas pastorais pós-Vaticano II no Brasil? Esse sacerdote zeloso, que se colocou tão perto do povo e soube entender sua cultura, sua espiritualidade e seus sonhos, não nos lembra trabalhos pastorais realizados por grupos da Igreja, como membros das CEBs?

Como já tivemos oportunidade de salientar, a preocupação de Padre Cícero era unir fé e vida, defendendo os mais necessitados, porque ele sabia que o anúncio do Reino de Deus supunha a denúncia da injustiça, a defesa do homem ferido em seus direitos, para curar suas feridas e para suscitar atitudes de verdadeira conversão, tanto pessoal como social.

Não se pode esquecer a questão cultural. Padre Cícero entendeu os costumes dos sertanejos e, a partir daí, buscou evangelizar, sem impor a fé, mas mostrar que através da fé era possível transformar hábitos e costumes, que escravizavam o homem. Essa foi a tônica da “ação pastoral” de Padre Cícero. O contexto dentro do qual ele desenvolveu sua intensa atividade pastoral pode ser assim sintetizado:

O chamado a servir o povo sofrido	Separação da Igreja do Estado Republicano	A Igreja Romanizada
<p>Quanto ao chamado de Padre Cícero estava direcionado para a sua vocação sacerdotal: “opção pelos pobres, miseráveis e excluídos”. A implicação do chamado conduziu Padre Cícero a mergulhar nas necessidades do povo sertanejo, levando-o a assumir responsabilidades complexas, como, por exemplo, ter uma postura de líder político em nome do povo.</p>	<p>A separação da Igreja do Estado trouxe para a própria Igreja grandes desafios:</p> <p>a) permanecer como religião oficial, única e verdadeira, diante de outras denominações que passaram a penetrar o Brasil com a Proclamação da República;</p> <p>b) buscar seus próprios recursos econômicos, através de colégios católicos, que foi uma forma de expandir sua doutrina e sua concorrência com os protestantes.</p>	<p>Para essa nova realidade a Igreja entrou em conflito:</p> <p>a) Imposição de uma religião burocratizada, muitas vezes, distante da realidade do povo sertanejo, sofrido e abatido;</p> <p>b) Choque com o milagre da hóstia consagrada, uma realidade da fé popular no Brasil;</p> <p>c) choque em duas vertentes antagônicas: a religiosidade do povo e a religiosidade do clero.</p>

Na sua atividade pastoral, Padre Cícero se revelou como um verdadeiro líder político, defensor dos mais fracos:

E foi esta a auto-imagem que ele quis passar no seu testamento para a posteridade, não de alguém que se jactava por sua notoriedade política, mas, ao contrário, de quem justifica sua inserção na política dentro de um ideal maior, pelo qual gostaria de ficar reconhecido: como homem religioso. (CAMURÇA, 2004: 132).

Entender Padre Cícero como político ou mesmo como líder religioso é saber penetrar no coração do povo sertanejo e nas circunstâncias políticas de sua época emergentes em Juazeiro do Norte (Cf. MENEZES, 1980: 10).

Um homem público, afastado das obrigações religiosas por causa do sangramento das hóstias e por se tornar popular e querido pelo povo, Padre Cícero passou a atuar na vida política, ingressando nela por insistência de muitos amigos. Esta insistência não explica tudo, ele via a possibilidade de dinamizar os processos em curso. Juazeiro do Norte não era o mesmo sob dois aspectos fundamentais. Padre Cícero trouxe a esperança ao povo sertanejo, não o fanatismo religioso, mas uma fé engajada na realidade, ensinando-o que um povo de fé pode transformar a realidade sócio-política; mostrou uma Igreja viva e dinâmica, onde a graça era possível, um “pedaço do Paraíso”, um mundo onde o agente da história é o povo. Padre Cícero compreendeu as necessidades do povo sertanejo e, a partir daí, criou mecanismos de ação pastoral que buscassem a recuperação da esperança daqueles excluídos da sociedade, como, por exemplo, a valorização da mulher através das beatas, adotando-as nas atividades religiosas, como fez seu antecessor Padre Ibiapina.

Sendo um homem caridoso, Padre Cícero teve que procurar meios de assistir melhor o povo, pois não podia mais pregar, nem ouvir o seu povo em confissão. Mas, sua promessa a Jesus Cristo de assistir o povo para salvá-lo era definitiva.

A Igreja sabia que a vocação era pessoal e que comprometia a vocação com uma opção radical. Foi dentro dessa ótica que Padre Cícero tomou providências para tornar Juazeiro independente, livre de opressões e com autonomia política. Havia na época um movimento que tentava buscar essa autonomia, porém era desorganizado, sem liderança capaz de dar uma organicidade, como já apontamos.

Essa força veio com o Padre Joaquim de Alencar Peixoto, filho de Crato, que assumiu a condução desse movimento, lutando para a emancipação, encorajando outros cidadãos para abraçar a causa. Encontramos vários depoimentos descrevendo essa situação e mostrando quem é Padre Cícero.

Juntamente, com Padre Joaquim de Alencar Peixoto, Dr. Floro, Sr. José Joaquim Telles, Padre Cícero participou do movimento. Dele se diz muita coisa, como o depoimento de D. Generosa, ilustra bem:

Por que Lampião veio para o Nordeste?

Ela diz: veio em conseqüência da Coluna Prestes, foi convidado por Floro Bartolomeu que era político, que representava o Padre Cícero que era Deputado Federal da época, Lampião disse: Ó Padim eu não posso deixar o cangaço, porque sou responsável pelo povo, Lampião era um capitão, tinha várias colunas, era um exército e ele se sentia responsável para com o povo, eu não posso deixar por isso, e Padre Cícero não tinha o direito de pedir a Lampião que deixasse ou obrigá-lo a deixar aquela vida de cangaço. Se Padre Cícero fosse revolucionário ele tinha fundado a religião no nordeste, a religião que ele quisesse todo nordeste atrasado, mas ele sofreu até o fim na religião Católica. (ENCICLOPÉDIA MULTIMÍDIA, 2007)

Dr. Mauro Sampaio acrescentou:

Transportou aqui a Juazeiro do Norte o centro da fé nordestina, pela pregação religiosa da qual a Fraternidade, o amor e o perdão era a tônica das suas pregações o que diferenciava a Igreja de então que era a fé pelo temor pelo horror que reinava na época. Então Padre Cícero além dessa posição religiosa assumida ele também exerceu um papel importantíssimo político, combateu a internacionalização da Amazônia, defendeu o nacionalismo tudo aquilo que foi chamado e também as coisas do nosso Estado, onde foi eleito e elegeu deputado federal, embora nunca tomasse posse. (ENCICLOPÉDIA MULTIMÍDIA, 2007)

Juazeiro contou com o Dr. Floro Bartolomeu Costa, que veio do Estado da Bahia, médico formado, que se tornou um baluarte na causa de Juazeiro do Norte. O movimento também contou com a ajuda do ex-seminarista o Sr. José Joaquim Teles Marrocos, nascido em Crato Eis os líderes com os quais o movimento conseguiu ganhar forma e força, crescendo e gerando tensões.

Numa reunião, na casa do Major Joaquim Bezerra Menezes, discutiu-se que Padre Cícero não deveria participar do movimento, pois entendiam que Padre Cícero não iria combater sua cidade mãe. Na verdade, essa idéia veio do próprio Padre Alencar Peixoto, que tinha como segunda intenção, não deixar Padre Cícero como líder para futuras posições políticas. Para surpresa dos presentes, Padre Cícero diz: “Sou filho de Crato, mas Juazeiro é meu filho” (MENEZES,1980: 11)

Juazeiro ao tornar-se um Centro Religioso, com grande afluxo de romeiros, passou a incomodar Crato. No dia sete de setembro de 1910, o movimento em comemoração ao aniversário de Independência (1822), chegou a conclamar a Independência de Juazeiro do Norte. A partir daí Juazeiro estava firme no propósito

de sua política emancipada, através da lei nº. 1028⁵, do dia 22 de julho de 1911, foi declarada a emancipação de Juazeiro.

Esses fatos levaram o povo a escolher Padre Cícero o primeiro prefeito de Juazeiro do Norte. Padre Cícero tinha um propósito, como ele afirma: “... evitar que o Juazeiro fosse parar em mãos impróprias”. (MENEZES, 1980: 11). Consciente de que muitos dos que diziam lutar por Juazeiro, queriam na verdade projetar-se ao cargo de prefeito usando a imagem dele. A atitude do Padre Alencar Peixoto confirmou a suspeita do Padre Cícero. Ele desejava ser prefeito e, sentindo-se desprivilegiado, foi embora da cidade e tornou-se inimigo de Padre Cícero e da cidade de Juazeiro do Norte. Pode-se perguntar: teria a veneração ao Padre Cícero se dado em virtude do seu engajamento político?

Pelas leituras feitas e pelas entrevistas realizadas em Juazeiro do Norte⁶ diria que para responder esta questão, temos que ter presente os seguintes aspectos ou pontos:

PRIMEIRO ASPECTO	SEGUNDO ASPECTO	TERCEIRO ASPECTO
Refere-se à questão da evangelização realizada por Padre Cícero. Essa evangelização estava ligada à promessa de libertar o povo de tudo aquilo que o escraviza e o oprime.	Referia-se à sua consciência das necessidades do povo, em todas as suas “ações pastorais”, Padre Cícero era um grande profeta e denunciou e anunciou a justiça. Conhecedor da realidade e desejo do povo sertanejo.	Referia-se como o grande “nervo” de sua ação: criar uma mentalidade religiosa que buscasse, através da fé, o comprometimento com o processo libertador, tornando-se o proto-libertador dos marginalizados.

⁵ Essa lei, proporcionava a Juazeiro sua autonomia em relação ao Crato, tornando dessa forma o sonho do povo, autonomia política, econômica. Daí o apoio do povo a Padre Cícero e sua própria decisão de tornar-se prefeito para conduzir a Independência de Juazeiro evitando dessa forma que caísse em mãos erradas.

⁶ Estive em Juazeiro do Norte de seis de outubro a trinta de outubro de 2007, quando entrevistei Fátima Menezes, neta do advogado e braço direito de Padre Cícero. Mulher gentil e de grande sabedoria, bem como proprietária de um acervo pessoal sobre Padre Cícero. Também entrevistei o povo que caminhava no Horto, devotamente.

Esses aspectos são os alicerces da veneração ao Padre Cícero. Não se quer dizer que a questão política não tenha contribuído. Quando prefeito, ele não assumiu, foi Floro Bartolomeu quem governou. Ele tinha em mente a educação do povo na fé, uma fé associada ao trabalho, como instrumento de transformação social.

Ainda, na política, Padre Cícero ocupou também o cargo de vice-presidente do Ceará e foi eleito ainda deputado federal, porém sem nunca ter tomado posse do cargo. Diante dessa realidade era visível a postura de Padre Cícero, enquanto político: ele queria a busca da defesa do povo oprimido e a sua libertação. Nesse sentido, foi um verdadeiro revolucionário em relação à sua época, porque assumiu seu ministério em favor do povo sertanejo.

A sedição de Juazeiro do Norte deve ser vista nessa perspectiva libertadora, não como separação da Igreja ou mesmo como o nascimento da Igreja dentro da Igreja. É interessante observar essa vontade popular em relação aos acontecimentos extraordinários ocorridos na época do milagre das hóstias consagradas. O povo acreditou na figura de Padre Cícero, pela sua dedicação pastoral e pelo seu próprio testemunho de vida.

Padre Cícero, na ótica do povo, foi sempre um santo, justamente porque esteve ao lado dos mais desprovido: “Quando se ama e se admira a alguém, é natural a tendência de atribuir a essa pessoa qualidades e poderes excepcionais, sobretudo, quando se tem uma imaginação rica”. (VERGOTE, 1988: 14-15). É nessa perspectiva que devemos entender Padre Cícero, isto é, na ótica do povo. Essa é a visão que se deve ter de Padre Cícero, ou seja, um santo para o povo, também um verdadeiro revolucionário da fé, pois também preservou no povo sua manifestação religiosa.

Esquemáticamente, pode-se pensar nos seguintes passos da ação pastoral que Padre Cícero realizou:

1º Passo	2º Passo	3º Passo	4º Passo
Lançar a rede e trabalhar pelo crescimento da comunidade (Jo, 13,4-5)	Todo serviço requer o contato com Deus, Jesus ensina a rezar: (Jo, 17, 1-6).	É o chamado para o grande desafio: anunciar o novo, os discípulos deixam tudo e segue Jesus. (Mt, 18-21).	A construção de uma nova mentalidade, crescimento de uma nova perspectiva de fé. (Mt, cinco, 13-16); (Mt, cinco, 17-19).
O serviço. Estar preparado para servir o outro. O exemplo vem de Jesus (cingiu-se a cintura, vestiu a veste de escravo para lavar os pés de seus discípulos).	Orar. Padre Cícero também orou e ensinou o povo a rezar, porque quando oramos pela comunidade estamos pedindo ao Pai para ele se tornar forte pela Palavra. Padre Cícero em suas visitas domiciliares ensina essa força da oração.	Padre Cícero obedeceu ao chamado de Jesus para cuidar do povo sofrido. Lançou a rede e trabalhou para a construção de um novo Juazeiro do Norte, uma nova comunidade. Daí a expressão Nova Jerusalém. Este é o grande desafio.	Padre Cícero era Sal da terra e Luz do mundo. Nessa perspectiva, a lei dos homens não podia substituir a lei divina para Padre Cícero em sua “ação pastoral”. Jesus veio anunciar o novo.

4.5 – Uma pastoral libertadora

Padre Cícero nos deixou como herança e legado, em primeiro lugar, o testemunho de vida através de sua vivência do Evangelho, que nos revelou um amor que não conhece fronteiras e nem definições restritivas. Ele levou aquele que ama, a ponto de entregar a própria vida pelo bem dos outros. Superou tudo e foi acima e

além da linha do dever. Podemos até dizer que esta atitude era extravagante e absurda, mas o Reino de Deus não era para os medíocres.

O bem foi o centro da evangelização para Padre Cícero, uma vez que na sua prática se conquistava a verdadeira liberdade. “Crato não soube ler os sinais dos tempos, pois estava preocupada em ser porta-voz da religião oficial. Para a Igreja de Crato, os devotos de Juazeiro eram “fanáticos ignorantes”, que desobedeciam às ordens do Bispo e inventavam crenças sem fundamentação na doutrina católica”. (LOPES, 2000: 34). Para Padre Cícero, o povo precisava de uma direção para buscar seu processo de libertação da fome, da miséria e da falta de perspectiva. Ele reativou e incentivou o povo a buscar sua transformação, ensinando-o a ser livre e senhor de sua fé. Uma fé que não estava engessada pelo sistema cratense, mas uma fé baseada em Nossa Senhora da Dores e no Sagrado Coração de Jesus.

A verdadeira ação pastoral era aquela que se comprometia com a transformação no modo de pensar e nas atitudes, nesse sentido devia-se a mudança de atitudes do povo sertanejo no tocante às superstições. Ele ensinou o povo a rezar e trabalhar para a construção de sua comunidade. Em outras palavras: ensinou o povo a arregaçar as mangas e colaborar na construção do Reino de Deus. A comunidade deixa de ficar olhando para o céu, boquiaberta, sem horizontes, esperando o Senhor, como na passagem.

Portanto os que se haviam congregado lhe perguntavam, dizendo: Senhor, dar-se-á caso que restituas neste tempo o reino de Israel? E ele lhes disse: Não é para vós saber já os tempos, nem momentos, que o Pai reservou ao seu poder: mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que descera sobre vós, e me sereis testemunhas em Jerusalém e em toda a Judéia, e Samaria, e até às extremidades da terra.

E tendo dito isto, vendo-o eles, se foi elevando: e o recebeu uma nuvem que o ocultou a seus olhos. E como estivessem olhando para o céu ele ia subindo, eis que se puseram ao lado deles dois varões com vestiduras brancas.

Os quais também lhes disseram: Varões galileus, que estais olhando para o céu? Este Jesus que, separando-se de vós foi assunto ao céu, assim virá, do mesmo modo que o haveis visto ir ao céu. Então voltaram para Jerusalém desde o monte, que se chama do Olivai que está perto de Jerusalém à distância da jornada de um sábado. (BÍBLIA, At, 1, 6-11)

A comunidade não podia ficar de braços cruzados, acomodada, esperando passivamente pelo dia do Senhor. Era preciso agir, descruzar os braços,

testemunhar com a vida e a prática que o “reino de Deus já está no meio de nós”. Este era o fundamento da ação transformadora, que percebia os sinais de Deus no tempo, porque está aberto a Deus: Procurar o Reino de Deus é acreditar, que esse Reino é construído no aqui e agora. Perspectiva que Padre Cícero tinha em relação ao povo.

Olhar para o povo que não tem perspectiva de vida por causa de seus sofrimentos, como a fome e a miséria, sem ter compaixão é deixar de buscar a justiça. Padre Cícero comprometeu-se diante desses desafios. Ele olhou o povo sertanejo em sua necessidade, com um o olhar que não significava simplesmente ver, perceber, enxergar, mas possuía o sentido de um encontro existencial. A hipótese que defendemos é que Padre Cícero engendrou em sua época, um jeito de ser da Igreja, premissa remotíssima das CEBs.

Padre Cícero olhou para o povo decaído em sua miséria e o levantou para a transformação de sua vida material e de fé. Fé consciente, que luta e busca novos caminhos: “Então o Senhor se voltou, e olhou para Pedro” (BÍBLIA, Lc, 22, 61). Que olhar é este? Um olhar que levanta para a tomada de consciência. Esse foi o olhar de Padre Cícero para com os sertanejos, que trouxe um incentivo para lutar contra àqueles que oprimem.

Sua “ação pastoral” libertadora direcionava-se ao amor e à assistência aos pobres, desde sua ida a Juazeiro, onde os alimentou e promoveu a inserção destes na sociedade através do trabalho. O amor e a dedicação para com os sofredores são duas das características mais marcantes de sua trajetória sacerdotal.

É a compaixão pelos sofredores e pelos pecadores, que o levou a acolher a todos sem criar diferenças, marcando, dessa forma, sua coragem, paciência e resignação. Mesmo sendo perseguido pela Igreja de Crato (Diocese), manteve o espírito ativo, convocando o povo sertanejo à luta para transformação política e religiosa em Juazeiro do Norte.

Duas características sobre o papel da missão, nos ajudam entender melhor a pessoa de Padre Cícero em sua “ação pastoral”, como “proto-libertador” do povo sertanejo, que definem bem sua proposta de comunhão. Essa comunhão não era algo romântico, meramente emocional ou mesmo colocada na esfera paradisíaca,

trans-histórica, mas antes de tudo ele era sinônimo de questionamentos, de luta e de libertação.

Assim, a missão se definiu: em primeiro lugar, pelo anúncio que levou à conversão, comprometia-se com a comunidade e lançou a “semente” e o serviço da libertação; em segundo lugar, pela denúncia, comprometendo-se com o povo. É a dissolidarização do poder opressor e o incentivo a novos projetos, nos quais a inserção do povo era a meta principal. Ao mesmo tempo em que se anunciava um novo modelo de Igreja, ou seja, uma Igreja comprometida com a causa do povo desprovido e lançou o povo como agente transformador de seu processo histórico, ou seja, na construção de uma nova sociedade. Por isso, Juazeiro do Norte ficou conhecida também como a Nova Jerusalém, porque o povo encontrou sua identidade, sua esperança, quando se uniu ao Padre Cícero.

Em sua “ação pastoral”, o anúncio evangelizador não era um mero protocolo jurídico a ser apresentado aos homens, mas um compromisso com o comprometimento de mudança de vida: “Evangelizar é amar o homem com o amor e as atitudes de Jesus. É viver as dimensões da Páscoa salvadora, em cada geração da história e para cada homem” (MARTINS, 1977: 63).

Ao contrário da tradição evangelizadora do missionário do século XIX, em Juazeiro do Norte, Padre Cícero apresentou um Deus que não fica ligado a um lugar, Ele incentiva e acompanha a caminhada histórica, rumo a novos horizontes. Em outras palavras, um Deus não sedentário que incentiva o povo a sair de situações estabelecidas (Cf. BLANCK, 2005: 56).

Padre Cícero articulou junto ao povo sertanejo a Nova Páscoa, a libertação das amarras do poder que escraviza. Embora se notasse um discurso conservador, ele revelou o paradoxo de sua prática subversiva em três dimensões:

Primeira Dimensão	Segunda Dimensão	Terceira Dimensão
Revela um Deus que se dirige aos homens.	Revela um Deus comprometido com a mudança.	Revela um Deus que não está ao lado do poder, um Deus que não fixo.

A chave de leitura do processo de libertação do povo passa necessariamente pela conscientização do mesmo, que o leva a compreender a realidade e o desejo de transformá-la. Padre Cícero tinha essa compreensão, via de um lado a necessidade do povo sertanejo, sua miséria e sua exclusão social, como também a política local, cheia de intenções de controle. O advento da República deu continuidade aos vícios da época Imperial, em que as bases não participavam da vida política, que continuavam dependentes de pequenos grupos.

Nesse sentido, a “ação pastoral”, realizada por Padre Cícero, encontrava-se inserida num contexto histórico, que requeria uma ação transformadora, pois, se tinha de um lado os grandes proprietários de terras, com suas famílias tradicionais, de outro um povo marcado pela exclusão da terra, vivendo em situação de sem-terras. A sensibilidade pastoral de Padre Cícero manifestou-se ao abrir seu coração a todo tipo de sofrimento, seja a cruz individual de cada pessoa humana, seja a cruz coletiva. Um coração que se contraiu e se distendia diante das alegrias e das tristezas que o circulavam. Padre Cícero tinha, para com todos, um toque amigo, uma palavra, uma visita, um olhar, que eram frutos dessa sensibilidade.

Sua solidariedade era concreta: mão que se estendia às situações de emergência, de extrema pobreza e de fome. Pois não basta ser sensível, é preciso descruzar os braços, arregaçar as mangas e passar à ação: “Partir da realidade é saber que Deus está atuando nas pessoas, desde sempre. Nunca com ninguém, nem em lugar algum se começa do zero” (MARTINS, 1976: 36). Por sua postura crítica tornou-se um autêntico profeta. Sua crítica contundente a um sistema sócio-político-econômico, que, por um lado, concentrava poder, saber e riqueza e, por outro, condenava à exclusão social, era constante. Daí o ponto de contradição que o profeta realizou diante da estrutura sócio-elesial.

Essa atitude profética retirou sua força de uma espiritualidade e de um místico, fruto de uma intensa vida interior.

Seu coração misericordioso deixou-se interpelar pelo clamor do povo oprimido e pelo chamado de Deus que convidava a uma ação libertadora. Ação geradora de vida e vida mais plena. Uma espiritualidade profunda integrou e tornou mais fecunda a sensibilidade, a solidariedade e o profetismo. Aqui encontramos o sentido da “ação pastoral de Padre Cícero”. Era um homem de oração e trabalho. Sua devoção a

Nossa Senhora das Dores chegou aos ouvidos e ao coração do povo, que costumava afirmar, com está escrito em sua casa acima de sua estátua: “Depois da minha morte continuem venerando e amando sempre a Santíssima Virgem Mãe de Deus, único remédio de todas as nossas aflições” (PERRINI, 2000: 2). Daí nasce sua oração que se tornou clássica, a “Oração à Nossa Senhora das Dores”:

Mãe de Deus, mãe soberana, mãe das Dores,
De hoje para sempre eu me entrego a vós,
Como filho e servo.
Consagro ao vosso serviço minha alma,
O meu corpo e tudo que me pertence.
Abençoi a minha família,
Os meus trabalhos, os meus haveres.
Sede minha protetora na vida e conduzi-me ao céu
Para viver feliz por toda a eternidade. (PERRINI, 2000: contra-capá)

Pode-se dizer que a pastoral de Padre Cícero estava enraizada no contexto histórico da época e no contexto sacerdotal, que caracterizou sua trajetória no seio da Igreja, à qual procurou ser fiel. Padre Cícero, na sua atividade pastoral, demonstrou profundo amor e dedicação ao povo pobre. Orientou-o na vida espiritual e conciliando os três aspectos da missão jesuânica, procurou levá-lo a construir o Reino de Deus no aqui e agora.

Como passo importante para realizar uma ação pastoral inserida e comprometida com as causas sociais, Padre Cícero viveu a compaixão e a solicitude para com os sofredores, oferecendo-lhes condições para transformarem sua realidade. É nessa perspectiva que podemos buscar fundamentos de uma pastoral libertadora comprometida com a transformação da realidade.

CONCLUSÃO

Olhando a construção histórica do Nordeste brasileiro, encontramos diversas realidades que se chocam entre si. Numa visão panorâmica, visualizamos a diversidade cultural da realidade.

O presente trabalho nos leva a compreender o contexto histórico em que padre Ibiapina e padre Cícero estavam inseridos. No primeiro capítulo, mostra-nos o contexto histórico, retratando a realidade geográfica da região do Cariri, compreendendo a realidade do Nordeste, bem como sua origem e a riqueza da terra. O crescimento agro-pastoril, bem com as tensões que eram freqüentes na região, gerando duas classes, que mantinham relações dialéticas, de um lado, o povo sofredor, e do outro, a elite agrária. Compreendemos também a influência do liberalismo na vida política do Brasil e, em especial, no Nordeste. A contradição entre riqueza e pobreza, que está presente no povo sertanejo. Um olhar na República que traz para o interior nordestino um conflito, gerado pela separação entre Estado e Igreja, retratando, dessa forma, as tensões que se processam na realidade popular, fruto das contradições, de um lado, entre o catolicismo da Igreja oficial e, de outro, o catolicismo popular.

No segundo capítulo, analisamos a trajetória de padre Ibiapina, destacando assim, sua trajetória enquanto advogado, político e, até, chefe da polícia. Nessa trajetória, analisamos sua mudança radical, quando se inseriu na causa do pobre sertanejo, desencadeando uma trajetória que teve como desfecho sua ordenação sacerdotal. Sua missão está ligada diretamente com sua visão religiosa que é expressa na construção das Casas de Caridades. Também apontamos seu caráter missionário, sua autonomia diante da pressão da Igreja oficial e seu comprometimento com a causa do povo oprimido, espoliado e marginalizado da sociedade, onde os donos de terra e a aristocracia formam a grande elite do Nordeste.

No terceiro capítulo, fizemos uma análise da trajetória de Padre Cícero, sua família, suas dores e seu processo de formação, no seminário de Fortaleza, onde recebe instruções conservadoras dentro da concepção tridentina. Compreendemos a realidade do chamado, quando Jesus Cristo mostra para Cícero, o quanto o povo

sertanejo é desprezado pelo sistema político, econômico e social. As contradições e as tensões que recaem sobre padre Cícero, reflexo dos conflitos entre o catolicismo oficial e o catolicismo popular. Cícero, um sacerdote, inseriu uma educação religiosa no povo sertanejo, sem ferir ou desrespeitar a religiosidade popular, mas ao contrário, levou o povo a pensar na história, ou seja, transformando-os, deixando que eles vivessem passivamente sua realidade, para que se tornassem agentes de sua própria história.

No quarto capítulo, analisamos padre Cícero, com sua formação tridentina, porém muito a frente de sua época. Com sua prática pastoral, buscou a inserção do povo sertanejo, pobre e esquecido, na vida, no dia-a-dia, numa perspectiva de transformação social. Comprometido em buscar um compromisso de vida e de esperança para o povo oprimido, tanto pelo sistema político da época, como pela fatalidade da natureza, como, por exemplo, as secas, as doenças e as epidemias, que assolavam o povo nordestino. Nessa realidade do nordeste, Padre Cícero se faz presente na vida do povo, acolhendo, ensinando e amando o próximo. Com sua prática pastoral, procurou trazer, para o povo, a inserção social. O que fez dele um verdadeiro “proto-teólogo” da libertação. Nesse contexto, padre Cícero tornou-se prefeito pela pessoa que ele representava para o povo, não como um homem político, mas um homem que soube enxergar a miséria do povo sertanejo. Essa devoção era expressa, pela postura, pelo testemunho e pela vida de Padre Cícero, em outras palavras, era assim que o povo expressava sua devoção a Padre Cícero.

Nossas hipóteses foram corroboradas, uma vez que na sua “ação pastoral”, Padre Cícero deixou-se influenciar pela política dos coronéis. Entende-se, então, a ruptura com Crato, pois era dessa cidade que veio a repressão ao povo e a Padre Cícero. Também Padre Cícero, em sua “ação pastoral”, antecipou um modo de ser da Igreja, uma Igreja popular. Ressaltar as práticas pastorais de Padre Cícero, mostrando, num primeiro momento, que os coronéis viam em Padre Cícero um homem comprometido com a causa social, que não estava passivo diante deles, mas comprometido com o bem-estar da sociedade. A postura de padre Cícero era construir um Juazeiro do Norte que tivesse sua liberdade enquanto cidade e não submissa a um sistema de impostos e de atraso social. Essa luta de padre Cícero, custou-lhe sua suspensão de ordem, a partir do momento em que se chocam

interesses antagônicos com Crato, uma cidade que representava o pólo comercial, sede episcopal e centro do catolicismo oficial na figura do Bispo Dom Fernando.

Os objetivos alcançados refletem dois grandes processos: o primeiro, destacando a educação recebida no seminário de Fortaleza, que mesmo sendo tridentina, não impediu Padre Cícero de seguir a sua vontade e a sua vocação, para a qual foi chamado: servir o pobre oprimido e marginalizado; segundo, sua autonomia diante da estrutura oficial da Igreja e da própria sociedade, onde a elite agrária era a condutora e explorava o povo pobre sertanejo. Padre Cícero, em sua autonomia, inseriu-se nessa realidade com o propósito de transformação da mesma.

Os limites do trabalho foram os seguintes: o contexto histórico, no interior do qual a dissertação poderia aprofundar as relações entre fé e transformação para a libertação, consciente de que a fé tem um desenvolvimento na esfera social e política. O presente estudo proporciona novos pontos a serem trabalhados, como, por exemplo, a visão teológica da ação pastoral de padre Cícero, numa perspectiva de uma teologia do povo. E mais, é possível estabelecer alguma relação entre as ações do Padre Cícero e a devoção popular a esta figura? Qual a realidade geográfica, política, econômica e social nessa época? Qual a força transformadora da fé do povo? Essas são questões a serem respondidas em futuros trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

AZZI, Riolando. *A Teologia Católica na Formação da Sociedade Colonial Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *O Estado leigo e o projeto Ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. *A cristandade colonial: um projeto autoritário*. São Paulo: Paulus, 1987.

_____. *O Catolicismo popular*. Petrópolis: Vozes, 1978.

ALGRANTI, L.M. *Honradas e devotas*. Mulheres da Colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil (1750-1822). Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

BARRETO DE SÁ, Francisco Murilo. *Padre Cícero*. São Paulo: Loyola, 2002.

BARROS, Luitigard Oliveira Cavalcanti. *Anais do seminário 150 anos de Padre Cícero: Padre Cícero e a Religião*. Fortaleza-Juazeiro do Norte, 1994.

BARBOSA, Geraldo Menezes. *O Padre e o Romeiro*. Juazeiro do Norte: Editora Royal, 1997.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BRUGGEMANN, Walter. *A Terra na Bíblia dom, promessa e desafio*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986

CASTILHO, José Manuel Sanz Del. O Movimento da Reforma e a “paroquialização” do espaço eclesial do século XIX ao XX. In: Fernando Torres Londoño (org.). *Paróquia e comunidade no Brasil: perspectiva histórica*. São Paulo: Paulus, 1984, p. 91-130.

CALMON, Pedro. *História social do Brasil: espírito da sociedade colonial*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CONTRIM, Gilberto. *História do Brasil*. 10ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CHEILA, *Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres*. São Paulo: Paulinas, 1984.

COMBLIN, José. *Instruções Espirituais do Padre Ibiapina: “a oração dos pobres”*. São Paulo: Paulus, 1984.

CHICOLI, Emerson de Souza. *Padre Cícero: o intelectual Orgânico*. São Paulo: UNIFAI, 2005.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder: formação do padroado brasileiro*. 6ª ed. Porto Alegre: Globo, 1984.

FELLER, Vitor Galdino. *A Revelação de Deus a partir dos Excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. *Soldados e negociantes na Guerra do Paraguai*. São Paulo: Humamitod - FAPESP, 2001.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. *A beata do milagre*. 2ªed. São Paulo: Annablume, 1991.

GUICCI, Guilherme. *Sem Fé, Lei ou Rei. Brasil (1500-1532)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

GONÇALVES, Caludio Ubiratan. *A Geografia do Ethos Capitalista no Cariri Cearense. Cadernos do CEAS*. Centro de Estudos e Ação Social, São Paulo, 2006.

HOORNAERT, Eduardo. *Crônica das Casas de Caridade fundadas pelo Padre Ibiapina*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas – Loyola, 2004, p. 885-890.

LIBÂNIO, João Batista. *O que é Pastoral*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

MADEIRA, Maria Das Graças de Loiola. *Entre Letras e Agulhas: a Pedagogia Feminina Das Casas de Caridades do Padre Ibiapina – Sertão Cearense (1855-1883)*, 2003. 280p. Tese (Doutorado em História) Fortaleza. Universidade Federal do Ceará.

MENEZES, Fátima. *Padre Cícero do Milagre à Farsa do Julgamento*. Recife: Editora Eletrônica: Jônatas Campos, 1998.

_____. *Beata Mocinha: Governanta e Tesoureira da Casa do Padre Cícero (Documentos e depoimentos)*. Juazeiro do Norte: H.B – Gráfica , 1980.

MELO, Antônio Joaquim (Bispo). *A Igreja Paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987.

FIGUEIREDO NETO, João Silvino. *À Força da Esperança: uma leitura Antropológica Pastoral dos Romeiros de Juazeiro do Norte*. São Paulo: ITESP, 2005.

OTTEN, Alexandre H. *Só Deus é Grande*. São Paulo: Loyola, 1990.

_____ “Deus é Brasileiro”. Uma leitura teológica do catolicismo popular tradicional. *Vida Pastoral*, São Paulo, p.15-23 nov-dez, 1999.

PERINI, João Carlos. *Meu Padim: “Um lindo guia para a Romaria do Céu”*. Casarão do Padre Cícero. Juazeiro do Norte: Folhetim, 1979.

PANICO, Dom Fernando. *Carta Pastoral: Romarias e Reconciliação*. Crato, fev 2003.

PIXLEY, Jorge. *A História de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1996.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. *Entre A Penitência Do Corpo E O Corpo Em Festa: Uma Análise Das Missões No Ceará (1860-1883)*, 2003. 243 p. Dissertação (Mestrado em História) Fortaleza. Universidade Federal do Ceará.

ROSSELLINI, Pasolini. *Instituto de Desenvolvimento Cultural*. Porto Alegre | Abril – Junho, 1978. Cultura e Fé, Editora La Salle, 1978

SOARES, Luiz Carlos. *O “Povo de Cam” na Capital Brasil: escravidão urbana no Rio de Janeiro no século XIX*. Rio de Janeiro: FAPERJ - 7 letras, 2007.

SERBIN, Kenneth P. *Padres, Celibatos e conflito social – Uma História da Igreja no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Antonor de Andrade. *Padre Cícero: Sacerdote Médico e Conselheiro*. Salvador;. Editora Escolas Profissionais Salesianas da Bahia, 1992.

VORVELEYN, Joseph. *1º Simpósio Internacional: Padre Cícero e os Romeiros de Juazeiro do Norte*. Ceará, 1990.